FRoNteiRA

Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Grão-chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Vice-reitora: Patrícia Bernardes

Assessor Especial da Reitoria: José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Paulo Roberto de Sousa

Pró-reitores: Extensão - Wanderley Chieppe Felippe; Gestão Financeira - Paulo Sérgio Gontijo do Carmo; Graduação - Maria Inês Martins; Logística e Infraestrutura - Rômulo Albertini Rigueira; Pesquisa e de Pós-graduação - Sérgio de Morais Hanriot; Recursos Humanos - Sérgio Silveira Martins; Arcos - Jorge Sundermann; Barreiro - Renato Moreira Hadad; Betim - Eugênio Batista Leite; Contagem - Robson dos Santos Marques; Poços de Caldas - Iran Calixto Abrão; São Gabriel – Alexandre Rezende Guimarães; Valle; Serro e Guanhães - Ronaldo Rajão Santiago

editora PUC Minas

EDITORA PUC MINAS

Direção e coordenação editorial: Mariana Teixeira de Carvalho Moura

Comercial: Paulo Vitor de Castro Carvalho

Conselho editorial: Edil Carvalho Guedes Filho; Eliane Scheid Gazire; Ev'Angela Batista Rodrigues de Barros; Flávio de Jesus Resende; Jean Richard Lopes; Leonardo César Souza Ramos; Lucas de Alvarenga Gontijo; Luciana Lemos de Azevedo; Márcia Stengel; Mariana Teixeira de Carvalho Moura; Meire Chucre Tannure Martins; Mozahir Salomão Bruck; Pedro Paiva Brito; Sérgio de Morais Hanriot.

EDITORA PUC MINAS • Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Rua Dom Lúcio Antunes, 180 • 30535-630 • Coração Eucarístico
Tel: (31) 3319.9904 • Belo Horizonte • Minas Gerais • Brasil
e-mail: editora@pucminas.br

ISSN: 1679-5377

FRoNteiRA

Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais

Pontifícia Universidade
Católica de Minas Gerais
PUC Minas Curso de Relações Internacionais

Belo Horizonte
v. 24 n. 47
p. 1 - 191
1° sem. 2025

FRoNteiRA

Conselho Executivo
Prof. Javier Alberto Vadell
Prof. Leonardo César Ramos

Estagiários
Ana Rachel Simões Fortes
Fabiana Freitas Sander
Júlia Clara Lúcio de Araújo
Juliana de Faria Campos
Marina D'Lara Siqueira Santos
Matheus de Abreu Costa Souza
Pedro Diniz Rocha
Rafael Bittencourt Rodrigues Lopes
Vinícius Tavares de Oliveira
Victor de Matos Nascimento
Yasmin Maia de Paiva

Conselho Editorial
Alexandre César Cunha Leite (Universidade Estadual da Paraíba)
Amado Luiz Cervo (Universidade de Brasília)
André Luiz Reis da Silva (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Antônio Carlos Lessa (Universidade de Brasília)
Antônio Jorge Ramalho da Rocha (Universidade de Brasília)
Carlos Augusto Canedo (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)
Carlos Aurélio Pimenta Faria (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)
Clóvis Brigagão (Universidade Cândido Mendes)
Domício Proença Júnior (Universidade Federal do Rio de Janeiro
Eduardo José Viola (Universidade de Brasília)
Eugênio Diniz (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)
Flávia de Campos Mello (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
Henrique Altemani (Universidade Estadual da Paraíba)
João Pontes Nogueira (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)
José Flávio Sombra Saraiva (Universidade de Brasília)
Léa Guimarães Souki (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)
Leonardo Nemer Caldeira Brant (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)
Marcelo Galuppo (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)
Maria Elizabeth Marques (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)
Maria Izabel Valladão de Carvalho (Universidade de Brasília)
Miriam Gomes Saraiva (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
Mônica Herz (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)
Nizar Messari (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)
Onofre dos Santos Filho (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)
Oswaldo Bueno Amorim Filho (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)
Paulo José dos Reis Pereira (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
Paulo Luiz Moreaux Lavigne Esteves (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)
Ricardo Seitenfus (Universidade Federal de Santa Maria)
Taiane Las Casas Campos (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)
Tullo Vigevani (Universidade Estadual Paulista)

Apoio
Departamento de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas)
Chefe do Departamento: Chyara Salles Pereira

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

F935 Fronteira: Revista de Iniciação Científica. – v.1, n.1 (2001). – Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2001- .
v.
ISSN 1679-5377
Semestral
1. Relações internacionais - Periódicos. I. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Curso de Relações Internacionais.
CDU: 327(05)

SumáRio

Fazendo o deserto apodrecer: Greenwashing, a aniquilação da memória palestina e a solidificação da soberania de Israel. 7

Making the desert rot: Greenwashing, the annihilation of Palestinian memory, and the solidification of Israeli sovereignty.

Haciendo que el desierto se pudra: Greenwashing, la aniquilación de la memoria palestina y la solidificación de la soberanía de Israel.

Ana Laura Baia de Morais, Kaillany Azevedo Batista

La ayuda humanitaria durante la Guerra Civil Española (1936-1939): análisis de la contribución de las organizaciones internacionales en la crisis humanitaria y migratoria en España 24

A ajuda humanitária durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939): uma análise da contribuição das organizações internacionais na crise humanitária e migratória da Espanha

Humanitarian aid in The Spanish Civil War (1936-1939): an analysis of the contribution of international organizations during Spain's humanitarian and migration crisis

Henrique do Bomfim Braga Chaves

A Construção de uma Ameaça: uma Análise do Processo de Securitização da Pirataria Somali.....50

The Construction of a Threat: An Analysis of the Securitization Process of Somali Piracy

La Construcción de una Amenaza: Un Análisis del Proceso de Securitización de la Piratería Somalí

Angela Luzia Capodifoglio Landgraf, Cristielly Ferreira Silva, Miguel Cavassini Moreira, Murilo de Morais Cortez, Renan José de Almeida, Yasmin Cristine de Souza Campos

Vivências, Diálogos e Interculturalidade - Raízes que Cruzam Fronteiras: Entre Sonhos, Desafios e Descobertas.....69

Experiences, Dialogues, and Interculturality - Roots That Cross Borders: Between Dreams, Challenges, and Discoveries

Experiencias, Diálogos e Interculturalidad - Raíces que Cruzan Fronteras: Entre Sueños, Desafíos y Descubrimientos

Luís Gustavo Siqueira da Silva

Vivências, diálogos e interculturalidade: Me redescobrindo em Haia, Holanda.....91

Experiences, dialogues and interculturality: Rediscovering myself in The Hague, Netherlands

Experiencias, diálogos e interculturalidad: Redescubriéndome en La Haya, Países Bajos

Cristiano Grabellos Moura

Diário de Viagem: No limite do Sahara, uma experiência Marroquina 109

Travel Diary: On the Edge of the Sahara, a Moroccan Experience

Diario de Viaje: Al Límite del Sahara, una Experiencia Marroquí

Diogo Procópio Spadotto

Uma jornada cultural em Taiwan: do chegar ao partir.....137

A cultural journey in Taiwan: from arrival to departure

Un viaje cultural en Taiwán: desde la llegada hasta la partida

Érika Cristina Reis

Experiências Transformadoras em Intercâmbio: Uma Jornada pela Itália 155

Transformative Experiences in an Exchange Program: A Journey

Through Italy Experiencias Transformadoras en un Intercambio: Un Viaje por Italia

Laura Moura Campos

Se Redescobrir no Desconhecido: A Jornada Pessoal de um Intercâmbio.....172

Rediscovering Oneself in the Unknown: The Personal Journey of an Exchange

Redescubrirse en lo Desconocido: El Viaje Personal de un Intercambio

Amanda Moreira Santos

Fazendo o deserto apodrecer: Greenwashing, a aniquilação da memória palestina e a solidificação da soberania de Israel.

Making the desert rot: Greenwashing, the annihilation of Palestinian memory, and the solidification of Israeli sovereignty.

Haciendo que el desierto se pudra: Greenwashing, la aniquilación de la memoria palestina y la solidificación de la soberanía de Israel.

Ana Laura Baia de Morais[1]
Kaillany Azevedo Batista[2]

Recebido em: 08 de Dezembro de 2024
Aprovado em:30 de Maio de 2025

RESUMO

Este estudo aponta como as técnicas de *Greenwashing* utilizadas por Israel são essenciais para apagar todo resquício da existência palestina e da sua memória política, enquanto Israel se projeta internacionalmente de maneira positiva e solidifica sua soberania. Dessa forma, foi realizado um estudo de caso. Foi objetivado entender como Israel solidifica sua soberania ao investir nessa abordagem e como isso impacta na memória. Atingidos tais objetivos, foi possível explicitar a intencionalidade de extermínio nas ações israelenses e as sucessivas tentativas de estrangulação da vida, bem como a ligação entre o Greenwashing e o apagamento da memória política palestina. Assim, Israel impede os palestinos de cultivar, tanto num sentido agrícola, quanto num sentido vital.

Palavras-chave: Genocídio; Greenwashing; Israel; Memória política; Palestina; Soberania.

1. Graduanda em Relações Internacionais em jul/2024 pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Contato: analauramoraiscontato@gmail.com.
2. Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Assistente de Pesquisa no Núcleo de Estudos Globais da Universidade Federal de Goiás (NEG). Contato: kaillany_batista@discente.ufg.br

ABSTRACT

This study highlights how the Greenwashing techniques used by Israel are essential for erasing any trace of Palestinian existence and political memory, while Israel projects a positive international image and consolidates its sovereignty. The methodology used was a case study. The aim was to understand how Israel consolidates its sovereignty by investing in this approach and how it impacts memory. Having achieved these objectives, it became possible to elucidate the intentionality of extermination in Israeli actions and the successive attempts to strangle life, as well as the connection between Greenwashing and the erasure of Palestinian political memory. In this way, Israel prevents Palestinians from cultivating both agriculturally and vitalistically.

Keywords: Genocide; Greenwashing; Israel; Political Memory; Palestine; Sovereignty;

RESUMEN

Este estudio señala cómo las técnicas de greenwashing utilizadas por Israel son esenciales para borrar todo vestigio de la existencia palestina y de su memoria política, mientras Israel se proyecta internacionalmente de manera positiva y solidifica su soberanía. La metodología empleada fue el estudio de caso. Se tuvo como objetivo entender cómo Israel solidifica su soberanía al invertir en este enfoque y cómo esto impacta en la memoria. Alcanzados estos objetivos, fue posible explicitar la intencionalidad de exterminio en las acciones israelíes, así como la conexión entre el greenwashing y el borrado de la memoria política palestina. Así, Israel impide a los palestinos cultivar, tanto en un sentido agrícola como en un sentido vital.

Palabras clave: Genocidio; Greenwashing; Israel; Memoria Política; Palestina; Soberanía.

1 INTRODUÇÃO

O genocídio do povo palestino e a campanha sionista se configura como um dos conflitos mais violentos do século XXI – embora sua origem seja muito anterior a isso. Assim, dentro desse conflito territorial e narrativo, Israel vem aprimorando seus mecanismos de controle e regulação da vida (Puar, 2017), objetivando construir um Estado Sionista, ao passo que remove as vidas que já ocupavam essa terra e que já haviam iniciado o processo de construção de uma nação e uma identidade anterior ao movimento israelense. Como pontua Salamanca (2011), Israel cria, então, as possibilidades para uma existência debilitada, na mesma medida em que as induz à falha, uma vez que violenta os corpos palestinos de maneira difusa, sem a aniquilação definitiva, o que permite a não responsabilização de suas ações de extermínio.

Tendo isso em vista, será primeiramente realizada uma breve contextualização histórica do conflito, buscando evidenciar as especificidades do movimento colonialista por parte de Israel. Em seguida, será ilustrado o processo de transformação do movimento Sionista ao longo das décadas até alcançar sua configuração contemporânea, trazendo à luz a intencionalidade histórica na remoção desse povo e as inclinações dos grandes líderes desse movimento. Logo, é possível analisar a construção da estrangulação do povo

palestino, a partir de técnicas cada vez mais refinadas, fazendo com que seja praticamente impossível assegurar a constatação da sobrevivência deste povo: as redes são estraçalhadas, as luzes são apagadas, as memórias são soterradas, as oliveiras são cortadas.

Assim sendo, esse artigo propõe que Israel encontrou nas práticas de *Greenwashing* não somente mais uma forma de construir uma narrativa onde se declara como um salvador na mesma medida em que define um território como primitivo – oriental, atrasado, diferente dos israelenses –, mas também de aniquilar a memória palestina no seu sentido mais literal, ao passo que os rastros daquelas vidas são completamente apagados. O estrangulamento da vida encontra seu refinamento ao se apropriar de uma nova arma - o greenwashing - para estrangular um pedaço essencial da vida muitas vezes negligenciado: a memória. Os palestinos perdem seus direitos de cultivar e construir não somente num sentido ambiental, mas também vital, uma vez que a memória está intrinsecamente relacionada à soberania do Estado. Isto, pois a memória pode se apresentar como a espinha dorsal do Estado, contribuindo para a formação da identidade nacional e individual, enquanto ainda justifica suas ações em nome da solidificação dessa memória.

Por conseguinte, será buscado indagar como tal mecanismo pode ser compreendido como uma ferramenta no processo de solidificar a soberania israelense, mais uma vez exercendo seu potencial de regulação e destituição da vida e da história palestina, enquanto ainda estabelece sua própria memória a partir de um discurso com potencial para uma repercussão positiva, sustentando e legitimando a continuação da sua existência. Para muito além de crimes ambientais e violências estruturais, se trataria, então, de uma campanha que *faz o deserto apodrecer* e aniquila toda e qualquer possibilidade de outro povo continuar a cultivar histórias já plantadas naquele território.

Dessa forma, o presente exposto trata-se de um estudo de caso crítico, no qual as práticas de Greenwashing empregadas por Israel são analisadas como estratégia discursiva e material de apagamento, não só da memória, mas da completa presença palestina, articulando conceitos da teoria pós-colonial, como o orientalismo (Said, 2007), a violência lenta (Nixon, 2011), o direito de mutilar (Puar, 2017), e dos estudos da memória, através das teorias de Fierke (2008) e Assmann (2018) . Logo, adota-se como objetivo central compreender como Israel solidifica sua soberania ao investir nessa abordagem e como isso impacta na memória.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

Contextualizar historicamente o conflito e a colonização entre Israel e Palestina em um espaço limitado se faz um inegável desafio. Além de se tratar de um conflito com origens milenares, pautas religiosas e autodeterminantes se entrelaçam e se confundem, deixando diversas brechas para questionar legitimidades. Nesse sentido, também torna-se corriqueira a disseminação de mitos e manipulações discursivas na busca por validação das ações no Sistema Internacional.

Embora o Sionismo – termo que se popularizou nos últimos tempos –, ou *Zionism,* em inglês, tenha diversas vertentes e orientações, a premissa inicial seria de um movimento que, ganhando força no final do século XIX, almejava um retorno do povo judeu "ao seu lar ancestral, após aproximadamente dois mil anos de exílio" (Shlaim, 2014, p. 2), sendo Zion um dos nomes bíblicos para Jerusalém. Dessa forma, os judeus deixariam de constituir pequenas minorias ao redor do mundo e retornariam a Zion, onde formariam uma maioria e poderiam obter independência política em sua terra sagrada. Contudo, já havia uma população habitando essa terra (Shlaim, 2014). Portanto, para que o objetivo Sionista fosse alcançado, essa terra precisaria ser colonizada e esvaziada.

Assim, é nesses termos que, em meio a arranjos diplomáticos realizados ao longo de mais de sete décadas[3], o Estado de Israel é criado. Sobre este projeto, Khalidi sintetiza o conflito ao apontar que:

> Ainda que esta guerra partilhe de inúmeras das características típicas de outras campanhas coloniais, possui também características muito específicas, uma vez que foi travada por e em nome do movimento sionista, que era e é em si mesmo um projeto colonial muito peculiar. A complicar ainda mais este entendimento está o facto de este conflito colonial, conduzido com um enorme apoio de forças externas, se ter transformado com o tempo num confronto nacional entre duas novas entidades nacionais, dois povos. (Khalidi, 2022, p. 19)

Abordando especificamente os mitos que se difundiram durante as décadas de conflito, o autor Ilan Pappe escreveu o livro *Dez mitos sobre Israel*, publicado em 2022. Entre os mitos esclarecidos pelo autor, um se faz importantíssimo no processo de colonização da Palestina: a premissa de que se tratava de uma terra vazia, hostil

3. Aqui, considerando o intervalo de tempo entre a cunhagem do termo zionism em 1885, por Nathan Birnbaum (Shlaim, 2014), e a criação do Estado de Israel em 1948.

e sem uma identidade local estabelecida, pontos usados para defender os supostos benefícios da estrutura colonial. Faz-se essencial mencionar, também, que esses pontos são defendidos ainda hoje. Todavia, segundo Pappe (2022, p. 28), "a Palestina já começou a se desenvolver como nação antes da chegada do movimento sionista", mantendo conexões comerciais com a Europa e comércio terrestre regional, com uma rica agroindústria e uma população de meio milhão de pessoas (Pappe, 2022*)*.

Ademais, tal como no restante do mundo árabe, havia uma elite escolarizada – inclusive, fundamental nos movimentos de resistência palestinos –, formulando uma doutrina nacional e clamando por autonomia dentro do Império Otomano. Embora o nacionalismo palestino ganhe novas formas ao lutar contra o sionismo, já havia traços patrióticos, lealdades locais, sentimento de pertencimento, dialeto, costumes e rituais próprios (Pappe, 2022). Porém, para a justificativa colonial, faz-se essencial o apagamento do potencial e da identidade palestina desde o princípio, pois assim o sionismo não estaria apenas agindo em benefício próprio, mas também incorporando uma forma de "complexo salvador", adquirindo uma feição benevolente tão familiar aos europeus (Zakaria, 2021).

Tal abordagem colonial sempre esteve presente nos discursos das figuras protagonistas do movimento sionista, por vezes de maneira mais explícita, outras com mais sutileza. É possível realizar tal constatação, por exemplo, nos registros de Theodor Herzl – que possuía o desejo de transportar a população nativa da Palestina para outro local (Khalidi, 2022) –, nas falas de Vladimir Jabotinsky – criador da teoria da Parede de Ferro, defendendo negociações militarizadas – e de David Ben-Gurion – defensor do expansionismo territorial e da irrestrita aliança à Inglaterra (Shlaim, 2014). Assim, explicita-se que não se tratou de uma preferência do enunciador – seja ele Herzl, Jabotinsky ou Ben-Gurion; o projeto sionista moderno é inviável se afastado da premissa colonial. Essa questão se evidencia a partir da explícita dependência do suporte e da simpatia das potências centrais à causa sionista para que a mesma continue avançando.

Nesse particular, faz-se interessante destacar as falas de Jabotinsky, que defendia que "[nós] judeus nada tem[os] em comum como o que é conhecido como 'o Oriente', e agradecem[os] a Deus

por isso" (Shlaim, 2014, p. 13, tradução nossa)[4]. Além disso, Shlaim ainda aponta que Jabotinsky acreditava que o oriente representava "passividade psicológica, estagnação cultural e social, e despotismo político" (Shlaim, 2014, p. 13, tradução nossa)[5]. Logo, ele não visualizava o sionismo como "o retorno dos judeus ao seu lar espiritual, mas como uma ramificação, ou implantação da civilização ocidental no Oriente" (Shlaim, 2014, p. 13, tradução nossa)[6], precisando da Europa como uma aliada permanente nesse processo. Essa perspectiva ilustra os argumentos desenvolvidos por Edward Said em *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente* (2007), ao mostrar como o Oriente é frequentemente retratado a partir de uma lógica dicotômica, que o opõe a um suposto Ocidente racional, progressista e civilizado, sendo uma construção discursiva que legitima projetos de dominação, intervenção e controle.

Por conseguinte, na prática, o sionismo apostou na apropriação e controle de terras como sua principal ferramenta. Contudo, Salamanca et al. (2012) apontam que a resistência palestina, enquanto ocorrer, impede a completude do projeto sionista. Entre as estratégias adotadas por Israel tem-se, por exemplo, bombardeios aéreos e marítimos, massacres e invasões, demolições de casas, roubo de terras, confisco de documentos, leis racistas e testes de lealdade, apropriação cultural (Salamanca et. al, 2012). Embora possa parecer que são práticas ofensivas distintas, se trata, na verdade, de um projeto unitário que avança numa velocidade superior à capacidade de organização dos palestinos (Salamanca et. al, 2012). Portanto, embora a Palestina tenha tido um histórico de organizações de resistência, como descreve Baumgarten (2005), ainda assim a operacionalização ocorre de uma forma desbalanceada às ofensivas israelenses.

Dessa forma, existe por parte de Israel uma necessidade discursiva de fazer com que as resistências palestinas sejam entendidas como negativas, primitivas, poluidoras e terroristas, para assim alcançar na esfera internacional uma nova legitimação para as incessantes tentativas de eliminação física e simbólica (Salamanca et al., 2012), bem como a sofisticação dos métodos de *Green-*

4. We Jews have nothing in common with what is denoted 'the East' and we thank God for that.
5. The East, in his view, represented psychological passivity, social and cultural stagnation, and political despotism.
6. Zionism was conceived by Jabotinsky not as the return of the Jews to their spiritual homeland but as an offshoot or implant of Western civilization in the East.

washing – que será melhor abordado na próxima seção – e violência estrutural, que "leva as políticas da ocupação colonial aos espaços mais profundos do cotidiano, invadindo os lugares mais íntimos e privados: as salas de estar, as cozinhas e os banheiros dos lares palestinos" (Salamanca, 2011, p. 27, tradução nossa)[7]. Dessa forma, Israel busca controlar as necessidades humanas (Salamanca, 2011), ao passo que regula a vida e a morte dessas pessoas (Foucault, 1979; Mbembe, 2016), em um processo de lenta mutilação da vida (Puar, 2017). Isto é, "o Estado de Israel é capaz de criar as possibilidades para vida, mas também é capaz de induzir à ruína e à morte" (Salamanca, 2011, p. 27, tradução nossa)[8].

3 ISRAEL E GREENWASHING

No presente, as propagandas promovidas pelos oficiais do governo de Israel e grandes CEOs de empresas verdes de tecnologia o posicionam como um país que enfrenta a escassez de recursos por meio de um ímpeto inovador e sustentável (Hughes; Velednitsky; Green, 2023). A dessalinização da água, a instalação de painéis solares para produção de energia renovável, o reaproveitamento do lixo e o reflorestamento são marcas que precedem a figura de Israel no plano internacional, seguindo os princípios sionistas de "Fazer o deserto florescer". Sendo assim, ele é visto como um líder global na mitigação de mudanças climáticas e na adaptação global às novas condições.

No entanto, essa imagem "verde" é inscrita como um discurso a-histórico, não como um elemento historicamente situado em um projeto colonial de assentamento ou como um mecanismo de expropriação de terras e do povo palestino (Hughes; Velednitsky; Green, 2023). Instala-se como prática de Israel o Greenwashing, uma espécie de "lavagem verde", a qual funciona como um modo de propagar discursos, ações e imagens sustentáveis que não se refletem na prática como tal, sendo, até mesmo, o oposto, prejudicando e poluindo o meio ambiente.

Assim sendo, a disjunção entre a imagem verde israelense e a injustiça ambiental denunciam a criação de novas técnicas de dominação e colonização que emergiram à medida que discursos ambientalistas

7. Infrastructural networks bring the politics of colonial occupation to the very spaces of daily life practice, invading the most intimate and private ones: the living rooms, kitchens and bathrooms of the Palestinian homes.
8. Given its capacity to manage and control public utilities, the State of Israel is able to create the possibilities for life, but also to induce failure and death.

ganhavam força no mundo (Sasa, 2023). Justificando a expropriação da terra no "uso devido" dela, Israel se aproxima dos ideais capitalistas ocidentais, se classificando como civilizado a partir da orientação do território para objetivos produtivos (Tuck; Yang, 2012). Mais do que isso, declara os habitantes nativos como intrinsecamente irresponsáveis ambientalmente, expulsando-os e estabelecendo áreas para supostamente preservá-las. Depois disso, essa mesma região é distorcida, romantizada, até mesmo sexualizada como um paraíso "selvagem" e "virgem", desprovido de qualquer nativo (Ferdinand, 2022).

O colonizador se coloca, então, como sustentável, democrático, progressista, civilizado e humano, em contraste com o palestino nativo poluidor, irracional e animalesco, colocando uma fronteira ambiental orientalista. O Mundo é dividido em um bloco ocidental, o qual é virtuoso e progressista, associado, nesse caso, a Israel, e oriental, como é posta a Palestina. Assim, é necessário que o primeiro leve ao segundo o avanço social, o que se daria por meio da colonização e ocupação dos seus territórios (Said, 2007).

Tendo em consideração os contrastes entre a propaganda verde de Israel e a realidade palestina, o Greenwashing é posto como uma estratégia retórica essencial para potencializar o Sionismo em uma escala global (Sasa, 2023). Ele enfatiza a imagem de sustentabilidade e agricultura verde, deslocando a atenção dos abusos israelenses e, inclusive, dos próprios impactos ambientais gerados por tais tecnologias. Assim, ele garante a continuação e a ampliação do Estado de Israel por meio de três eixos: normalizando sua existência no cenário internacional, caracterizando-o como inocente e, por fim, estimulando seu capital diplomático (Hughes; Velednitsky; Green, 2023).

O primeiro tópico concentra-se na oclusão da violência e das táticas ilegais de desapropriação, as quais permitiram – e permitem – a própria criação de Israel (Hughes; Velednitsky; Green, 2023). Ao separar ecologia do território, o passado e o presente israelenses são reformulados, concedendo ao colonizador a legitimidade moral e o pertencimento nacional à região. Seria inabalável e banal, nesse sentido, o direito sionista sobre a soberania, a lei e a vida na Palestina (Hawari; Plonski; Weizman, 2019). Assuntos como a destruição dos painéis solares palestinos e a restrição de seu acesso à água são obliterados, ainda que sejam de teor ecológico, enquanto o papel de Israel como líder inovador e essencial para atenuar o aquecimento global é perpetuado e normalizado como apenas mais uma parte natural de um sistema internacional, que sempre foi assim (Hughes; Velednitsky; Green, 2023).

Em adição a isso, o Greenwashing também opera levando o colonizador a uma imagem de inocência, numa tentativa dele de aliviar os sentimentos de culpa e responsabilidade sem necessariamente abandonar seu poder ou privilégio (Tuck; Yang, 2012). Mais uma vez, entra em jogo a separação entre ecologia e território, já que as tecnologias verdes representam uma possibilidade de conciliação, mesmo que não sejam acompanhadas da devolução de terras, necessária para uma verdadeira sustentabilidade e justiça ambiental (Hughes; Velednitsky; Green, 2023). A retenção da tecnologia aumenta, ainda, o controle de Israel, provendo, também, novas oportunidades de barganha (Katz, 2021).

Finalmente, essa retórica também possibilita a criação de uma plataforma diplomática que capitaliza as conquistas tecnológicas sustentáveis israelenses e as transforma em vantagens econômicas e políticas, além de melhorar sua imagem pública, de acordo com as próprias palavras de Itzhak Oren, antigo Ministro e Conselheiro Diplomático de Israel (s.d). Nesse sentido, a antecipação de catástrofes climáticas impulsiona as buscas por aliados que desenvolvam esse tipo de inteligência, e o posicionamento de Israel como indispensável no segmento gera parcerias essenciais. Além de gerar fluxos econômicos, essas relações aumentam sua proeminência e capacidade de influência mundial, de modo que outros atores não ousam questionar o genocídio palestino ou a legitimidade do Estado (Hughes; Velednitsky; Green, 2023).

Em realidade, a falsidade do discurso verde se expande além da injustiça ambiental. O estabelecimento de áreas protegidas, por exemplo, não apenas coloniza e expulsa os habitantes nativos, como previne o retorno dos refugiados e apaga as identidades desse povo, acabando com qualquer possibilidade de resistência na medida em que inabilita a criação de uma memória coletiva (Sasa, 2023). Essas reservas naturais operam, ainda, como uma conduta verde de limpeza étnica (Kadman, 2010). Como tal, os parques nacionais de Israel e suas reservas naturais se concentram taticamente, em primeiro lugar, na região de Jerusalém, a qual Israel tenta ocupar ilegalmente; na Cisjordânia e nas Colinas de Golan, os quais são, nesse caso, realmente ocupadas por Israel; no Sul da Palestina de 1948, onde se busca eliminar todos os palestinos; e no Norte, onde a maior parte do povo original de 1948 ainda vive (Sasa, 2023).

Nessas reservas, palestinos são extirpados de seus direitos de cultivar ou construir (Sasa, 2023). Isto é, a eles é negada a chance de co-

meçar famílias ou de exercer uma das atividades essenciais e acessíveis para a geração de renda: a agricultura. Em contraste, colonizadores israelenses têm permissão para realizar construções residenciais, incluindo até mesmo projetos grandes e poluentes (B'Tselem, 2017). A oposição do Estado de Israel é, nesse sentido, não à degradação dessa área, mas à existência palestina nela. Mesmo o reflorestamento tem causado a completa desertificação da Palestina, devido ao fato da maior parte das árvores plantadas não pertencerem à flora da região (Pape, 2006), devastando as comunidades locais e ecossistemas (Lorber, 2012).

4 APAGAMENTO DA HISTÓRIA PALESTINA

Considerando esse paradigma, a memória exerce um papel fundamental, uma vez que ela provê um esquema de explicação para o coletivo, contribuindo para a formação da identidade nacional e individual, fornecendo significados para eventos e justificando as ações de grupos em relação a inimigos, compondo, portanto, parte essencial da vida. Por conseguinte, a memória como constituída no coletivo molda processos políticos (Fierke, 2008). Ela não é como uma câmera que reflete a realidade exatamente como é, sendo, na verdade, um produto das histórias que as pessoas contam sobre elas mesmas e os outros e, portanto, envolve um processo ativo de atribuir significado ao passado (Fierke, 2008).

Nesse sentido, essas histórias são habitadas por outros que existem dentro de um contexto moral, uma ordem que determina o certo e o errado. As emoções estão diretamente atreladas a narrativa, que não se localiza somente no passado, impactando ações do presente e do futuro. O que importa, então, é como os atores podem produzir o passado a partir de uma dinâmica que engaja com o presente (Collins, 2004, pág. 22). A memória é, sob essa linha de pensamento, uma performance, e essa produção sempre toma lugar em um mundo social, o qual já conta um universo discursivo existente que molda, limita e pensa novas maneiras de formular a verdade (Fierke, 2008).

Isto é, a memória é maleável, mutável e sujeita a subjetividades, acontecimentos sociais e a própria passagem do tempo. Ela não inclui somente o que aconteceu, mas também o que fazemos, o que isso nos provocou e a nossa resposta. Tendo isso em vista, ações e histórias que são contadas e recontadas repetidamente podem normalizar traumas e estruturar práticas que sustentam identidades e relações. Pode, até mesmo, legitimar práticas políticas oficiais de construção de impérios e nações ou criar espaços para articular os sofrimentos resultantes

desses projetos, podendo ocupar o lugar de um veículo de resistência (Fierke, 2008). A memória é, também, um lugar de conflito.

Dado que ambos compartilham uma história de diáspora e desabrigo, é previsível que tanto as narrativas de memória palestinas quanto israelenses se voltem para uma metáfora de retorno para casa, um retorno para a segurança e para o significado (Fierke, 2008). Para Israel, a narrativa é de que seu povo retorna para a terra natal após um longo exílio, o que posiciona a resistência palestina como um terrorismo que ameaça a sua existência (Shlaim, 2014). O retorno da Palestina, no contraste, expressa a constante fúria e humilhação da atual expulsão realizada por Israel, o que coloca a resistência árabe como uma reação justificável para tomar de volta o seu lar (Fierke, 2008, p.6).

Nos dois discursos, a ideia de casa é associada com a própria soberania do Estado, a qual permite que a fraqueza individual seja transformada num coletivo forte, capaz de se proteger contra a repetição ou contra a continuação da humilhação. O direito a ela é justificado em traumas sem precedentes, representado no holocausto, para Israel, e no *Nakba,* para os palestinos (Fierke, 2008). O trauma do *Nakba* é muito bem descrito no seguinte trecho:

> O *Nakba* palestino não tem precedentes históricos. Para um país ser ocupado por uma minoria estrangeira, esvaziado quase que completamente de seu povo, ter seus pontos de referência físicos e culturais obliterados, sua destruição aclamada como um ato milagroso de Deus e uma vitória pela liberdade e para os valores civilizados, tudo de acordo com um plano premeditado, meticulosamente executado, financeiramente e politicamente apoiados pelo exterior e mantidos até hoje é, sem dúvida, único (Abu Sitta, 1998, p. 5, tradução nossa)9

Isto posto, a memória, nesse caso ligada intrinsecamente ao trauma, tem lugar essencial na política e na legitimidade das nações, as quais buscam retornar para casa. O prêmio dessa batalha é uma narrativa capaz de resistir ao tempo, tornando-se parte da história oficial e legitimando o direito à existência. É nesse sentido que Israel atua ao espetacularizar a morte em Gaza, associando-a com o Hamas e se desassociando dos danos que provoca (Salamanca,

9. The Palestinian Nakba is unsurpassed in history. For a country to be occupied by a foreign minority, emptied almost entirely of its people, its physical and cultural landmarks obliterated, its destruction hailed as a miraculous act of God and a victory for freedom and civilized values, all done according to a premeditated plan, meticulously executed, financially and politically supported from abroad, and still maintained today, is no doubt unique.

2011, p. 30). Enquanto mina infraestruturas palestinas por meio da obstrução da chegada de recursos ou da imposição de sanções, inflama repetidamente discursos que o desassociam do colapso delas. É o que acontece, por exemplo, em canais de comunicação como o jornal Yedioth Ahronoth, um dos maiores jornais em Israel, que, em sua versão inglesa, associou a crise infraestrutural palestina com o afastamento israelense da administração (Greenberg, 2007).

Essa dinâmica pode ser compreendida à luz do conceito de *slow violence*[10] proposto por Rob Nixon (2011), que descreve formas de agressão incremental, dispersa no tempo e no espaço, frequentemente invisibilizadas pelo discurso oficial e pela mídia internacional. A destruição sistemática da infraestrutura palestina – por exemplo, água, energia, saúde e educação –, não ocorre por meio de ataques imediatos e espetaculares, mas por políticas prolongadas e cumulativas que degradam a vida até seu ponto mínimo de viabilidade.

O *Greenwashing* é ideal para essa estratégia de apagamento, uma vez que permite que Israel imponha medidas que lentamente matam e segregam a população palestina e sua memória, aniquilando, juntamente, qualquer possibilidade de resistência ou vida. Essas são vistas e colocadas pelo governo israelense como verdes e sustentáveis, o que o impulsiona a nível internacional, sustentando e legitimando a continuação da sua existência, conforme descrito na seção anterior deste artigo. Na matéria mencionada do Yedioth Ahronoth, os *talkbacks* indicavam a opinião dos leitores, que escreveram comentários como "Desligue a energia na Cisjordânia também" e "Desligar a energia ajuda a atrasar o aquecimento global" (Greenberg, 2007).

Nesse particular, as práticas israelenses se aproximam do que Puar (2017) define como "*the right to maim*"[11]. Isto é, a administração de corpos não apenas pela morte, mas pela mutilação da vida, pela manutenção de sua sobrevivência precária, amputada, funcional apenas o suficiente para não configurar extermínio direto e explicitamente intencional. Ao classificar ações que lentamente estrangulam a vida de palestinos como sustentáveis e inovadoras, Israel não apenas dificulta a condenação jurídica em cortes internacionais, mas também reforça uma economia de otimismo, em que medidas destrutivas podem ser convertidas em capital político e simbólico global, como políticas públicas a serem replicadas.

10. violência lenta (tradução nossa).
11. O direito de mutilar (tradução nossa)

O crime de Genocídio, por exemplo, deve estar ligado a provas de que a limpeza étnica ocorre de maneira intencional, conforme determinado na Convenção sobre Genocídio de 1951, a qual não menciona números, escala ou proporções (Folha de São Paulo, 2024a). Ainda que essas condenações não tenham efeito de voz de prisão ou a emissão de sentenças, elas permitem a criação das "leis memoriais", as quais contribuem para a escrita da história daqueles que aprovaram a condenação e dos condenados (Folha de São Paulo, 2024b). No processo movido pela África do Sul na Corte de Aia em 2024, por exemplo, Israel argumenta que não existe a intenção deliberada de acabar com os palestinos (Folha de São Paula, 2024b), ainda que existam evidências discursivas de que esse não é o caso, conforme este mesmo artigo já apresentou.

Ou seja, o Greenwashing também permite que Israel elabore uma memória positiva, sem revelar suas verdadeiras intenções. Indo além, a desapropriação de espaços e cidades sob a justificativa de preservação, parte do Greenwashing israelense também está ligado diretamente à destruição da memória palestina e reforço das narrativas de Israel. Primeiramente, porque a divisão do território realizada em 1948 para instalar o estado de Israel impede, por si só, a construção de uma memória coletiva palestina, na medida em que separa o povo em várias partes e proporciona a cada uma delas uma experiência e trauma completamente diferentes (Fierke, 2008). Seja impedindo a resistência coletiva por meio da mutilação de um pilar essencial para a construção da soberania e do coletivo, seja obstruindo uma possibilidade de compreensão dos próprios sentimentos por meio das contradições impostas pelo conflito.

Em segundo lugar, locais históricos com ou sem restos materiais podem servir como marcadores legíveis simbólicos. Eles nos ajudam a imaginar e lembrar do que não está mais lá (Assman, 2018, p.1). Isso porque lugares podem ser vistos como locais concretos que são foco de atenção e diversas formas de investigação topográfica. Nesse sentido, um "lugar" pode ser definido como a condensação de eventos históricos, materializando a história em sinais e traços tangíveis. Eles podem ser destruídos ou preservados, esquecidos ou lembrados (Bachelard; Kearney; Danielewski, 1994). São silenciosamente moldados por aqueles que os habitam e os experienciam, sendo mantidos e transformados em uma continuidade lenta de um contexto vivido, saturados de significados e ligados diretamente à memória (Assmann, 2018).

Sob esse argumento, tanto Israel quanto Palestina se relacionam com os mesmos lugares de memória. Para o primeiro, são valorizados aqueles que se referem a um passado mais distante, ligados a sua origem, enquanto espaços mais recentes são repudiados por sua ligação palestina (Assmann, 2018). Nesse paradigma, existem duas opções: apagá-los ou transformá-los em algo novo. Esquecer os palestinos é destruí-los, bem como os seus rastros. A expropriação de espaços, portanto, é chave para que isso aconteça - eles são expulsos de suas terras, as quais são convertidos em parques florestais de conservação. Neles, as árvores novas demonstram a presença israelense no chão, criando-a e preservando-a, conforme elaborado pelo próprio diretor da Divisão de Silvicultura da JNF (Fundação Nacional Judia), Mordechai Ru'ach (Sasa, 2023, p. 224).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente exposto, foi ilustrada não somente a campanha colonial de Israel e sua intrínseca necessidade de exterminar o povo que ocupava tal região, como o aperfeiçoamento das ferramentas utilizadas nesse processo de genocídio, sendo um exemplo o estudo de caso feito a partir de técnicas de Greenwashing e da retroalimentação do apagamento da memória política do povo palestino. Assim, é possível considerar que a intencionalidade estava lá desde o princípio da empreitada, embora houvesse discordâncias ideológicas, conforme natural em todo movimento. Contudo, faz-se essencial explicitar que toda essa campanha, conforme cita Khalidi (2022), dependeu e ainda depende do apoio de forças externas, seja investindo diretamente no aprimoramento militar de Israel e investindo no país, ou defendendo a não-intervenção e a soberania deste suposto Estado, mesmo que seja um conflito claramente assimétrico.

O Estado de Israel não pode ter sua soberania assegurada enquanto outro povo existir nesse território. Enquanto houver resquícios da sua existência, haverá resistência e será clarificado o teor genocida do Estado. Portanto, Israel busca refinar estratégias simultâneas, que isole as vidas palestinas e exerça variadas formas de violências difusas (Nixon, 2011) e mecanismos de mutilação (Puar, 2017) da vida e da memória. Assim, as ações são organizadas em um duplo eixo: exterminar no plano doméstico e contar ao Ocidente, no plano internacional, a sua narrativa dos eventos – insistindo em uma paridade de poder, inclusive ofensivo. Dessa forma, um claro exemplo desse duplo eixo ofensivo se trata das práticas de Greenwashing.

Na medida em que memória e identidade se constituem mutuamente, a narrativa da memória de Israel coloca o povo palestino como inferior, dependente, sub-humano e incapaz, descrevendo seus lugares como não preservados e insustentáveis ecologicamente. As ações israelenses, que matam ecossistemas e pessoas lentamente, além de avançarem a segregação e o genocídio, são colocadas como progressistas, sustentáveis e necessárias para uma ordem internacional do futuro.

O Greenwashing ainda vai além da proposta de construir essa nova narrativa, apagando, também, a memória já existente da Palestina, impedindo o seu povo de saber quem e o que é. É extremamente eficiente, também, ao não silenciar a ligação entre o perpetrador e a vítima, uma vez que esse projeto é visto como positivo para o meio ambiente e, de nenhuma forma, aniquilador ou genocida. Ele atua, então, em dois eixos: primeiro, destrói as possibilidades de vida do povo palestino, pois desmata as regiões em que ele vive e as condições necessárias para sua subsistência, polui seu ecossistema e causa doenças, impede a movimentação dele e o exercício do trabalho, mata símbolos e assassina cidades, lugares que guardam significado e possibilitam a vivência comunitária. Extingue e usurpa da Palestina sua memória e capacidade de manter uma identidade necessária para a resistência. Causa a morte física e social, impedindo a continuação e reprodução da memória até pela via oral.

No segundo eixo, o pano que encobre essas ações as fantasia com uma motivação verde e sustentável, impedindo a incriminação de Israel e evitando a aplicação de leis memoriais que possam inscrever internacionalmente e nacionalmente a sua faceta genocida. Pior, implica em uma nova história: a de um país avançado, tecnológico, inocente e necessário para um futuro melhor. Assim, o Greenwashing reescreve o passado, permite a continuação do presente e limita as possibilidades de futuro para um cenário em que não existem palestinos.

Além disso, torna-se relevante investigar como o Greenwashing se conecta com outras formas contemporâneas de colonialismo ambiental. Ademais, a imposição de políticas ambientais seletivas em territórios ocupados abre espaço para que Israel se apresente como líder em inovação sustentável, enquanto marginaliza sistematicamente os palestinos de decisões ecológicas que afetam diretamente suas vidas. Isso levanta questões urgentes sobre justiça climática em zonas de conflito e a instrumentalização da ecologia como ferramenta de controle e legitimação estatal. Novos debates podem

se abrir em torno de como ONGs ambientais globais, empresas de tecnologia verde e instituições multilaterais reproduzem esse apagamento ao reconhecer Israel como um ator ecológico exemplar, ignorando os custos humanos e territoriais dessa imagem.

Por conseguinte, Israel impede que os palestinos gritem e peçam socorro, enquanto se declaram salvadores e trabalham para jamais existir outra narrativa no plano doméstico e internacional. O deserto é apodrecido e suas fuligens são também os últimos resquícios da existência e da resistência da Palestina.

REFERÊNCIAS

ABŪ-SITTA, S. **The Palestinian Nakba 1948: the register of depopulated localities in Palestine**. Rev. 2. ed. London: Palestinian Return Centre, 2000.

AÇÃO contra Israel em Haia é mais protetiva que punitiva - 11/01/2024 - Mundo - Folha. **Folha de São Paulo.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/01/processo-que-acusa-israel-de-genocidio-e-mais-protetivo-que-punitivo.shtml>. Acesso em: 8 ago. 2024a.

ANÁLISE: Intencionalidade é chave para provar crime de genocídio de Israel. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/02/intencionalidade-e-chave-para-provar-crime-de-genocidio-de-israel.shtml>. Acesso em: 8 ago. 2024b.

ASSMANN, A. One land and three narratives: Palestinian sites of memory in Israel. **Memory Studies**, v. 11, n. 3, p. 287–300, jul. 2018.

BACHELARD, G.; KEARNEY, R.; DANIELEWSKI, M. Z. **The Poetics of Space**. Tradução: Maria Jolas. Reprint edition ed. New York, New York: Penguin Classics, 1994.

BAUMGARTEN, H. The Three Faces/Phases of Palestinian Nationalism, 1948––2005. **Journal of Palestine Studies**, v. 34, n. 4, p. 25–48, 1 jul. 2005.

CIVIL Administration uproots 135 olive trees on privately owned Palestinian land in Wadi Qana – part of Israel's efforts toward its de facto annexation. **B'Tselem.** 21 may, 2017. Disponível em: 'http://www.btselem.org/area_c/20170521_olive_trees_uprooted_in_wadi_qana>. Acesso em: 8 ago. 2024.

COLLINS, J. **Occupied by Memory: The Intifada Generation and the Palestinian State of Emergency**. New York: NYU Press, 2004.

DUGARD, J.; REYNOLDS, J. Apartheid, International Law, and the Occupied Palestinian Territory. **European Journal of International Law**, v. 24, n. 3, p. 867–913, 1 ago. 2013.

FERDINAND, M. **Decolonial Ecology: Thinking from the Caribbean World**. [s.l.] John Wiley & Sons, 2021.

FIERKE, K. M. Memory and Violence in Israel/Palestine. **HUMAN RIGHTS**, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GREENBERG, H.. Barak approves limiting Israel's Gaza power supply. **Ynetnews**, 25 out. 2007. Disponível em: https://www.ynetnews.com/articles/0,7340,L-3464099,00.html. Acesso em: 05 jul. 2024.

HAWARI, Y.; PLONSKI, S.; WEIZMAN, E. Seeing Israel through Palestine: knowledge production as anti-colonial praxis. **Settler Colonial Studies**, v. 9, n. 1, p. 155–175, 2 jan. 2019.

HUGHES, S. S.; VELEDNITSKY, S.; GREEN, A. A. Greenwashing in Palestine/Israel: Settler colonialism and environmental injustice in the age of climate catastrophe. **Environment and Planning E: Nature and Space**, v. 6, n. 1, p. 495–513, 1 mar. 2023.

ISRAEL: Apartheid policies wreak environmental havoc. **Green Left.** Disponível em: <https://www.greenleft.org.au/content/israel-apartheid-policies-wreak-environmental-havoc>. Acesso em: 8 ago. 2024.

KADMAN, N. Roots Tourism–Whose Roots?: The Marginalization of Palestinian Heritage Sites in Official Israeli Tourism Sites. **Téoros**, v. 29, n. 1, p. 55–66, 2 maio 2014.

KATZ, D. Desalination and hydrodiplomacy: Refreshening transboundary water negotiations or adding salt to the wounds? **Environmental Science & Policy**, v. 116, p. 171–180, fev. 2021.

KHALIDI, R. **Palestina: uma biografia**. Porto: Ideias de Ler, 2022.

TUCK, E.; YANG, K. W. **Decolonization is not a metaphor Decolonization: Indigeneity**. Education & Society, v. 1, n. 1, p. 1-40, 2012.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & ensaios**, 2016, no 32, p. 122-151.

NIXON, R. **Slow Violence and the Environmentalism of the Poor**. Cambridge: Harvard University Press, 2011.

PAPPE, I. **Dez mitos sobre Israel**. [s.l.] Editora Tabla, 2022.

PUAR, J. K. **The Right to Maim: Debility, Capacity, Disability**. Durham: Duke University Press, 2017.

SAID, E. W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. [s.l.] Editora Companhia das Letras, 2007.

SALAMANCA, O. J. et al. Past is Present: Settler Colonialism in Palestine. **Settler Colonial Studies**, v. 2, n. 1, p. 1–8, jan. 2012.

SALAMANCA, O. J. Unplug and Play: Manufacturing Collapse in Gaza. **Human Geography**, v. 4, n. 1, p. 22–37, mar. 2011.

SASA, G. Oppressive pines: Uprooting Israeli green colonialism and implanting Palestinian A'wna. **Politics**, v. 43, n. 2, p. 219–235, 1 maio 2023.

SHLAIM, A. **The Iron Wall: Israel and the Arab World**. Updated, Expanded ed. edição ed. New York London: W. W. Norton & Company, 2014.

ZAKARIA, R. **Contra o feminismo branco.** 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

La ayuda humanitaria durante la Guerra Civil Española (1936-1939): análisis de la contribución de las organizaciones internacionales en la crisis humanitaria y migratoria en España

A ajuda humanitária durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939): uma análise da contribuição das organizações internacionais na crise humanitária e migratória da Espanha

Humanitarian aid in The Spanish Civil War (1936-1939): an analysis of the contribution of international organizations during Spain's humanitarian and migration crisis

Henrique do Bomfim Braga Chaves[1]

Recebido em: 22 de Agosto de 2024
Aprovado em: 14 de Outubro de 2024

RESUMEN

El 18 de julio de 1936, tras un intento de golpe militar, uno de los mayores conflictos internos de la historia comenzaría, la Guerra Civil Española (1936-1939). Inmediatamente, un estado de completa calamidad se extendió por todo el país, desencadenando una crisis migratoria y humanitaria. En este contexto, Organismos Internacionales como la Cruz Roja, el Save the Children y Los Quakers se movilizaron para brindar ayuda humanitaria a España. A partir de una Revisión de Literatura basada en la investigación documental y bibliográfica, con la recopilación de datos cuantitativos y cualitativos, este artículo analiza el grado de esta cooperación internacional otorgada a España durante la guerra, buscando identificar las modalidades, los principales actores y la contribución de estas organizaciones en el proceso de ayuda al país.
Palabras-clave: Cooperación Humanitaria Internacional; Guerra Civil Española; Organizaciones Humanitarias Internacionales; Crisis migratorias en Europa; Refugiados; Ayuda humanitaria.

1. Estudiante de Grado en Relaciones Internacionales en la Pontificia Universidad Católica de Minas Gerais y Estudiante de Grado en Derecho en la Universidad Federal de Minas Gerais. Contacto: henriquedobomfim@gmail.com

RESUMO

Em julho de 1936, após a tentativa de um golpe militar, teve início um dos maiores conflitos domésticos da história moderna, a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Imediatamente, um estado de calamidade espalhou-se pelo país, gerando uma grande crise migratória e humanitária. Nesse contexto, Organizações Internacionais como a Cruz Vermelha, a Save the Children e os Quakers, mobilizaram-se para prestar ajuda humanitária à Espanha. A partir de uma Revisão de Literatura fundamentada na investigação documental e bibliográfica e no uso de dados quantitativos e qualitativos, este artigo tem um propósito de analisar o grau desta cooperação internacional cedida à Espanha durante a guerra, buscando identificar as modalidades, os principais atores e a contribuição destas OI's no processo de ajuda ao país. Palavras-Chave: Cooperação Humanitária Internacional; Guerra Civil Espanhola; Organizações Humanitárias Internacionais; Crises Migratórias na Europa; Refugiados; Ajuda humanitária.

ABSTRACT

On July 18, 1936, after an attempted coup d'état lead by the military, one of the greatest domestic conflicts in modern history began: the Spanish Civil War (1936-1939). Immediately, a state of complete calamity spread throughout the country, marked by forced migration and humanitarian crisis. In this context, International Organizations such as the Red Cross, Save the Children, and the Quakers mobilized to provide humanitarian aid to Spain. From a literature review, based on documentary and bibliographical research and the study of quantitative and qualitative data, this article analyzes the degree of this international cooperation granted to Spain during the war, seeking to identify the modalities, the main actors, and the contribution of these IOs in the process of aid to the country. Key-Words: Humanitarian Action; Spanish Civil War; International Humanitarian Organizations; European Migration Crisis; Refugees; Humanitarian Aid.

1 INTRODUCCIÓN

La ayuda humanitaria internacional es una forma de cooperación que remonta a principios del siglo XVII, cuando las primeras sociedades, de origen inglés y motivadas por ideales religiosos, comenzaron a crear fondos de financiación para víctimas de la guerra. Con la evolución del escenario internacional y la intensificación de la magnitud de conflictos europeos en los siglos siguientes, la necesidad de proporcionar ayuda humanitaria a países extranjeros aumentó gradualmente, lo que llevó a la creación de Organizaciones Internacionales (OI), como la Cruz Roja Internacional, diseñadas para mitigar los daños sufridos en conflictos internacionales o nacionales. La primera gran prueba de potencia de estas instituciones tuvo lugar en el contexto de la Revolución Rusa y en la Primera Guerra Mundial, donde las OI asumieron la responsabilidad de aliviar las necesidades del masivo contingente militar y civil que se desplazó por Europa durante el período. A partir de entonces, la importancia de estas se hizo cada vez más latente, multiplicándose instituciones de este tipo en la posguerra, que incluso se han unido a la recién fundada Sociedad de Naciones.

Teniendo esto en cuenta, el objetivo de este artículo es investigar la concesión de ayuda humanitaria por parte de organismos internacionales durante uno de los mayores conflictos internos de la historia moderna, la Guerra Civil Española (1936-1939). Para ello, además de la introducción y la conclusión, este trabajo se divide en tres partes. En primer lugar, se introduce el contexto internacional que permitió la formación de las primeras Organizaciones Internacionales (OI) de carácter humanitario, diseñadas para conceder ayuda a países aliados que atravesaban momentos de vulnerabilidad social, económica y humana. Así, el artículo se enfocará en las motivaciones que llevaron a la creación de las principales instituciones que operarían en España, a saber: Cruz Roja, *Save the Children* y los Cuáqueros (*The Quakers).* En segundo lugar, para trasladar tal conceptualización a un caso práctico, se contextualizará España y su Guerra Civil (1936-1939) como un ejemplo de conflicto que llevó a una nación a exigir cooperación en su territorio debido a una crisis humanitaria. En tercer lugar, se analizará, de forma práctica, la actuación de estas OI en España y las modalidades de cooperación que fueran ofrecidas al país, a partir del análisis de la contribución en temas-clave, como la gestión de refugiados y la nutrición infantil. Por añadidura, será abordado la relación institucional entre ellos.

La producción de ese artículo se basó en la metodología de recopilación de datos, a partir de una estrategia de investigación documental, con análisis de contenido e investigación bibliográfica sobre el tema. La producción de este estudio se utilizó de un enfoque metodológico doble, movilizando datos tanto cualitativos como cuantitativos. En cuanto a los métodos cualitativos, se utilizaron fuentes primarias como: periódicos de la época de diferentes regiones de España, como El Defensor de Córdoba (Córdoba), Socorro Rojo Internacional (Madrid) y Gaceta de la República (Madrid y País Vasco); informes de organismos internacionales publicados durante y después del conflicto armado; y documentos históricos relevantes, como mensajes, telegramas y llamadas telefónicas hechas por los comandantes de ambos bandos a sus subordinados y a representantes extranjeros. Estos datos, progresivamente disponibles para el público tras la redemocratización española (1975), permiten el surgimiento de nuevas interpretaciones del conflicto español por parte de los

investigadores actuales. Además, basado en la técnica de Revisión de Literatura, este artículo utilizó fuentes secundarias, consultando obras ya reconocidas en historiografía sobre la Guerra Civil Española, como los clásicos escritos por los autores Hugh Thomas (1976), Gabriel Pretus (2013), Peter Wyden (1983) y Gabriel Jackson (1976). Estos materiales fueron previamente seleccionados por su consolidada relevancia académica y su capacidad de brindar una adecuada contextualización del conflicto y, posteriormente, informar el análisis de la acción de las organizaciones de ayuda humanitaria.

En cuanto a los datos cuantitativos, se movilizaron los datos proporcionados por organizaciones internacionales como el Comité Internacional de la Cruz Roja, Save the Children y los Quakers. Informes de la época aportan datos cuantitativos como el número de refugiados, el volumen de ayuda enviada y la distribución geográfica de estos recursos en el territorio español. Muchas informaciones como esta fueron utilizadas por Gabriel Pretus (2013) en su libro *"Humanitarian Relief in The Spanish Civil War (1936-1939)"*, también consultado para el análisis de este artículo.

El análisis cuantitativo de estos datos permitió observar tendencias, como la disminución de los volúmenes de ayuda enviada durante el conflicto, especialmente después del momento en que los desacuerdos de las OI con el gobierno nacionalista comenzaron a desencadenarse. Los criterios de selección de estos datos fueron basados en la confiabilidad de estas fuentes y la relevancia de estos números para el análisis.

De este volumen de información procesada se llegó a la interpretación de que Organismos Internacionales prestaron un alto grado de ayuda humanitaria a España, especialmente entre 1936 y 1937, a través de diversas modalidades, tales como: creación de dispositivos de asistencia social; evacuación de niños y mujeres a territorio extranjero; intercambio de prisioneros; establecimiento de puentes de diálogo entre ambas partes; construcción de hospitales; asistencia médica; y donación de ropa, alimentos y artículos de higiene. Después de 1938, la división del país restringió la actividad internacional de las organizaciones, hasta el punto en que la victoria franquista llevó España a un fuerte aislamiento internacional en las décadas posteriores.

2 AYUDA HUMANITARIA INTERNACIONAL

En este apartado, se explicará el concepto de Ayuda Humanitaria Internacional, presentando su evolución, sus modalidades y sus formas hasta 1936, año del estallido de la Guerra en España. En primer lugar, se revisará la historia de este tipo de cooperación, buscando contextualizar el surgimiento de las primeras organizaciones de este tipo. A partir de esto, será posible establecer el nivel de organización institucional que presentaban estas OI al inicio del conflicto.

Según Benthall (1994), los primeros esfuerzos de ayuda humanitaria en la historia se centraron en movimientos organizados por entidades religiosas, con el objetivo de ofrecer comida, vivienda y aliviar el sufrimiento de los más necesitados. Después de la Ilustración, los esfuerzos en esta dirección aumentaron gradualmente, impulsados por el reconocimiento, emergente en la filosofía de la época, de un concepto de humanidad. Durante las Guerras Napoleónicas, por ejemplo, los movimientos de la sociedad civil inglesa – fuertemente influidos por esas convicciones religiosas – fueron fundamentales a la hora de iniciar campañas para otorgar ayudas a las regiones afectadas por las invasiones francesas (Götz, 2014), promoviendo la recaudación de fondos para trabajos humanitarios.

Aún en este contexto, una de las primeras organizaciones en este ámbito fue la Sociedad Religiosa de Amigos (Los Cuáqueros), fundada en 1652, en Inglaterra. La organización adoptó una visión religiosa y pacifista, motivada a desarrollar acciones contra la guerra. Así, crearon cuerpos militares que servirían para paliar situaciones provocadas por guerras y desastres naturales (Ponce, 2018). En el mismo sentido religioso, la creación del Comité para el alivio de la pobreza en Alemania, fruto de la cooperación entre evangélicos ingleses y luteranos alemanes (Kloes, 2014), representa uno de los primeros esfuerzos estatales destinados a conceder ayuda humanitaria.

En los años siguientes, las incertidumbres territoriales del Congreso de Viena (1815) reservaron para Europa otro siglo marcado por conflictos de gran escala. La Primera (1848-1849) y la Segunda (1859) Guerras de independencia italiana, la Guerra de Crimea (1853-1856) y la Guerra franco-prusiana (1870-1871) servirán de preludio a la presencia todavía latente de un grado de inquietud entre las grandes potencias del Concierto europeo, que,

en el futuro, trasladaron sus rivalidades a conflictos que pronto se globalizarían.

Una singular batalla ocurrida en uno de estos conflictos jugaría un papel fundamental en el desarrollo de Organizaciones Internacionales vinculadas al área de la ayuda humanitaria. En la Segunda Guerra de Independencia italiana (1859), luchada entre los austrohúngaros y los italianos de los reinos de Piamonte y Cerdeña, la batalla de Solferino llevó la vida de 40 mil hombres (CICR, 2024).

Casualmente, el empresario suizo Jean Henry Dunant (2017) se encontraba, ese mismo día, en las afueras del campo de batalla, por un viaje de negocios. La coincidencia lo colocó ante escenas horrendas, relatadas en su libro, "Un Recuerdo de Solferino":

> De los muertos, algunos soldados presentan un semblante tranquilo, son los que, alcanzados repentinamente, perecieron en el acto; pero muchos de ellos están contorsionados a causa de las torturas de la agonía, con los miembros rígidos, con el cuerpo cubierto de manchas lívidas, con las uñas de las manos clavadas en el suelo, con los ojos desmesuradamente abiertos, con el bigote erizado, con un siniestro y convulsivo rictus que deja ver sus dientes apretados. Fueron necesarios tres días, con sus noches, para enterrar los cadáveres que había en el campo de batalla pero en un tan extenso espacio, no pocos restos humanos, escondidos en zanjas o en surcos, ocultos en matorrales o por accidentes del terreno, sólo fueron descubiertos mucho más tarde; despedían, lo mismo que los caballos muertos, nauseabunda fetidez (Dunant, 2017, p.44).

La exposición directa a los horrores de la guerra fue fundamental para que Dunant generara ideas y propuestas para el futuro, con vistas a evitar que se repitiera el sufrimiento que presenció en la batalla (Dunant, 2017). La repercusión internacional de la publicación de su informe le proporcionó contacto directo con varias otras personas interesadas en desarrollar un proyecto de ayuda humanitaria. Así, surgió la idea de reunir a diferentes expertos de todo el mundo, en Ginebra, para discutir el tema.

En esta reunión, conocida como la 1ª Conferencia de Ginebra (1863), nació la Institución Internacional de la Cruz Roja. En esta conferencia estuvieron presentes quince gobiernos, entre ellos el español, seis delegados de diversas asociaciones, siete importantes personalidades internacionales y los cinco miembros del Comité Inicial de la Cruz Roja (Ponce, 2018), mostrando la ya latente dimensión internacional del movimiento.

En el año siguiente, con el apoyo del gobierno suizo, se convocó una amplia conferencia diplomática que aprobó la Primera Conferencia de Ginebra, el hito histórico del Derecho Humanitario (Fantinato, 2017). En ese sentido,

> Doble era la finalidad de las propuestas de Dunant: por una parte, la fundación, en todos los países, de "sociedades voluntarias de socorro para prestar, en tiempo de guerra, asistencia a los heridos"; por otra parte, la formulación de un "principio internacional, convencional y sagrado", base y apoyo para dichas sociedades de socorro. (Dunant, 2017, p.120, subrayado nuestro).

Por lo tanto, se puede observar que la suma de dos factores explicados anteriormente: el surgimiento y desarrollo de inspiraciones religiosas y filantrópicas, basadas en ideas filosóficas que valoraban un ideal de igualdad ante la ley de la figura llamada "humana" – combinado con la expansión de las guerras en el continente europeo – especialmente después de los disturbios de 1848– propició el surgimiento de la Cruz Roja: la primera institución internacional oficial con la intención de colaborar a nivel humanitario.

Menos de 70 años después, en la Primera Guerra Mundial, Europa vivirá una guerra total, dónde estas organizaciones tuvieron que jugar un papel muy importante en la atención a las víctimas del conflicto (Ponce, 2018). En respuesta, se puede observar el crecimiento de la integración del tema en el ámbito de las nuevas OI entreguerras, como es el caso de la creación del Alto Comisionado de la Liga de las Naciones para los Refugiados (Paulmann, 2013). En 1921, junto con la Cruz Roja, la Liga creó esta sección para proteger a los casi 2 millones de rusos que se vieron obligados a abandonar su país tras la Revolución (Pretus, 2013), profundizando los debates sobre el *status* jurídico de los refugiados.

Cabe señalar que este período es curioso porque presenta dos tendencias contradictorias: al mismo tiempo que los países europeos se esfuerzan a niveles sin precedentes para aumentar sus entendimientos, a través de la participación en instituciones internacionales, como la Sociedad de Naciones y la OIT (Organización Internacional del Trabajo) – se observa un paulatino aumento del discurso revanchista y belicista, especialmente en las naciones del Eje, sentimiento ese que, llevado a la práctica, culminaría en la Segunda Guerra Mundial.

Sumado a eso, si por un lado la "Gran Guerra" condujo a una mayor popularización y movilizaciones en el movimiento de Coo-

peración Humanitaria, también generó la discusión y acusación de que muchas de esas organizaciones guiaban sus acciones con motivaciones exclusivamente políticas (Montgomery, 2010). Estos aspectos son señales claras de la contradicción que existió en el breve e insostenible orden internacional (es decir, orden europeo) de 1919-1939, basado en el Tratado de Versalles. Existe consenso, en las Relaciones Internacionales, que las organizaciones creadas en este orden, especialmente la Liga, presentaron disfunciones que culminaron en su total ineficacia para promover la paz mundial.

3 UNA CONTEXTUALIZACIÓN GENERAL DE LA GUERRA CIVIL ESPAÑOLA (1936-1939)

> La historia lo denomina "la guerra civil española", pero no fue sólo una guerra española ni sólo una guerra civil, como tampoco la guerra del Vietnam fue sólo una contienda entre el Vietnam del Norte y el del sur. En España, el mundo entero tomó partido para el futuro. (Wyden, 1983, p.20, subrayado nuestro)

La Guerra Civil española es un hito en la polarización política internacional de la década de 1930. Las disputas de ese decenio, hechas dentro o fuera de los Estados, fueron eminentemente transnacionales. En ninguna parte esto fue más evidente que en España, que se convirtió en la expresión ejemplar de la confrontación global (Hobsbawn, 2006) que pronto estallaría.

En este apartado se contextualiza el acontecimiento analizado en este artículo, la Guerra Civil Española (1936-1939), abarcando los factores internos e internacionales que propiciaron el estallido del conflicto armado. Adicionalmente, desde el escenario del conflicto, se analiza brevemente el esfuerzo de los Estados extranjeros en España a partir de 1936. Finalmente, se abarca la dimensión de la catástrofe humanitaria generada por la Guerra y sus tragedias humanas.

Para entender cómo se desarrolló el conflicto, hay que comprender la historia de España en el siglo XX. El inicio de esos años estuvo marcado por severas dificultades para el país, marcadas por las repercusiones de las últimas guerras coloniales; como la Guerra de Cuba (1895), que se convirtió en la Guerra Hispanoamericana (1898), en la que España fue derrotada. La pérdida de la rica colonia caribeña – hecho inmortalizado como *"El desastre del 98"* en la historiografía ibérica – acabó con el último vestigio del otrora gran

Imperio español, provocando una crisis nacional. Repentinamente, se encontraron los españoles en un momento crítico: en el apogeo de la Segunda Revolución Industrial, marcada por un progreso astronómico en el capitalismo imperialista global, se dieron cuenta de que eran, en realidad, nada más que un país europeo pobre, con pocos recursos (Thomas, 1976).

El estallido de la Primera Guerra Mundial y sus consecuencias inmediatas provocaron problemas aún más grandes para el país. A pesar de una cierta estabilidad comercial provocada por la neutralidad, una sucesión de crisis gubernamentales y sucesivas pérdidas de posesiones coloniales en el norte de África acabaron por minar la confianza en la monarquía, que fue directamente culpable de las derrotas militares en Marruecos. Así, en 1923, incapaz de resistir un golpe de Estado, el rey Alfonso XIII nombró al general rebelde Primo de Rivera como presidente. A partir de entonces, las funciones reales serían extremadamente limitadas.

En medio de la agitación europea de la década de 1920, Rivera trajo cierta estabilidad política a España, aunque utilizó prerrogativas autocráticas para lograrlo. Económicamente, en el contexto de un ciclo global expansivo (1924-1929) — se produjo un importante crecimiento económico y se desarrolló una política intervencionista y proteccionista con inversión en obras públicas e infraestructuras (Rey, 2006) calmando los fervores de las masas españolas. Al resumir los 8 años de gobierno, Jackson (1976) destaca que el Presidente Primo de Rivera:

> Supo tratar con éxito los agudos problemas militares de Marruecos; estimuló las obras públicas y el desarrollo industrial, y, en contraste con Mussolini, respetó las organizaciones obreras socialistas. Pero, con su subida al poder, España perdió la gran libertad intelectual y las ligeras libertades parlamentarias que había logrado desde 1875. La corrupción, la ineficacia y la influencia militar en la política se extendieron rápidamente. El régimen fuertemente personal de Primo de Rivera duró a través de los prósperos años veinte; pero cuando la depresión mundial alcanzó a España en 1929, el rey Alfonso, siempre hábil, aunque nunca generoso, se libró de Primo de Rivera (Jackson, 1976, p.27, subrayado nuestro).

Tras la destitución de Primo de Rivera por el Rey, España entraría en los años más inestables de su historia. El descontento ya generalizado con las instituciones monárquicas obsoletas, la falta de legitimidad y la crisis económica desencadenada en 1929 llevaron también a la abdicación de la monarquía.

Con ello, el 14 de abril de 1931 fue la fecha de la proclamación de la breve y agitada Segunda República Española. Para tener una idea de cómo era España en ese momento: el país tenía 24 millones de habitantes, de los cuales alrededor de la mitad eran analfabetos. Se estima que 8 millones de españoles vivían por debajo del umbral de pobreza, y mientras la mitad del territorio del país estaba concentrado en manos de apenas 20 mil propietarios, 2 millones de campesinos no poseían ni un solo pedazo de tierra (Rossif; Chapsal, 1975).

En este contexto, marcado por la penuria económica, por el hambre, por la desigualdad y por una casi irreversible crisis política, el país se encontró extremadamente polarizado, y mientras el anarquismo, el socialismo y el comunismo estaban presentes entre las capas proletarias, el fascismo surge como una forma de domar las revueltas populares y alentar a los militares, resentidos por las derrotas de 1898. Jackson (1976) destaca que:

> Quizá no haya habido período en la historia de ninguna nación (incluyendo a la Francia revolucionaria de 1789-1799 y la revolucionaria Rusia de 1917-1928), en que una proporción tan grande del pueblo actuara conscientemente por convicciones íntimas, como lo hizo el pueblo español durante los años 1931-1939. Los ritos de la tauromaquia y la herencia de la Inquisición fueron también dramáticos ingredientes de la crueldad desplegada en la guerra. Pero la coyuntura de pasiones políticas e ideológicas es ciertamente la principal explicación (Jackson, 1976, p.495, subrayado nuestro).

Para paliar los conflictos de clases, los esfuerzos legislativos de la República buscaron establecer un Estado social, capaz de reducir las grandes desigualdades que aquejaban al país. Fueron muchas novedades en la Constitución de 1931, que instituyó: la igualdad de género; el derecho al voto; la garantía de los derechos civiles, económicos, políticos y sociales; el divorcio; la posibilidad de la socialización de la propiedad; el derecho de iniciativa popular legislativa y de convocatoria de referéndum (España, 1931).

Además de garantizar los derechos sociales, la Constitución de 1931 se encarga de separar la Iglesia – muy tradicional y fuerte en España – del Estado, aboliendo los fueros de la institución. Este factor provocó un descontento generalizado en la derecha conservadora y en los militares, quienes aumentaron sus demandas ante la creciente relevancia de la izquierda en la entidad gubernamental.

Así, en 1932, un fallido intento de golpe de Estado – dirigido por el aliado de Rivera, el general Sanjurjo – fue reprimido por el gobierno socialista. En cambio, luego en 1934, miembros de la izquierda radical se encargaron de organizar una Huelga General, impulsando movimientos revolucionarios en diferentes regiones del país.

Esa fue la gota que colmó el vaso para la organización del Golpe de Estado, encabezado por los generales nacionalistas Francisco Franco y Emilio Mola, y el 18 de julio de 1936 se inició el movimiento golpista en España. Con el objetivo de llegar a la capital, Madrid, levantamientos en todas las provincias provocaron el inicio de un conflicto armado entre nacionalistas y republicanos. Así, la revuelta militar dejó al país dividido en dos regiones: aquellas en las que el golpe había tenido éxito y aquellas que permanecían leales al gobierno republicano (Roces, 2021).

A pesar de los intentos internacionales de establecer políticas de no intervención en los años siguientes, es un hecho comprobado que la ayuda internacional contribuyó fuertemente a la guerra. Los republicanos contaron con la ayuda de la venta de armas y la ayuda económica de Francia, Inglaterra y, sobre todo, de la Unión Soviética. Aun así, alrededor de 40 mil voluntarios, procedentes de más de 50 países, se incorporaron a las Brigadas Internacionales para luchar por el gobierno y por la legalidad establecida en la Constitución española de 1931 (Thomas, 1976).

Por otro lado, la banda rebelde recibió ayuda de la Italia de Mussolini y de la Alemania nazi, que proporcionó aviones de transporte y el apoyo logístico liderado por la feroz Legión Cóndor, liderada por el mariscal Wolfram *Freiherr* Von Richthofen (Thomas, 1976), responsable directo por uno de los episodios más famosos y tristes de la guerra: el bombardeo, el 26 de abril de 1937, de la histórica ciudad vasca de Guernica. La maquinaria de guerra alemana, que preparaba su aparato militar para la guerra de conquista del *Lebensraum*[2], fue responsable de la muerte de más de 1.600 civiles en un único día (Thomas; Morgan-Witts, 1976). Este ataque traspasó

2. Lebensraum es un concepto originario de la geopolítica alemana, que en castellano significa espacio vital. Con la ascensión del partido Nazista al poder en 1933, la conquista del Lebensraum para el usufructo del pueblo alemán se convirtió en una meta política, siendo la justificación presentada por Adolf Hitler para la guerra de conquista que fue desarrollada en dirección a Europa Central y a Europa del Este. Para más información sobre el concepto y sus consecuencias geopolíticas, consultar Malisson y Ristic (2016).

rápidamente las fronteras españolas, siendo condenado con vehemencia por varios países europeos, que denunciaban esta forma de hacer la guerra en donde el objetivo no era el frente, sino hacer el más daño posible a la población (SCR, 1937), pues además del uso de bombas incendiarias y de la destrucción de casas – o mejor, de todo posible – en Guernica los aviones utilizaran incluso disparos directos contra civiles. El episodio sería inmortalizado por Pablo Picasso en una de las obras de arte más famosas de todos los tiempos.

Las repercusiones del ataque del 26 de abril de 1937 fueron extremadamente negativas para el bando golpista y para sus aliados. Los daños fueron tales que hubo una vergüenza generalizada que incluso llevó a la negación de la responsabilidad del bombardeo. En la edición del 16 de mayo de 1937, el periódico republicano "*Socorro Rojo Internacional*" informa del hecho, indignado por la contradicción presente en la declaración del ministro nazi von Ribbentrop – aliado de Franco – y su total falta de escrúpulos, propia del fascismo:

> El representante de Alemania, von Ribbentrop, apoyado por los de Italia y Portugal se opuso categóricamente diciendo: "Por los resultados de mi propia experiencia durante la guerra europea, yo sé que ciertas operaciones, como él bombardeo de ciudades abiertas, aunque sean hechos lamentables, son necesarios a veces". Declaración que descubre como los bombardeos de Éibar, Durango, Elgueta, Guernica, fueron ejecutados siguiendo órdenes procedentes de Alemania. El fascismo no se para en barras para conseguir sus fines y villas enteras, hogares y cientos y cientos de mujeres y niños han sido cruelmente sacrificados al ansia de conquista. Tan inhumanos han sido los bombardeos de estas desdichadas ciudades vascas, tal resonancia universal ha alcanzado estos hechos incalificables, que después de consumada la destrucción de Guernica, el servicio de propaganda fascista ha querido zafar la responsabilidad adquirida atribuyendo a los rojos la consumación del horrendo crimen (SCR, 1937, p.4, subrayado nuestro).

Imagen 1 - El célebre cuadro Guernica fue pintado por Pablo Picasso en 1937, con el intento de transmitir el terrible sufrimiento de las personas de la ciudad mientras duraba el bombardeo. Actualmente, se encuentra expuesto en el Museo Reina Sofía, en Madrid.

Referencia: Picasso (1937).

En ese contexto, Franco ya se había proclamado *"Generalísimo"* y jefe de Estado del país, título que ostentaría durante 39 años (Thomas, 1976). Tras la muerte del general Mola, el "*Caudillo*"[3] asumió el cargo indiscutible de líder de los golpistas, convirtiéndose en el comandante-general de las tropas nacionalistas. Así, la ofensiva militar que tuvo lugar ha creado una crisis humanitaria sin precedentes en la historia del país. Ante esa situación inédita, el gobierno incluso se vio obligado a crear mecanismos jurídicos sobre la condición de refugiado interno, legislando de manera inédita sobre el concepto en una orden emitida por el gobierno de la República el 2 marzo de 1937:

> "Se entiende como refugiado toda persona que, sin ser combatiente o varón sano, mayor de veinte años y menor de cuarenta y cinco haya tenido que mudar de residencia por causa de la presente guerra, no sea hostil al régimen, carezca de medios de subsistencia y no esté acogida por otra de su familia o amistad (España, 1937, p.1051, subrayado nuestro).

3. Caudillo fue uno de los nombres atribuidos a Franco por sus defensores. En castellano, el término es históricamente empleado para referirse a un líder político, militar o ideológico (Real Academia Española, 2024) siendo utilizado con mucha frecuencia para referirse a los líderes regionales del contexto de independencia latino-americano. Por otro lado, suele también tener una connotación peyorativa cuando utilizada por bandos de lados opuestos del espectro político para denotar una idea relacionada a una figura autoritaria y déspota.

Con la continuidad de la ayuda fascista internacional, la banda rebelde fue conquistando las ciudades republicanas que aún no se habían sumado al golpe. Progresivamente, mediante la continuidad de los bombardeos de ciudades y asaltos coordinados junto con la infantería italiana y alemana, Franco ya dominaba, en 1939, regiones clave del país como Asturias, Galicia, el País Vasco, Cantabria y Cataluña. En abril de 1939, la marcha final se dirigió hacia Madrid, donde los nacionalistas ganaran la guerra, con poca resistencia del ya desmoronado gobierno republicano y de las milicias *rojas*[4], ambos abandonados a su suerte por sus aliados internacionales. En ese momento, asombrosa era la situación presentada en la nación:

> España, 1939. Dos millones de presos. Quinientas mil viviendas destruidas, ciento ochenta y tres ciudades gravemente devastadas. En tres años, un millón de muertes violentas. Quinientos mil exiliados. Un ejército de seiscientos mil soldados. Un solo partido: La Falange. Una religión de estado: la religión católica. Un jefe único: el Caudillo. Los salarios volvieron a los niveles de 1936. Los grandes terratenientes recuperaron sus tierras. La Iglesia recupera sus grandes dominios (Rossif; Chapsal, 1975, p.134, subrayado nuestro).

4 LA ACCIÓN MATERIAL: EL PAPEL DE LAS ORGANIZACIONES INTERNACIONALES DE AYUDA HUMANITARIA EN LA GUERRA CIVIL ESPAÑOLA

En este apartado, el artículo describe y analiza la acción práctica llevada a cabo por las principales instituciones internacionales en el contexto de la ayuda humanitaria a las víctimas de la tragedia provocada por la Guerra Civil Española. Para ello, se abordará la cooperación proporcionada por el Comité Internacional de la Cruz Roja, por la institución Save The Children y por Los Cuáqueros. Los tipos de ayuda que se explicarán más adelante fueron diversos, desde el apoyo en el desplazamiento de refugiados hasta la intermediación entre bandas rivales.

> Ayuda material y la concesión de trabajadores humanitarios fueron proporcionados por organizaciones de España y de muchos otros países, siendo las más importantes las organizaciones de ayuda suizas y belgas y los grupos cuáqueros británicos y estadounidenses, aunque ayuda de todo el mundo ha llegado. Algunas de estas

4. "Rojos" fue el nombre utilizado para referirse al bando republicano, en alusión a la participación de integrantes de la izquierda en ese lado, que por costumbre y simbolismo, históricamente usan el color para su representación política.

> organizaciones ya tenían experiencia brindando ayuda humanitaria durante conflictos anteriores, mientras que otras se crearon en respuesta a los acontecimientos en España. Todos ellos colaboraron con su ayuda a las organizaciones políticas y sindicales cuando fue necesario, montando comedores, hospitales, bancos de ropa y campamentos infantiles, entre otras actividades (Roces, 2021, p.54, subrayado nuestro).

El conflicto provocó un cambio importante en la demografía del territorio ibérico, provocando una gran crisis demográfica en el país. Desde 1936, el movimiento de personas que huían de un frente hasta otro llevó a la necesidad de crear dispositivos de asistencia social para los refugiados (Ponce, 2018), especialmente para mujeres y niños. Contando solamente a los desplazados internos, la cifra más aceptada es que alrededor de tres millones se vieron obligados a abandonar sus hogares, de los cuales aproximadamente 1 millón y ochocientos mil necesitaron asistencia institucional y refugio (Ledesma, 2002).

Así, los esfuerzos de cooperación internacional fueron rápidamente movilizándose. Ya en julio de 1936, motivada por la presencia de un importante número de niños extranjeros repartidos por las colonias de verano españolas cuando en el estallido del conflicto, España recibió varias solicitudes diplomáticas extranjeras para proporcionarles una atención adecuada (Pretus, 2013), haciendo con que interviniera el Comité Internacional de la Cruz Roja (CICR) en la situación, desde un contacto inicial tanto con Franco cuanto con el gobierno (Pretus, 2013). Ambas partes aceptaron la asistencia brindada por el CICR, reforzada por el principio de neutralidad reiterado por la institución, encabezada por el delegado Marcel Junod en España (Ponce, 2018).

Así, se instalaron delegaciones de Cruz Roja en Madrid, Barcelona, Burgos y Sevilla (Pretus, 2013), y sus principales funciones al inicio de la guerra eran: visitar a los prisioneros de guerra; mediar en el intercambio y liberación de cautivos; brindar ayuda humanitaria, información y comunicación (Ponce, 2018). Los niños fueron los principales destinatarios de la ayuda: refugiados, huérfanos y otros niños necesitados, sin distinción (Roces, 2021). Para ellos, el CICR siempre estuvo dispuesto a colaborar con las diferentes operaciones de evacuación, haciendo diversos llamamientos para recolectar ayuda en forma de víveres, ropa, medicamentos, etc (Ponce, 2018).

El avanzado grado de articulación institucional que tenía la Cruz Roja en ese momento permitió que su acción fuera bastante integral, siendo que la presencia de comités locales también fue esencial para suavizar los efectos de la guerra sobre la población local. Por ejemplo, en Lérida, en Cataluña, la Cruz Roja no sólo estableció un hospital de emergencia, sino que también fue responsable por crear pequeños sanatorios y hospitales de urgencia en zonas más avanzadas de la retaguardia, destinadas a atender casos más graves, que sucederían en regiones cercanas como Caspe, Villa de Sástago o Belchite (Clemente, 1990). Así, en la fase inicial de la guerra (1936-1937), las acciones de la organización continuaron de esta manera:

> El principio de neutralidad hizo que Cruz Roja hizo que se distribuyera la ayuda humanitaria en ambos bandos, según las necesidades individuales. La ayuda humanitaria fue especialmente médica aunque también se distribuía paquetes de comida junto a Ayuda Suiza y la SCIU. En noviembre de 1936 ya había recaudado para la causa española un total de 441.000 francos suizos. La mayoría de estas donaciones fue para la zona republicana ya que se encontraban los más necesitados y afectados de ambos bandos. También ayudó a mediar entre ambos bandos para las evacuaciones, sobre todo de asilados que se amontonaban en las embajadas. También serían un eje de comunicación ya que consiguieron acordar entre ambos gobiernos abrir agencias de información para civiles y prisioneros liberados, para intentar contactar con las personas desaparecidas. El gran éxito de este servicio, permitió llevar un registro preciso e incrementar la efectividad de la labor humanitaria. (Ponce, 2018, p.46, subrayado nuestro).

Un hecho que comprueba eso es la intermediación de la Cruz Roja en el canje de 2500 hombres republicanos por 2500 hombres nacionalistas. En septiembre de 1937, varones republicanos capturados en batalla fueron intercambiados por hombres nacionalistas – de la misma edad y en las mismas condiciones – que se refugiaron en embajadas, consulados y edificios situados en la zona roja (El Defensor de Córdoba, 1937), siendo que todo el proceso fue administrado por la institución.

Por lo tanto, es un claro hecho histórico que, basado en el principio humanitario y neutralista, el CICR estuvo realmente involucrado en el proceso de brindar ayuda a las víctimas, sin importar de qué lado del conflicto estuvieran. Según Pretus, hay la comprobación que solamente las organizaciones Cruz Roja, Save the Children

y los Quakers actuaran neutralmente, siendo, de acuerdo con él *ipsis litteris* "completamente no partidarias" (Pretus, 2013, p. 352).

No obstante, es de recordarse que muchos miembros de las OI terminaron perdiendo la vida mientras llevaban a cabo el proceso de ayuda. A pesar de los intentos de señalar, con el símbolo mundialmente reconocido de una cruz roja, los lugares donde se desarrollaban procesos de atención médica o donde había concentraciones de refugiados, algunos accidentes alcanzaron al cuerpo de personal de socorro del CICR. Asimismo, no dejaron de prestar asistencia incluso en sitios que presentaban condiciones delicadas, como aquellos que tenían órdenes de evacuación. Ese es el caso, por ejemplo, de un hecho ocurrido en octubre de 1937, en Oviedo:

> En la zona nacionalista o franquista, cabe destacar el heroísmo del personal sanitario de la Cruz Roja que murió en acto de servicio el 28 de octubre de 1937 en Oviedo, por quedarse cuidando de los heridos y enfermos al ser evacuada la posición por las tropas nacionalistas; también se efectuaron evacuaciones de niños y adultos a países neutrales para evitarles los horrores de la guerra. En la zona republicana, la Cruz Roja suministró víveres y medicinas, tanto a los necesitados y heridos como a los refugiados. Donó alimentos para los presos a través de la Dirección General de Seguridad (Cruz Roja, 1989, p.11).

Así, se puede ver que el terror de Franco no perdonaba ni siquiera a los trabajadores humanitarios. En la siguiente imagen, se puede ver el trabajo de la CICR, tras el bombardeo nacionalista en Barcelona, ocurrido el marzo de 1938. Es importante destacar los gorros de los voluntarios, que pueden identificarse incluso por incursiones aéreas de grandes altitudes. En caso de un ataque, los pilotos enemigos podrían observar que los miembros del CICR estaban brindando asistencia médica a los heridos en el suelo, llevando a la esperanza, no siempre correspondida, que los bombardeos fueron disueltos provisionalmente.

Imagen 2 - Voluntarios de la Cruz Roja trabajan para localizar a los supervivientes tras un bombardeo de los nacionalistas contra Barcelona, en marzo de 1938. Los aviones utilizados en los ataques contra Cataluña eran de la Aviazione Legionaria, la fuerza aérea prestada por los italianos para luchar por la causa golpista en España. En menos de dos días, fueron lanzadas a Barcelona casi 50 toneladas de explosivos.

Referencia: Banks (2017).

Sin embargo, la paulatina radicalización del conflicto se convirtió en un progresivo obstáculo a la acción del organismo internacional, que se vio sometida a las diferentes directrices impuestas por las dos Españas en su momento. Como ejemplo, en el famoso episodio del "Asedio del Alcázar de Toledo[5]" – uno de los principales

5. El Asedio del Alcázar de Toledo fue una de las principales batallas de la Guerra Civil Española. Después de perder el dominio de la ciudad, situada a sólo 75 kilómetros de Madrid, los sublevados nacionalistas se refugiaron en el Alcázar con sus familias. Las fuerzas republicanas empezaron el asalto al sitio el 21 de julio de 1936, no logrando dominarlo hasta la llegada del rescate, hecho por tropas nacionalistas el 27 de septiembre, más tres meses después. Francisco Franco transformó la victoria de Toledo en un verdadero símbolo de resistencia en el imaginario de los nacionalistas españoles. La foto del Generalísimo junto al comandante nacionalista del Alcázar, el coronel Moscardó, hecha en el día de la liberación, así como las historias de resistencia en episodio, se difundirían por todo el mundo en los meses siguientes. El episodio de Toledo representó una inmensa derrota moral para el Gobierno republicano y para sus aliados. Para más informaciones sobre El Asedio del Alcázar de Toledo, consultar el capítulo 19 y el capítulo 24 de "La Guerra Civil Española", de Thomas (1976).

de la Guerra – los combates impidieron que el CICR llevara a cabo la evacuación de civiles que ya había logrado negociar (Clemente, 1990). Del mismo modo, se produjo un grave revés en la atención a los prisioneros cuando, en julio de 1938, el gobierno nacionalista suspendió todas las visitas a los prisioneros condenados y prohibió el acceso al campo, donde se encontraban los prisioneros de la Brigada Internacional (Pretus, 2013).

La aproximación de la victoria de los golpistas – cada vez más presionados por los alemanes y por los italianos – generó un estado de total intolerancia entre los grupos, donde el diálogo con la propia CICR fue paulatinamente volviéndose difícil. Un episodio que así lo demuestra es narrado por Hugh Thomas (1976):

> Cuando el representante de la Cruz Roja, doctor Junod, se dirigió a Mola para proponerle un intercambio de prisioneros de uno y otro bando, el general contestó; «¿Cómo quiere que cambiemos un caballero español por un perro rojo? Sí dejo marchar a los prisioneros, mi pueblo me considerará un traidor... Ha llegado usted demasiado tarde, monsieur, estos perros ya han destruido los valores espirituales más gloriosos de nuestra patria» (Thomas, 1976, p.336).

A propósito, a partir de 1938 – especialmente en el bando nacionalista, como sugiere la declaración del General Mola – puede verse señales de cuestionamiento de la propia neutralidad de la Cruz Roja, tras el proceso ya en curso de *deshumanización total del enemigo* en la Guerra Española. Aún más sorprendente, es el hecho de que esos enemigos eran, más que nada, compatriotas.

En 1938, la Batalla del Ebro selló el destino de Cataluña, haciendo que la derrota de la República fuera sólo una cuestión de tiempo. A partir de entonces, el eje de actuación de CICR se basó fundamentalmente en dos frentes: la gestión de refugiados y la el intercambio conjunto de presos políticos. A finales de 1938, el CICR ya trabajaba en la evacuación a Francia y a otros destinos de centenas de brigadistas internacionales heridos, a peticiones internacionales para la retirada de voluntarios extranjeros (Pretus, 2013). Igualmente, la Cruz Roja consideraba como prioridad la protección de la vida de los prisioneros retenidos por los republicanos hasta la llegada de las tropas franquistas, centrándose también en el cuidado de los nuevos prisioneros creados por la ocupación franquista de Cataluña (Pretus, 2013).

A causa de la inminente derrota, la mayoría de las representaciones diplomáticas ya habían abandonado Madrid, lo que provocó

que el CICR asumiera la responsabilidad de proteger a los refugiados en las embajadas extranjeras. Al fin y al cabo, el 27 de marzo de 1939, cuando cayó la capital, todos esos refugiados políticos estaban a salvo (Pretus, 2013) con gran parte del éxito siendo atribuido a la heroica actuación del CICR. En relación con los demás refugiados, los datos indican que, a finales de enero de 1939, había 45.000 refugiados españoles en Francia, lo que significa que alrededor del 25% de ellos eran niños (FFAM, 1939). El principal éxodo se produjo en 1939, en febrero y en los principios de marzo cuando, según cálculos del CICR, más de 230.000 refugiados huyeron a Francia (Pretus, 2013).

Tal como, en el contexto de la ayuda brindada a la infancia, la organización *Save the Children* (SCT) jugó un papel fundamental. Fundada en 1919, en Londres, el objetivo inicial de la institución era proporcionar un fondo exclusivo para niños en situación vulnerable. La SCT logró una gran eficacia en sus primeros años, ayudando a miles de refugiados de la Guerra Civil Rusa.

Con el estallido del golpe de 18 de julio, la *Save the Children* fue prontamente contactada por los republicanos españoles. Inicialmente, telegramas enviados por el Consejo Superior de Protección de Menores y la Federación de Sociedades de Amigos del Colegio solicitaban la intervención de la organización para rescatar a 776 niños dispersos por el territorio español (Pretus, 2013). Subrayando su voluntad de permanecer neutral, declaró formalmente que "nuestro estatuto de intervención parece muy apropiado en las circunstancias, ya que la organización del intercambio de niños no debería provocar ninguna acusación de partidismo" (AEG-SCIU, 1936).

Ya en octubre de 1937, la organización logró garantizar la evacuación de 475 niños, de Santander para Francia, y luego a sus padres – que se encontraban en Madrid y Toledo (Pretus, 2013). Además, comida, ropa, alojamiento o mediación para subirlos a el barco fueron donados por la institución (EITB, 2019). Ponce (2018) agrega más detalles a sus operaciones:

> La ayuda en la zona republicana consistió en crear un programa de colonias, con un gasto de tres pesetas por niño, los cuales se podían instalar en casas más o menos amuebladas, provistas con el apoyo del Consejo Superior para la Protección de Menores, el cual era el encargado de elegir a los niños y profesores. También se repartió leche y galletas en las zonas más afectadas como en

> Barcelona en la estación de tren, con la colaboración del FSC. Del mismo modo se crearon comedores en las estaciones de Sants y la de Carmen, o se distribuían ropas. Se dispusieron también medios de transporte como autobuses para facilitar las evacuaciones desde Madrid de niños (Ponce, 2018, p.51).

En el mismo ámbito, actuaron Los Cuáqueros. Principalmente en el área de nutrición infantil, la organización estableció un centro de distribución de alimentos, asumiendo la responsabilidad directa de alimentar a los niños que llegaban (Ponce, 2018). Con la ayuda de empresas británicas, distribuyeron alimentos como chocolate, leche, azúcar y galletas (Pretus, 2013). También, las donaciones de los Cuáqueros se encargaron de financiar hospitales, distribución de ropa y artículos de higiene. (Pretus, 2013).

Debido a su eficacia, este modelo de distribución creado por los Cuáqueros se extendió a varias escuelas ubicadas en grandes concentraciones de población, especialmente en Cataluña. Las estimaciones apuntan a una cantidad de 148.867 niños atendidos durante el período (Vega, 2012).

En cuanto a la relación entre las tres instituciones, cabe mencionar que la colaboración entre la SCT y los Cuáqueros dio resultados y fue productiva, pero se distanciaron a medida que se desarrollaba el conflicto, especialmente debido a métodos de trabajo y personalidades diferentes. en un contexto de extrema presión (Ponce, 2018). El CICR mantuvo su papel de liderazgo en la coordinación de los trabajos, tanto por ser una institución más reconocida cuanto porque eliminaba muchas sospechas de los intervencionistas, instrumentos que enfrentarían los Cuáqueros y el Save the Children, ambos de origen inglesa y que contaban con gran financiación e implicación de Estados Unidos.

Al fin y al cabo, la victoria de la España de la Cruz y la Espada, en 1939, no cambió el sufrimiento continuo del pueblo español. Estimaciones indican la muerte de alrededor de 500 mil personas (Thomas, 1976) en la guerra, cifra que seguramente sería significativamente mayor si no fuera por las acciones de las organizaciones presentadas en este artículo.

El escenario para quienes permanecieron en España fue una tierra completamente devastada, ciudades destruidas, persecución política y un colapso económico casi total. El futuro de quienes se habían visto obligados a abandonar sus hogares después de la guerra estuvo generalmente condicionado por represión, ya que el

mero hecho de haber huido fue cuestionado por el nuevo régimen (Roces, 2021). Después del final de la guerra, utilizando la presión por políticas de "no intervención", las asociaciones internacionales pusieron fin a sus actividades en el país, pasando ahora exclusivamente a comités nacionales, directamente subordinados al gobierno español, ahora con sus nuevos vestidos fascistas.

5 CONCLUSIÓN

La última guerra de las barricadas, llena de pasión, sangre y el garbo propio de los españoles, la Guerra de España fue la antesala del desastre que el nazi fascismo hundió a la Humanidad (Lazzero, 1972). El 1 de septiembre del mismo año de la conquista franquista de Madrid, Hitler invadió Polonia, iniciando la II Guerra Mundial. Es imposible medirlo con exactitud, pero se estima que, en los 6 años siguientes, alrededor de 40 millones de civiles fueron muertos (ONU, 2024).

Muchas de estas muertes fueron causadas por tácticas militares probadas y desarrolladas en suelo ibérico por los intervencionistas alemanes, italianos y rusos. Sin embargo los conocimientos técnicos derivados de las atrocidades cometidas en suelo ibérico se utilizaran para los horrores de la Segunda Guerra Mundial, el desarrollo de aparatos médicos, técnicos y jurídicos para la cuestión de la ayuda humanitaria y de la crisis de los refugiados tendría fundamental importancia para paliar la próxima tragedia.

Como resultado de la trágica experiencia de la I Guerra Mundial, el desarrollo de instituciones como Save The Children, la Cruz Roja y los Cuáqueros ya estaba relativamente maduro en 1936, contando con diversas fuentes de financiación y un cuerpo experimentado de profesionales. Su movilización, especialmente de la CIRC, presente desde el primer día del conflicto en España, juega un papel clave para salvar cientos de miles de vidas. El presente estudio pudo concluir la gran aportación de estas instituciones en la Guerra, que servirían para paliar el daño directo a la sociedad española de la época. Aun así, las OI, si bien valoraban la neutralidad, actuaron con un rol político único que desencadenó muchos procesos fundamentales: la apertura de canales de diálogo y de negociación entre los grupos.

A través de este enfoque metodológico neutral, las instituciones abrieron posibilidades de conversación – hasta entonces inexistentes – entre los líderes de las dos Españas, permitiendo hechos

como: el intercambio de prisioneros; la construcción de hospitales; reunir a familias con niños aislados al comienzo del conflicto; acceso a la alimentación y la salud; transporte a zonas neutrales; y la evacuación de refugiados al extranjero, especialmente para Francia y Latinoamérica. Así, desempeñaron un oficio heroico e inolvidable, honrando su noble determinación de brindar un mínimo de dignidad a seres humanos azotados por un contexto de total inseguridad jurídica, económica y social. Los datos y hechos presentados en este artículo son suficientes para demostrar la contribución fundamental de estos organismos internacionales en la prestación de servicios humanitarios, en varios niveles, a la población española – al mismo tiempo que trabajaba para enfriar los efectos de la guerra.

Sin embargo, muchos de los que sobrevivieron en el extranjero también quedarían devastados por la ocupación nazi de Francia, y miles de españoles acusados de subversión serían deportados a los campos de concentración, especialmente a Mauthausen, conocido como "*el campo de los españoles*".

Para los niños españoles de los años 30, el símbolo de una Cruz Roja representaba un atisbo de esperanza, una oportunidad de reconstrucción. Los (pocos) que algún día regresaron a España se sintieron, por muchas veces, como inmigrantes en su propia tierra natal – pues quienes gobernaban eran precisamente quienes los hicieron huir. Francisco Franco fue presidente de España hasta 1975, cuando, en el momento de su muerte – nada más nada menos que 30 años después de Hitler y Mussolini – el fascismo fue tardíamente barrido de la Península Ibérica.

La ayuda de las organizaciones internacionales es un remedio de emergencia que nunca debería querer utilizarse. Pero es precisamente en estas situaciones donde vemos la importante y fundamental necesidad de la cooperación internacional humanitaria, un alivio sustancial fundamental en un país en el apogeo de su desmantelamiento institucional, como lo estaba España en esos años.

Igualmente como la Segunda Guerra Mundial es para la sociedad alemana, la Guerra Civil es para la sociedad española una herida que tardará, en mucho, sanar. Y, aunque nunca más se hayan sentido en casa como antes, los supervivientes de esta generación española tienen la oportunidad de traer la memoria y mantener viva la importancia de las Organizaciones Humanitarias, que les permitieron, sobre todo, un privilegio único: vivir – en el siglo más mortífero de la historia de la humanidad.

REFERENCIAS

AEG-SCIU - ARCHIVES DE L'ÉTAT DE GENÈVE. SAVE THE CHILDREN INTERNATIONAL UNION ARCHIVES (Switzerland). Executive Committee minutes. **Intervention en Espagne**, Switzerland, session 225, n. 9, p. 2, 21 ago. 1936.

BANKS, Doug. The international band of brothers who joined forces to fight Franco's fascists: Colourised images show volunteers including British and US troops who fought in Spain's civil war. In: **DAILY MAIL**. United Kingdom, 22 set. 2017. Disponible en: https://www.dailymail.co.uk/news/article-4909612/Band-brothers-joined-forces-fight-Franco.html. Acceso em: 19 ago. 2024.

BENTHALL, Jonathan. **Disasters, Relief and the Media**. Londres, Reino Unido: I. B. Tauris, 1994. 275 p. ISBN 1850437378

CICR - COMITÉ INTERNACIONAL DE LA CRUZ ROJA. **160 años del lado de la humanidad.** Disponible en: https://www.icrc.org/es/quienes-somos/historia/160-anos-humanidad. Acceso em: 13 ago. 2024.

CLEMENTE, Josep Carles. **Historia de la Cruz Roja Española.** Madrid: Cruz Roja Española, 1990. p. 311.

CRUZ ROJA. De Oroquieta a la democratización. **Cruz Roja**, España, jul. 1989. Recorrido por la historia de la Cruz Roja Española, p. 8-13.

DUNANT, Henry. **Recuerdo de Solferino.** Suiça: Comité Internacional de la Cruz Roja, 2017. 144 p. ISBN ISBN: 978-2-940396-57-3. Disponible en: https://volunteeringredcross.org/wp-content/uploads/2019/09/Un-recuerdo-de-Solferino-Henry-Dunant.pdf. Acceso em: 13 ago. 2024.

EITB (Euskadi). Save The Children busca a niños de la guerra que ayudó en Euskadi en 1936. In: **Eitb.** País Vasco, 6 jun. 2019. Disponible en: https://www.eitb.eus/es/radio/radio-euskadi/programas/graffiti/detalle/6460491/save-the-children-busca-ninos-guerra-ayudo-euskadi-1936/. Acceso em: 19 ago. 2024.

EL DEFENSOR DE CÓRDOBA. Canje de 2.500 hombres. **El Defensor de Córdoba, Córdoba**, España, año XXXIX, n. 12, p. 1-2, 20 set. 1937. Disponible en: https://prensahistorica.mcu.es/es/catalogo_imagenes/grupo.do?path=1002495309 Acceso en: 19 ago. 2024

ESPAÑA. **Constituición de la República Española**. Madrid, España, 1931. 30 p. Disponible en: https://www.congreso.es/docu/constituciones/1931/1931_cd.pdf. Acceso em: 13 ago. 2024.

ESPAÑA. Gaceta de la República de 3 de marzo de 1937. **Diario Oficial de la República**: Valencia, España, año CCLXXVI-Tomo I, n.62, p.1041-1051, 03 mar. 1937. Disponible en: https://www.boe.es/diario_gazeta/hemeroteca.php?a=1937&m=3&d=3. Acceso em: 13 ago. 2024.

FANTINATO, João Marcos de Castello Branco. O Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho. **Revista da Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ)**, Rio de Janeiro-RJ, v. 20, n. 79, p. 263-308, Maio/Agosto 2017.

FFAM - FRENCH FOREIGN AFFAIRS MINISTER (France). George Bonnet. Report, 26 January 1939. **Report of George Bonnet,** Paris, 1939.

GÖTZ, Norbert. Rationales of Humanitarianism: The Case of British Relief to Germany, 1805–1815. **Journal of Modern European History**, v. 12, ed. 2, p. 186-199, 2014.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KLOES, Andrew. The Committee for the Relief of Distress in Germany. A Case Study of Cooperation and Solidarity between British Evangelicals and German Pietists during the Napoleonic Era. **Pietismus und Neuzeit**, v. 40, p. 163-201, 2014. DOI https://doi.org/10.13109/9783666559129.163. Disponible en: https://www.vr-elibrary.de/doi/10.13109/9783666559129.163. Acceso em: 13 ago. 2024.

LAZZERO, Riccioti. **Guerra de España**. Jornal Domingo, Brasil, v. 20, 12 mar. 1972. Domenica del Corriere, p. 1-6.

LEDESMA, Julio Clavijo. **LA POLÍTICA SOBRE LA POBLACIÓ REFUGIADA DURANT LA GUERRA CIVIL 1936-1939.** 2003. p. 781. Tesis Doctoral (Doctorado) - Universitat de Girona, Girona, Catalunia, España, 2002. Disponible em: https://www.tesisenred.net/handle/10803/7835#page=1. Acceso em: 19 ago. 2024.

JACKSON, Gabriel. **La República Española y la Guerra Civil.** España, Biblioteca Historia de España, 1976. p. 1025

MALLINSON, William; RISTIC, Zoran. **The Threat of Geopolitics to International Relations: Obsession with the Heartland**. 1ª. ed. England: Cambridge Scholars Publishing, 2016. p. 30. ISBN 1-4438-9738-8.

MONTGOMERY, Heather. Re-socialising the child from potential enemy to protected innocent: the early fundraising of the Save the Children Fund. **AmS-Skrifter**, v. 23, p. 137-144, 2010.

ONU. El evento histórico que propició la creación de las Naciones Unidas. In: **Jornadas de Recuerdo y Reconciliación en Honor de Quienes Perdieron la Vida en la Segunda Guerra Mundia**l, 8 y 9 de mayo. 2024. Disponible en: https://www.un.org/es/observances/second-world-war-remembrance-days. Acceso en: 20 ago. 2024.

PAULMANN, Johannes. **Conjunctures in the History of International Humanitarian Aid During the Twentieth Century. Humanity: An International Journal of Human Rights, Humanitarianism and Development,** Pennsylvania, v. 4, n. 2, p. 215-238, Summer 2013.

PICASSO, Pablo. **Guernica.** 1937. Pintura, Óleo sobre lienzo, Tamaño: 349cm x 776,5cm.

PRETUS, Gabriel. **Humanitarian Relief in The Spanish Civil War (1936-1939)**. Lampeter, Ceredigion, Wales: The Edwin Mellen Press, Ltd., 2013. ISBN 0-7734-4529-3.

PONCE, Laura Buisán. **Refugiados de la República: la ayuda humanitaria en la Guerra Civil española (1936-1939)**. Orientadora: Ángela Cenarro. 2018. 85 p. Trabajo Fin de Máster (Facultad de Filosofía y Letras) - Universidad Zaragoza, Zaragoza, España, 2018.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Definición de caudillo.** Disponible en: https://dle.rae.es/caudillo?m=form. Acceso en: 14 ago. 2024.

REY, Leandro Alvarez. **Bajo el fuero militar: la dictadura de Primo de Rivera en sus documentos, 1923-1930**. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2006. p. 227.

ROCES, Sandra Morón. Refugees and Internal Displacement during the Spanish Civil War (1936-1939). In: RODRIGO, Javier; ALONSO, Miguel. **Forced Displacements: a European History.** Krakow: Villa Decius Association, 2021. v. 1, cap. 5, p. 43-56.

ROSSIF, Frédéric; CHAPSAL, Madeleine. **Morrer em Madri**. Livraria Bertrand, 1975.

SCR - SOCORRO ROJO INTERNACIONAL (Madrid). Heroísmo y Dolor de Euzkadi. **Ayuda: Semanario de la Solidaridad**, Madrid, España, año II, n. 55, p. 4-6, 16 mayo 1937. Disponible en: https://www.mcu.es/ccbae/es/catalogo_imagenes/grupo.cmd?path=30505. Acceso en: 14.ago. 2024

THOMAS, Gordon; MORGAN-WITTS, Max. **El día que murió Guernica**. 3. ed. España: Plaza & Janes Editores, 1976. p. 269. v. 3.

THOMAS, Hugh. **La Guerra Civil Española**. Barcelona: Grijaldo Mondadori, 1976. 698 p. v. I. ISBN 84-397-0804-1.

VEGA, Manuel Leon de la, **Los cuáqueros y otras organizaciones protestantes**. La ayuda humanitaria en la Guerra Civil española de 1936. España, Historia y verdad, 2012.

WYDEN, Peter. **La guerra apasionada: La historia narrativa de la Guerra Civil Española.** Barcelona: Ediciones Martínez Roca, 1983. p. 536.

A Construção de uma Ameaça: uma Análise do Processo de Securitização da Pirataria Somali

The Construction of a Threat: An Analysis of the Securitization Process of Somali Piracy

La Construcción de una Amenaza: Un Análisis del Proceso de Securitización de la Piratería Somalí

Angela Luzia Capodifoglio Landgraf[1]
Cristielly Ferreira Silva[2]
Miguel Cavassini Moreira[3]
Murilo de Morais Cortez[4]
Renan José de Almeida[5]
Yasmin Cristine de Souza Campos[6]

Recebido em: 23 de Outubro de 2024
Aprovado em: 26 de Novembro de 2024

1. Graduanda no 3º período Relações Internacionais pela PUC Minas Poços de Caldas. Email: angelalandgraf.al@gmail.com
2. Graduanda no 3º período Relações Internacionais pela PUC Minas Poços de Caldas. Email: cristiellyferreirasilva32@gmail.com
3. Graduando no 3º período Relações Internacionais pela PUC Minas Poços de Caldas. Email: miguelcavassini@outlook.com
4. Graduando no 3º período Relações Internacionais pela PUC Minas Poços de Caldas. Email: murilode.cortez@gmail.com
5. Graduando no 3º período Relações Internacionais pela PUC Minas Poços de Caldas. Email: renan.j.almeida@gmail.com
6. Graduanda no 3º período Relações Internacionais pela PUC Minas Poços de Caldas. Email: Ycampos750@gmail.com

RESUMO

A prática da pirataria na costa da Somália teve impactos relevantes no comércio marítimo e incitou a reação da comunidade internacional, culminando nas resoluções do CSNU emitidas em 2008. Tendo isso em vista, o presente artigo procura diagnosticar, sob uma perspectiva da Teoria da Securitização proposta pela Escola de Copenhague, como se deu a construção da ameaça relativa à pirataria somali a partir das resoluções do CSNU em 2008. Nesse sentido, através de uma revisão de fontes primárias e secundárias, o texto encaminha-se para uma contextualização da pirataria no Chifre da África como uma ameaça internacional, buscando responder, por fim, como ocorreu a construção e o desenvolvimento dos elementos referentes ao processo de securitização e sua mobilização no contexto internacional.

Palavras-Chave: Somália; Pirataria; Nações Unidas; Securitização; Intervenção.

ABSTRACT

The practice of piracy off the coast of Somalia had relevant impacts on maritime trade and incited a reaction from the international community, culminating in the UNSC resolutions issued in 2008. With this in mind, this article seeks to diagnose, from the perspective of the proposed Securitization Theory by the Copenhagen School, how the threat related to Somali piracy was constructed based on the UNSC resolutions in 2008. In this sense, through a review of primary and secondary sources, the text moves towards a contextualization of piracy in the Horn of Africa as an international threat, seeking to respond, finally, how occurred the construction and development of elements relating to the securitization process and its mobilization in the international context.

Keywords: Somalia; Piracy; United Nations; Securitization; Intervention.

RESUMEN

La práctica de la piratería frente a la costa de Somalia tuvo impactos relevantes en el comercio marítimo e incitó una reacción de la comunidad internacional, culminando en las resoluciones del Consejo de Seguridad de la ONU emitidas en 2008. Con esto en mente, este artículo busca diagnosticar, desde la perspectiva de la Teoría de Securitización propuesta por la Escuela de Copenhague, cómo se construyó la amenaza relacionada con la piratería somalí basándose en las resoluciones del Consejo de Seguridad de la ONU en 2008. En este sentido, a través de una revisión de fuentes primarias y secundarias, el texto avanza hacia una contextualización de la piratería en el Cuerno de África como una amenaza internacional, buscando responder, finalmente, cómo se dio la construcción y el desarrollo de elementos relacionados con el proceso de securitización y su movilización en el contexto internacional.

Palabras clave: Somalia; Piratería; Naciones Unidas; Securitización; Intervención.

1 INTRODUÇÃO

Em 23 de Setembro de 2008, o sequestro em Mombaça do *MV Faina*, navio ucraniano que carregava, dentre outros equipamentos, granadas e tanques, por um grupo de 50 piratas ao largo da costa da Somália, repercutiu gravemente na comunidade internacional. A ação congregou forças a ponto de impulsionar o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) a intensificar as discussões sobre esta problemática como uma ameaça à paz e segurança internacionais (Rice, 2008). Uma das reuniões, em 16 de dezembro do mesmo ano, rendeu fortes discursos: "Aqueles que geram os incidentes de pirataria e roubo armado no mar na região [...] são literalmente inimigos comuns da raça humana", expressou enfaticamente o repre-

sentante do Japão, Yasutoshi Nishimura, ao se referir aos piratas somalis (S/PV.6046, 2008, p.23. Tradução nossa).

É diante desse contexto que o presente artigo possui como finalidade demonstrar como se deu o processo de construção da pirataria somali como uma ameaça à paz e segurança internacionais mediante um processo de securitização, com o escopo voltado para as quatro resoluções emitidas em 2008 pelo CSNU. Procurou-se abordar, a partir da Teoria da Securitização da Escola de Copenhague, os fundamentos que definem o processo de securitização, bem como sua condição, construção e critério, sobre os quais se fundamentam as unidades de análise e suas dimensões intersubjetivas e sociais.

Prossegue-se com contexto histórico no qual a Somália se vê imersa, desenvolvendo uma narrativa acerca da linha do tempo desde a gênese da pirataria no Chifre da África até o seu ápice, entre os anos de 2004 até 2008. A seção se encerra com a exposição da mobilização internacional sobre o tema e o processo de securitização que culmina nas resoluções emitidas pelo CSNU em 2008 contra a pirataria somali. A análise coloca em relevo o impacto dos discursos enunciados pelos atores internacionais, e, principalmente, pelo próprio CSNU, como critério substancial para a construção do ato de securitização e da ameaça existencial. Filtra-se, assim, os elementos subjetivos que constituem esse processo, bem como as medidas de intervenção enquanto produtos de uma criação discursiva por parte dos atores envolvidos.

2 A AMPLIAÇÃO DOS ESTUDOS DE SEGURANÇA: UM NOVA PERSPECTIVA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA AMEAÇA

Os estudos de Segurança Internacional se estabeleceram ao longo do século XX, um período marcado por eventos históricos de extrema relevância, como a Guerra Fria e as mudanças nas dinâmicas nas relações internacionais após o fim deste embate entre os Estados Unidos e a União Soviética. Buzan e Hansen (2012) argumentam que os estudos de segurança internacional devem se desenvolver em paralelo com a evolução e as mudanças das questões da política internacional, dessa maneira, com o fim da Guerra Fria e com o advento da globalização, perpetuaram-se mudanças profundas nos estudos de segurança internacional. Houve uma maior

incorporação de questões, que não eram tratadas com relevância, como assuntos de segurança econômica e ambiental e, além disso, houve um alargamento setorial, que incluiu aspectos sociais, econômicos e ambientais (Buzan e Hansen, 2012).

No contexto da evolução dos estudos de segurança internacional, vale salientar o papel da Escola de Copenhague, que tinha como objetivo contribuir para os debates da segurança internacional, focando na compreensão de como as ameaças são socialmente construídas por intermédio de discursos. Essa contribuição é fundamental para compreender o desenvolvimento da Teoria da Securitização, bem como para as novas abordagens de diversos setores e variáveis, que não receberam destaques relevantes em análises de segurança anteriores (Duque, 2008).

2.1 A Teoria da Securitização

A Teoria da Securitização, elaborada pela Escola de Copenhague, é uma abordagem no âmbito da Segurança Internacional que visa analisar e compreender como determinadas questões são transformadas e elevadas de problemáticas unicamente políticas para problemas de segurança internacional. Além disso, examina como essa mudança de tratamento e percepção implica em novas políticas e ações frente ao problema em questão. Ao destacar o dinamismo do processo de securitização, os contratempos de segurança, para os teóricos desta abordagem, Buzan, Waever e Wilde, não são vistos como uma condição objetiva, como era defendido por teorias clássicas, mas como resultado de um processo e de uma construção social (Buzan et al., 1998; Spader, 2023).

Segundo Buzan, Waever e Wilde (1998), esta abordagem propõe uma visão ampliada dos estudos neste campo. Ela é de cunho abrangente, tendo em vista o seu propósito de elaborar e construir um novo parâmetro dos estudos de segurança, visando analisar o processo de securitização de ameaças, que não se limitam apenas ao parâmetro militar e estatal. Desse modo, para que uma questão se torne um problema de segurança, é imprescindível que o empecilho seja apresentado e constituído como uma ameaça existencial por um ator securitizador em relação a um objeto referente, conceitos que serão desenvolvidos no decorrer da seção. Em outras palavras, a segurança está estritamente ligada à política de poder e se relaciona ao aspecto de sobrevivência (Buzan et al., 1998; Tanno, 2003).

Os pressupostos da Escola de Copenhague sustentam que a securitização de uma questão é um processo no qual a política vai além dos critérios e padrões tradicionais. Assim, esse ato pode ser considerado como uma versão e um estágio avançado da politização, que exige e justifica o uso de medidas de emergência e ações que não são corriqueiras no cenário político. Dessa maneira, é necessário compreender como uma questão de segurança é constituída e como perpetua uma compreensão partilhada do que deve ser tratado como um perigo à existência. Segundo os autores, o processo de securitização se fundamenta no ato de fala (speech act), o que significa que uma questão é elevada ao nível de segurança por intermédio dos discursos de atores políticos relevantes no contexto em que será securitizada. Mais especificamente, é a construção de uma ameaça existencial por meio da fala, de um enredo, que desenvolve um perigo iminente (Buzan et al., 1998).

Dentre as características desse mecanismo, o discurso traz consigo elementos que remetem a urgência de medidas para combater a ameaça em questão. Para que esse processo seja bem sucedido, é necessário uma audiência a quem se deve convencer da existência da ameaça e, assim, aceitar a quebra de regras e procedimentos extremos que deverão ser tomados. Em outras palavras, é essencial que a ameaça seja reconhecida, a combinação desses pressupostos é corroborada pela afirmação de Waever (1989):

> "O que é então segurança? - Pode-se considerar segurança como aquilo que na teoria da linguagem é chamado de "ato de fala": não é primordialmente como um sinal referindo-se a algo mais real - é a própria fala que é, em si, o ato, ou seja, ao dizer, algo é feito. [...] Por dizer "segurança" um representante do Estado move um caso particular para uma área específica: reivindicando, um direito especial para usar os meios necessários para bloquear o desenvolvimento da ameaça (Waever, 1989, p. 5-6, tradução nossa)"

Ademais, conforme apresentado por Buzan, Waever e Wilde (1998), há uma distinção entre três tipos de unidades no processo de securitização. Cabe, assim, destacar como elas se comportam e interagem entre si dentro da análise de segurança e em que momento o ato discursivo deixa de ser apenas um movimento político e ganha seu caráter securitizador. A primeira unidade a ser abordada é o que os autores chamam de "objeto referente", algo que esteja eminentemente ameaçado e que tem legitimamente direito à sobrevivência. Nas abordagens clássicas de segurança, o Estado era

a única unidade passível a ser aceita como objeto referente, entretanto, a mudança para os autores da Escola de Copenhague está na criação de uma abordagem analítica mais ampla, centrada no Estado, mas não dominada por ele. Diante deste contexto, a securitização é tomada em nome de um coletivo, podendo este ser toda a humanidade frente a um problema de securitização ambiental como catástrofes climáticas, ou militar em relação à armas nucleares, ou até mesmo uma identidade coletiva específica, que, ao se deparar com uma ameaça iminente e existencial, reivindica sua sobrevivência (Buzan *et al*., 1998, Stritzel, 2014).

Em segundo lugar, há a unidade que projeta as reivindicações do objeto referente, o ator securitizador. Este ator é um indivíduo, ou um grupo, que performa o ato discursivo de segurança, e é através dele que a securitização ganha validade ou não. Esses atores são majoritariamente chefes de estado, líderes políticos, diplomatas, lobistas e burocratas. E normalmente, para que sejam identificados, é necessário entender primordialmente qual lógica molda sua ação, e menos quem é o indivíduo que está discursando. Os teóricos também adicionam uma terceira unidade de análise presente nos processos e nas tentativas de securitização, os atores funcionais, que fazem parte das dinâmicas de um determinado setor, e tem o poder de impactar as decisões tomadas durante esse processo (Buzan *et al*., 1998).

Com o propósito de desenvolver um estudo ampliado sobre o processo de securitização, a Escola de Copenhague discorre, com o intuito de facilitar a análise, sobre diferentes setores da segurança. Esta abordagem multi-setorial possibilitou uma ampliação do entendimento sobre segurança, que, tradicionalmente, se concentrava em questões políticas e militares. Para o presente artigo e para uma melhor compreensão da análise sobre o nosso objeto de estudo, teremos como foco dois setores: o político e o econômico. No que diz respeito ao papel do setor político, os autores descrevem que, neste cenário, o foco de análise está nas ameaças não militares à estabilidade do Estado e na segurança política no nível do sistema internacional. Desse modo, a securitização neste âmbito pode se expandir para além do nível estatal, como em termos da desestabilização da sociedade de Estados e do direito internacional, que também são problemáticas inseridas no processo em questão. Os teóricos da Escola de Copenhague discorrem que a segurança política é expressa com um carácter complexo, uma vez que toda forma

de securitização possui também um aspecto político (Duque, 2008; Buzan et al., 1998).

Em relação à securitização na área econômica, é proposta a diferença entre questões que se restringem apenas à politização e aquelas que envolvem aspectos de segurança e são securitizadas nesta área. No decorrer da abordagem, fica explícito que a segurança econômica está relacionada com os debates sobre a economia política internacional, os quais abrangem a relação e a interação entre economia e política. Além disso, o discurso que envolve a securitização econômica é focado na agenda liberal e nos resultados da implementação de seus pressupostos nos segmentos do comércio, da produção e das finanças. A segurança econômica procura criar condições estáveis para a competição, onde o objetivo primordial seria evitar o colapso da ordem em relação à estabilidade do mercado. Por conseguinte, os teóricos acrescentam que a ameaça econômica é dependente do objeto de referência, no qual as dinâmicas podem ser intensificadas pelos efeitos da globalização, pois as relações econômicas estão cada vez menos cerceadas pela geografia mundial (Buzan *et al*., 1998).

3 O CONTEXTO DA PIRATARIA SOMALI E A MOBILIZAÇÃO INTERNACIONAL

A pirataria, segundo os termos da UNCLOS, é definida como "quaisquer atos ilegais de violência ou detenção, ou qualquer ato de depredação, cometidos para fins privados pela tripulação ou pelos passageiros de um navio privado ou de uma aeronave privada" (UN, 1982, p. 61). Seguindo esta definição, este tópico concentra-se na exposição das causas mais proeminentes que levaram ao desenvolvimento da pirataria somali, seus desdobramentos, agravamentos e transformações. Por fim, procura-se mostrar quais foram os processos que moveram os atores a reagirem internacionalmente contra a pirataria na costa da Somália e quais foram as medidas expressas para contê-la.

3.1 A pirataria somali: origens e causas

Não há como negar que a explosão da atividade pirata nas águas ao largo do Chifre da África desde meados da década de 1990 foi contribuída pela falta de um governo central funcional na So-

mália durante quase duas décadas, sendo um Estado Falido desde 1991.7 Muito embora esta não seja causa única e definitiva para o florescimento da pirataria, as tentativas recentes de organizar um aparato estatal imbuído de legitimidade no território mostraram-se impotentes para a instauração da ordem no país. (FFP, 2023; Pham, 2010).

Como consequência do colapso do estado Somali, incluindo de suas forças marítimas, a atividade da pesca foi legada à instabilidade e à insegurança, possibilitando que navios de pesca estrangeiros engajassem-se em práticas legalmente proibidas e insustentáveis. Diante deste assédio, os cidadãos somali buscaram alternativas para a preservação de sua soberania e para proteção de suas práticas econômicas tradicionais, mediante abordagens ofensivas (como multa ou ataque) aos navios estrangeiros que exploravam a região. Após 1994, o que antes era apenas a organização de poucos indivíduos que atuavam num cenário de anarquia, agora crescia em termos de quantidade, competência, volume e organização, muito embora mantivesse as características de uma "pirataria de subsistência", estruturada em gangues criminosas que periodicamente lançavam-se ao mar em busca de alvos fáceis e baseada na captura de reféns em troca de resgate (Lucas, 2013; Middleton; Ginkel; Putten, 2010).

Somado a isso, cabe destacar a privatização das guardas costeiras de Puntland, uma região ao nordeste da Somália, como importante fator para o desenvolvimento da pirataria. A partir do encerramento das atividades das empresas responsáveis, os somalis treinados passaram a agir por conta própria ao largo da costa somali. Coloca-se em relevo, também, o Golfo de Áden como importante eixo do denso tráfego comercial entre o Médio e Extremo Oriente e a Europa, o que explicaria o aumento do volume da pirataria no final da década de 90 e no início dos anos 2000 (Oliveira, 2014; Moller, 2009).

Assim, a Somália apresenta motivo (a pobreza), oportunidades (falta de autoridade governamental e proximidade do transporte marítimo) e meios (obtenção de armas ligeiras) que possibilitaram a origem e desenvolvimento da pirataria no Golfo de Áden. (Percy; Shortland, 2011).

7. Os indicadores utilizados para designar a fragilidade e a ineficácia de determinado Estado podem ser verificados em: https://fragilestatesindex.org/country-data/

3.2 A "Era de Ouro" da pirataria somali

O êxito da pirataria somali, a partir dos anos 2000, demarca o período de sua "era de ouro", caracterizado por uma organização altamente eficiente, onde se utilizava os denominados "navios-mãe" com o suporte de lanchas e barcos menores para irem cada vez além da costa, tendo acesso aos navios fretados pelo Programa Alimentar Mundial (PAM), ação esta que despertou a atenção da ONU e do CSNU. O primeiro ataque aos navios do PAM foi o sequestro do Semlow em 2005, carregado com 850 toneladas de alimentícios para as vítimas de um tsunami ocorrido na Somália em 2004. A violação ao navio foi justificada como um meio de reverter a distribuição desigual dos alimentos e somente três meses depois os navios e tripulantes foram libertos (Oliveira, 2014).

Em 2007, após o declínio da pirataria sob a repressão do Conselho Supremo das Cortes Islâmicas, as milícias do conselho retiram-se da região e a pirataria volta a emergir. O ressurgimento da atividade somali foi formado por novas bases organizacionais, onde os piratas experientes voltaram-se para a área de Puntland devido ao sucesso crescente da pirataria nas águas do Golfo de Áden. Segundo os relatórios estatísticos do Bureau Marítimo Internacional (BMI), em 2012 houve uma redução nas operações bem sucedidas da pirataria somali, que continuou perpetuando nos anos seguintes, o que fez com que os Estados e as organizações envolvidos no combate à pirataria indicassem o fim da "idade de ouro" da pirataria na Somália. De acordo com relatórios governamentais e não-governamentais, essa redução da atividade pirata se deu em decorrência de uma intensificação das operações militares contra a pirataria local, como os ataques aéreos sobre bases piratas, as ações preventivas por parte da indústria marítima e o uso de guardas armadas privadas para a segurança dos navios mercantes a bordo (IMB, 2013; Oliveira, 2014).

3.3 A mobilização internacional: a comunidade marítima e o plano de fundo das resoluções adotadas pelo CSNU

Com o crescimento da visibilidade acerca da pirataria somali, a partir de 2008, os atores relacionados à indústria marítima passaram a buscar por uma maior visibilidade à ação ilegal da pirataria, não só enfatizando as perdas comerciais e a violência privada exercida sobre águas, mas também, buscando atrair a atenção do

Estado e dos organismos governamentais internacionais, para que se envolvessem afetivamente com a causa. Nesse sentido, o BMI realiza, desde 1990, uma campanha de visibilidade ao problema da criminalidade no mar e questiona a falta de intervenção estatal no combate à pirataria. (Oliveira, 2014; ICC, 2024).

As mobilizações do BMI, dessa forma, surtiram efeito: em Novembro de 2005, o CSNU realizou sua primeira abordagem à pirataria somali, através de uma declaração presidencial, na qual deixou claro suas preocupações relativas à pirataria naquela região. Nas resoluções 1676, 1772, 1801 e 1814, adotadas respectivamente em 2006, 2007, 20 de Fevereiro de 2008 e 15 de Maio de 2008, o CSNU ratificou suas preocupações prévias referentes à pirataria somali e buscou mobilizar mecanismos para o combate à pirataria e ao suporte à intervenção humanitária, reiterando seu apoio às instituições federais de transição na Somália. Em resposta, o PAM pediu ações internacionais contra a pirataria, destacando que os piratas representavam uma séria ameaça às entregas de ajuda humanitária na Somália (Gottlieb, 2014; UN News, 2008).

Apesar disso, as Resoluções em questão não abordaram a pirataria somali como principal ameaça à paz e segurança internacionais, e suas preocupações estavam mais atadas ao impacto negativo no transporte de ajuda humanitária do que a uma ameaça à paz de maior amplitude. No entanto, essas abordagens constituíram o plano de fundo necessário para o que viriam a ser as resoluções que elevaram a questão como uma problemática à segurança internacional (Gottlieb, 2014).

3.4 As quatro resoluções do CSNU em 2008: a efetivação da securitização

Diante do contexto de sensível aumento da pirataria na Somália e do plano de fundo apresentado na seção anterior, o CSNU elaborou quatro resoluções, emitidas em 2008 (1816, 1838, 1846, 1851), envolvendo a questão dentro do eixo relativo à paz e segurança internacionais na região do Chifre da África. É válido ressaltar, a fim de esclarecimento do escopo, que as Resoluções de 2008 trabalhadas neste tópico não incluem a 1801 e a 1814, já abordadas na seção anterior.

A Resolução 1816, adotada em 2 de Junho de 2008, foi o ápice de um processo que possuiu como contexto tentativas de adotar

mecanismos de combate à pirataria somali. Expressava as preocupações do CSNU referentes à ameaça que ela representava para a entrega efetiva da ajuda humanitária à Somália, à segurança das rotas marítimas comerciais e à navegação internacional, demonstrando apreensão em relação aos relatórios trimestrais emitidos pela Organização Marítima Internacional (OMI) desde 2005, que apresentavam evidências contínuas de atos de pirataria e assaltos à mão armada na costa da Somália. Ademais, ao ressaltar o ataque a navios do PAM, a Resolução sublinha os impactos da pirataria para o transporte de ajuda humanitária e expressa suas preocupações com relação aos perigos que ela representa para navios, tripulações, passageiros e carga. (S/RES/1816, 2008).

O documento encaminhou-se para a condenação explícita de todos os atos de pirataria e assaltos à mão armada contra navios na costa somali e exortou os Estados interessados na utilização de rotas marítimas comerciais ao largo da costa da Somália a cooperar entre si, com organizações regionais e internacionais e com o Governo Federal de Transição da Somália (GFT) visando a dissuasão da atividade pirata, a partilha de informações sobre esses mesmos atos e a prestação de auxílio referentes à ameaça. Assim, sob a égide do Capítulo VII da Carta das Nações Unidas, a resolução em questão instava os Estados envolvidos, igualmente, a entrar no mar territorial da Somália com aparato militar a fim de reprimir os atos de pirataria e assalto à mão armada (S/RES/1816, 2008; Oliveira, 2014).

Após uma onda mais forte de ataques verificados no segundo semestre de 2008, o CSNU foi instado, novamente, a aprovar uma resolução dia 7 de Outubro, que se tornou a Resolução 1838. Uma vez aprovado, o documento ratificou as conclusões expressas na Resolução 1816 e acrescentou, além da segurança das rotas marítimas e da navegação internacional, a prática da pesca como objeto a ser protegido. Ademais, de forma mais incisiva, retratou a pirataria somali como ainda mais ameaçadora e perigosa, demonstrando maior ameaça na organização e métodos de ataque (S/RES/1838, 2008).

Em 2 de Dezembro de 2008, o CSNU seguiu caminho semelhante: emitiu outra resolução, a 1846, que renovava e aprimorava os decretos expressos nos documentos anteriores, adicionando navios vulneráveis no rol de objetos ameaçados, além dos anteriormente citados. A Resolução restabeleceu as prerrogativas que as-

seguraram a incorporação, por parte da União Europeia, de uma unidade com a finalidade de apoiar as atividades de proteção e fiscalização operadas por alguns de seus membros ao largo da costa da Somália, e apoiou a decisão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em combater a pirataria, escoltando navios da PAM (S/RES/1846, 2008).

A intensificação das operações contra a pirataria somali levou à emissão de um último documento no ano, a Resolução 1851, que, além de re-assegurar as determinações prévias, visou deliberar a prerrogativa aos Estados envolvidos e às organizações regionais e internacionais de combate à pirataria de hostilizar, toda atividade pirata situada no mar territorial da Somália. Além disso, conforme expresso pelo representante do Reino Unido na reunião desta Resolução, permitiu-se intervir de forma militar, quando preciso, no próprio território da Somália, a fim de interditar os que usassem o território para empreender e fomentar a pirataria. É importante sublinhar, também, que a resolução não deixou de salientar as obrigações e responsabilidades dos Estados envolvidos derivadas do Direito Internacional e da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, com as quais as resoluções se apresentam de acordo (Oliveira, 2014; S/RES/1851, 2008; S/PV.6046, 2008; UN Press, 2008).

Interpreta-se, nessa conjuntura, a figura do "pirata" tal qual a do terrorista: a de um criminoso "incomum". Andersen (2009) argumenta, partindo dessa percepção, que, assim como o terrorista, o pirata não é alguém que quebra a lei meramente, mas uma pessoa que, em princípio, colocou-se "fora da ordem da humanidade", ao menos do ponto de vista adotado pelo Estado. Ao nível do discurso, o Estado categoriza a prática da pirataria como pior do que a simples prática criminosa, o que autoriza a ativação do sistema de segurança nacional e internacional, incluindo as forças militares.

4 A CONSTRUÇÃO DA AMEAÇA INTERNACIONAL E A SECURITIZAÇÃO DA PIRATARIA SOMALI

Tendo em vista os conceitos abordados na seção teórica e o contexto histórico desenvolvido, cabe destacar, primeiramente, que a atividade da pirataria na Somália, a partir dos pressupostos da Escola de Copenhague, é uma questão retratada como um problema de segurança devido à criação de discursos políticos que

a consideram e a abordam como uma ameaça grave a determinados fatores. Por meio das resoluções do CSNU, a pirataria somali foi construída como uma ameaça existencial às atividades comerciais marítimas, bem como à pesca e à proteção da navegação internacional, como salientam as resoluções 1838 e 1846. Denota-se, numa visão ampla, que a pirataria somali tem prejudicado as embarcações comerciais que utilizam a rota do Golfo de Áden, em decorrência da alta organização e eficiência em abordar os navios estrangeiros e capturá-los, em prol de um benefício financeiro milionário durante os resgates, abrangendo, também, aos navios de ajuda humanitária para a população somali, afetada pela instabilidade econômica do país, que se perpetuava há anos em decorrência da degradação da indústria de pesca local e de conflitos políticos internos. Os fatores mencionados podem ser tratados como os objetos referentes, conceito caracterizado pela vertente teórica como unidades que devem ser protegidas no processo de securitização (Lucas, 2013; Pham, 2010; Buzan et al., 1998; S/RES/1838, 2008; S/RES/1846, 2008).

O ator securitizador é representado nesse contexto pelo CSNU, entre as características que os pressupostos da Escola de Copenhague propõem, destaca-se que a segurança está ligada à dinâmica da política de poder e que, para que um determinado agente seja considerado como um securitizador, é necessário possuir autoridade. Isso significa ter a capacidade de influenciar outros atores a tratarem uma questão como um problema de segurança, além de dispor de recursos e influência para requerer o uso de medidas especiais, portanto, determinados fatores das resoluções corroboram essa posição assumida pelo CSNU (Buzan et al., 1998; S/RES/1816, 2008; S/RES/1838, 2008; S/RES/1846, 2008; S/RES/1851, 2008).

O CSNU assume o posto de ser o protagonista no processo de securitização, o que se confirma pelo fato das Resoluções expostas serem finalizadas com a cláusula "decide continuar a tratar da questão" (S/RES/1816, 2008, p. 4, tradução nossa). Com isso, a posição de responsabilidade e de securitizador adotada pelo Conselho é reforçada em todos os documentos. Além disso, o Conselho foi responsável por recorrer a ações especiais, conforme delega na Resolução 1851: "Os Estados e as organizações regionais que cooperam na luta podem tomar todas as medidas necessárias e apropriadas na Somália, com a finalidade de reprimir atos de pirataria" (S/RES/1851, 2008, p. 2, tradução nossa).

Diante disso, as medidas adotadas ultrapassam o âmbito tradicional da política e podem ser consideradas "medidas extraordinárias" (Buzan et al., 1998). Nas primeiras resoluções foi estabelecida a autorização para operações apenas nas águas da região da Somália, enquanto a resolução 1851 vai além, permitindo que os Estados empreguem as medidas que sejam necessárias para a contenção dos atos de pirataria (S/RES/1851, 2008; S/PV.6046, 2008; UN Press, 2008). A partir de então, estas medidas poderiam ser tomadas em território somali e não mais apenas na região marítima, conforme corrobora um trecho do discurso do representante do Reino Unido no contexto da Resolução 1851:

> A autorização conferida pelo n.º 6 da resolução usará "todas as medidas necessárias medidas apropriadas na Somália, para o propósito de suprimir atos de pirataria" permite aos atores, com o consentimento do Governo Federal de Transição, para agir, usando a força se necessário, contra as atividades piratas em terra na Somália. (S/PV.6046, 2008, p. 4, tradução nossa)

Ressalta-se a presença do OMI e do BMI como organizações referentes ao comércio marítimo e navegação importantes na construção discursiva do problema da pirataria ao largo da Costa da Somália, assim como as demandas da PAM enquanto significativo programa de ajuda humanitária naquela região, uma vez que, a partir dos relatórios trimestrais do primeiro, das campanhas mobilizadas desde 1990 pelo segundo e do transporte por aquela rota pelo terceiro, instou-se os Estados, e, subsequentemente, o CSNU, a mobilizar os meios necessários para a contenção e resolução da problemática referida (Gottlieb, 2014; UN News, 2008; S/RES/1816, 2008).

Ajunta-se, além das organizações internacionais supracitadas, a participação da União Europeia, da OTAN e do GFT como importantes atores que contribuíram para o desenvolvimento da securitização da pirataria somali, a partir das demandas expostas por esses atores nas Resoluções. A respeito dos dois primeiros, interessava-lhes que a navegação no Golfo de Áden fosse segura e viável para o empreendimento do comércio marítimo, haja visto o tráfego comercial entre a Europa e o Médio e Extremo Oriente. Acerca do GFT, por sua vez, expõem-se nas Resoluções as demandas por auxílio e cooperação internacionais requisitadas (S/RES/1816/, 2008; S/RES/1838, 2008; S/RES/1841, 2008; S/RES/1851, 2008; Moller, 2011).

Os atores funcionais, no contexto de processo de securitização da pirataria, desempenharam papéis significativos ao influenciar como as ameaças foram percebidas e tratadas (Buzan et al., 1998). Nessa perspectiva, tanto o BMI como o OMI e a PAM atuaram como atores funcionais, visto que sua importância no processo de securitização foi sua capacidade de influenciar as decisões do CSNU e motivar o processo de construção da agenda de securitização, embora não fossem capazes de efetivá-la. As participações da União Europeia, da OTAN e do GFT podem ser compreendidos, igualmente, como participações de atores funcionais que induzem o comportamento relativo à problemática a fim de que a securitização propriamente dita, realizada pelo CSNU, seja possível e real, enquanto construindo a imagem da ameaça e os objetos a ser protegidos (S/RES/1846, 2008).

Os discursos, no entanto, requerem uma audiência que, em alguma medida, corresponda aos enunciados e imperativos proferidos, reforçando a compreensão intersubjetiva que os atores possuem da ameaça existencial. Para o escopo da nossa análise, recorremos a quem as próprias Resoluções propõem-se a destinar-se: Estados e organizações regionais e internacionais que possuem capacidade de combater a pirataria ao largo da Costa da Somália. Dentre essas organizações, conta-se a OMI e as companhias de transporte marítimo, referidos na Resoluções 1846 e 1851 (S/RES/1846, 2008; S/RES/1851, 2008).

Além disso, ao levar em consideração a divisão analítica em setores abordados na seção teórica, é possível, primeiramente, obter uma interpretação da situação ocorrida na Somália por intermédio do setor político. Este panorama destaca não só o Estado como o ator principal, como também os aspectos no nível internacional a serem securitizados. À vista disso, como Buzan et al. (1998) destacam a estabilidade internacional também como um fator a ser protegido nesse setor. Isso se expressa nas resoluções, uma vez que as medidas propostas, como as mencionadas, se relacionam diretamente com a proteção dos pressupostos do direito internacional. Mais especificamente, tais fatores são desenvolvidos nas resoluções por meio da criação de mecanismos que abordem a fragilidade do governo somali e contenham o alastramento da atividade pirata que ameaça a navegação empreendida nas rotas marítimas comerciais e coloca em risco a atividade econômica da pesca (S/RES/1816, 2008; S/RES/1838, 2008; S/RES/1846, 2008; S/RES/1851, 2008).

Cabe destacar a utilização do aparato da força por parte dos atores estatais ao procurar intervir e condenar os atos de pirataria na Somália, a fim de preservar e manter a estabilidade dos agentes tanto no nível doméstico quanto no cenário internacional. Verifica-se, dessa forma, que as resoluções adotadas pelo CSNU em 2008 possuíam como finalidade a adoção de medidas para o auxílio e segurança às movimentações de assistência humanitária no Golfo de Áden, e a atividade pirata como uma situação de ameaça à segurança no nível internacional. Além disso, o setor econômico se manifesta igualmente na medida em que a crescente incidência das atividades piratas no país reforçava o caráter comercial dos sequestros, que visavam lucro por meio de resgates. Em direção semelhante, o processo de securitização foi intensificado e justificado a partir de demandas que também se encaixam no setor econômico, como explicitado nas resoluções que propõe a cooperação dos Estados para cessar as práticas de lucros ilegais no território (Oliveira, 2014; S/RES/1816, 2008; S/RES/1838, 2008; S/RES/1846, 2008; S/RES/1851, 2008; S/PV.6046, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reconhecimento do processo constitutivo da construção da pirataria somali como uma ameaça à paz e à segurança internacional auxiliou-nos a dissecar o resultado desse processo de securitização, se baseando nas quatro resoluções de 2008 adotadas pelo CSNU.

A partir da identificação das unidades de análise presentes nas resoluções, é possível construir uma narrativa do processo de securitização e sistematizá-la no plano conceitual da teoria da Escola de Copenhague. Essa etapa de identificação não apenas clarifica o conteúdo da securitização, como possibilita o delineamento da construção da ameaça na dimensão das Resoluções de 2008 e de sua adaptação ao longo do mesmo ano, a partir da visualização da intensa participação das organizações regionais e internacionais e dos estados envolvidos, cujos atos discursivos moldaram a compreensão da ameaça e instaram o CSNU a securitizar a problemática relativa à pirataria no Golfo de Áden.

Dessa forma, a ameaça acaba se apresentando em dois planos complementares: tanto a pirataria somali como tal, uma vez que todas as Resoluções estabeleceram sua preocupação referente aos

atos de pirataria e assaltos marítimos, quanto o cenário problemático da própria Somália manifestam uma ameaça para a paz e segurança internacionais, na medida em que o próprio CSNU sublinha que a pirataria apenas "exacerba" a situação no país.

Conclui-se, por fim, que o CSNU, como ator securitizador nesse contexto, desempenhou um papel de extrema relevância ao utilizar sua autoridade para influenciar outros atores a encarar a pirataria como um problema de segurança internacional. À medida que as resoluções foram sendo implementadas, uma rede crescente de atores se alinhou para operacionalizar mecanismos a fim de conter as atividades da pirataria, inclusive violando a soberania da própria Somália. No entanto, fica explícito que, conforme desenvolvido no abordagem histórica, a pirataria na Somália tem suas raízes em problemáticas sociais enraizadas na sociedade somali e, no decorrer do desenvolvimento das Resoluções, as ações tomadas não abordaram diretamente essas questões.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Lars Erslev. Piracy in the Gulf of Aden: reflections on the concepts of piracy and order. In: HVIDT, Nanna; MOURITZEN, Hans. **Danish Foreign Policy Yearbook 2009.** Copenhagen: Danish Institute for International Studies, 2009, p. 79-106

BUZAN, Barry; HANSEN, Lene. **A Evolução dos Estudos de Segurança**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

BUZAN, Barry; WAEVER, Ole; WILDE, Jaap de. Security: **A New Framework For Analysis**. Londres: Lynne Rienner Publishers, 1998.

DUQUE, Marina Guedes. **A teoria da securitização e o processo decisório da estratégia militar dos Estados Unidos na Guerra do Iraque**. Universidade de Brasília: Brasília, 2008.

GOTTLIEB, Yaron. The Security Council's Maritime Piracy Resolutions: a Critical Assessment. **Minnesota Journal of International Law**, Vol. 24, No. 1, 2015. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2613616

ICC - International Chamber of Commerce. **International Maritime Bureau**. Live piracy map. Disponível em: https://www.icc-ccs.org/piracy-reporting-centre/live-piracy-map. Acesso em: 14 maio de 2024.

IMB. **Piracy and Armed Robbery against Ships - Annual Report 2012**. London: ICC International Maritime Bureau. 2013.

LUCAS, E. R. Somalia's "Pirate Cycle": The Three Phases of Somali Piracy. **Journal of Strategic Security** 6, nº1: 55-63, 2013. DOI: http://dx.doi.org/10.5038/1944-0472.6.1.5

MIDDLETON, Roger. More than just Pirates: Closing the Space for Somali Pirates through a Comprehensive Approach. In**:** GINKEL, Bibi; PUTTEN, Franz-Paul van der. **The international response to Somali piracy: challenges and opportunities.** Leiden: Netherlands Institute of International Relations 'Clingendael', 2010. p.13-30.

MOLLER, B. Piracy Off the Coast of Somalia. Copenhagen: **DIIS BRIEF,** Janeiro de 2009. Disponível em: https://www.diis.dk/en/research/piracy-off-the-coasts--of-somalia

PERCY, Sarah; SHORTLAND, Anja. The business of piracy in Somalia. **German Institute for Economic Research: DIW Berlin**, 2011.

OLIVEIRA, Gilberto de. **Guerra contra a pirataria: uma perspectiva crítica sobre a Intervenção das Nações Unidas contra a Pirataria nas Costas da Somália**.. 2014. Tese (Doutorado em Relações Internacionais). Coimbra: Universidade de Coimbra, 2014.

PHAM, Peter. The failed dimension and Regional Dimensions of Somali Piracy. In: GINKEL, Bibi.; PUTTEN, Franz-Paul van der. **The international response to Somali piracy: challenges and opportunities.** Leiden: Netherlands Institute of International Relations 'Clingendael', 2010. p.31-60.

RICE, Xan. Somali pirates capture Ukrainian cargo ship loaded with military hardware. **The Guardian.** 27 Set. 2008. Disponível em: https://www.theguardian.com/world/2008/sep/27/3. Acesso em: 05 Jun. 2024.

SECURITY Council authorizes states to use land-based operations in Somalia, as part of fight against piracy off coast, unanimously adopting 1851 (2008). **UN Press.** 16 dez. 2008. Disponível em: https://press.un.org/en/2008/sc9541.doc.htm. Acesso em: 05 jun. 2024.

SOMALIA: Pirates attack UN aid ship, prompting call for action. **UN News.** 20 Maio de 2008. Disponível em: https://news.un.org/en/story/2007/05/219372. Acesso em 05 Jun. 2024.

SPADER, Ricardo. **Revista de Geopolítica, v. 14, no 3, p. 1-6, jul.set. 2023.**

S/PV.6046 - UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **6046th meeting.** Nova York: United Nations, 16 dez. 2008e. Disponível em: http://www.securitycouncilreport.org/atf/cf/%7B65BFCF9B-6D27-4E9C-8CD3-CF6E4FF96FF9%7D/Somalia%20SPV%206046.pdf

S/RES/1816 - UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **Resolution 1816 (2008) / adopted by the Security Council at its 5902nd meeting, on 2 June 2008.** Nova York: United Nations, 2 Jun. 2008a. Disponível em: https://digitallibrary.un.org/record/627953?v=pdf

S/RES/1838 - UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **Resolution 1838 (2008) / adopted by the Security Council at its 5987th meeting, on 7 October 2008.** Nova York: United Nations, 7 Out. 2008b. Disponível em: https://digitallibrary.un.org/record/638737?v=pdf

S/RES/1846 - UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **Resolution 1846 (2008) / adopted by the Security Council at its 6026th meeting, on 2 December 2008.** Nova York: United Nations, 2 Dez. 2008c. Disponível em: https://digitallibrary.un.org/record/642811?v=pdf

S/RES/1851 - UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. **Resolution 1851 (2008) / adopted by the Security Council at its 6046th meeting, on 16 December 2008.** Nova York: United Nations, 16 Dez. de 2008d. Disponível em: https://digitallibrary.un.org/record/643822?v=pdf

STRITZEL, Holger. **Security in translation: securitization theory and the localization of threat**. University of St Andrews: Series editor Stuart Croft, UK, 2014.

TANNO, Grace. A Contribuição da Escola de Copenhague aos Estudos de Segurança Internacional, **Contexto Internacional**. Rio de Janeiro, vol.25, nº1, janeiro/junho 2003, p. 47-80.

FFP - The Fund for Peace. **Fragile States Index (FSI)**. Disponível em: https://fragilestatesindex.org/country-data/ . Acesso em 05 Jun. 2024.

UN - United Nations. **United Nations Convention on the Law of the Sea**. United Nations, 10 dez. 1982. Disponível em: https://www.un.org/depts/los/convention_agreements/texts/unclos/unclos_e.pdf

WAEVER, Ole. **Security. The Speech Act. Analyzing the Politics of a Word - Working Paper**. Centre of Peace and Conflict Research, 1989.

Vivências, Diálogos e Interculturalidade - Raízes que Cruzam Fronteiras: Entre Sonhos, Desafios e Descobertas

Experiences, Dialogues, and Interculturality - Roots That Cross Borders: Between Dreams, Challenges, and Discoveries

Experiencias, Diálogos e Interculturalidad - Raíces que Cruzan Fronteras: Entre Sueños, Desafíos y Descubrimientos

Luís Gustavo Siqueira da Silva[1]

Recebido em: 09 de Dezembro de 2024
Aprovado em: 28 de Abril de 2025

Resumo: O relato explora a experiência transformadora de um intercâmbio acadêmico na Alemanha, conectando raízes familiares e descobertas culturais. Desde a empolgação inicial até desafios como o isolamento em uma acomodação inadequada, Luís Gustavo demonstra resiliência e adaptação. Com amizades multiculturais e momentos marcantes, como aventuras na neve em Munique e lições de empatia em Bolonha, ele expande sua visão de mundo. A narrativa reflete o crescimento pessoal e a promessa de lutar por um mundo mais justo.

Palavras-chave: Intercâmbio, Alemanha, Resiliência, Diversidade.

Abstract: The narrative explores a transformative academic exchange experience in Germany, connecting family heritage and cultural discoveries. From initial excitement to challenges like isolation in unsuitable accommodation, Luís Gustavo demonstrates resilience and adaptability. Through multicultural friendships and impactful moments, such as snowy adventures in Munich and lessons in empathy in Bologna, he broadens his worldview. The story reflects personal growth and a commitment to a fairer world.

1. Graduado em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Keywords: Exchange, Germany, Resilience, Diversity.

Resumen: El relato explora una experiencia transformadora de intercambio académico en Alemania, conectando raíces familiares y descubrimientos culturales. Desde la emoción inicial hasta desafíos como el aislamiento en un alojamiento inadecuado, Luís Gustavo demuestra resiliencia y adaptación. Con amistades multiculturales y momentos impactantes, como aventuras en la nieve en Múnich y lecciones de empatía en Bolonia, amplía su visión del mundo. La narrativa refleja el crecimiento personal y la promesa de luchar por un mundo más justo.

Palabras clave: Intercambio, Alemania, Resiliencia, Diversidad.

Introdução

Me lembro de, aos 14 anos, estar empolgado em aprender alemão pela primeira vez, após meu pai me contar a história do meu bisavô, um jovem alemão que fugiu da Segunda Guerra Mundial rumo ao Brasil, buscando construir uma vida nova longe de todo o caos que se instaurava na Europa naquela época. Anos depois, lá estava eu, assistindo a aulas online para aprender um idioma que um dia já foi o idioma de toda a minha família e que agora servia como motivação para realizar o sonho de visitar a terra dos meus antepassados.

Para a realização desse sonho, que era fazer um intercâmbio acadêmico na Universidade de Eichstätt, na Bavária, contei com a companhia de minha mãe, que, por uma felicidade do destino, foi convidada a realizar parte de sua pesquisa de doutorado em Engenharia de Materiais na Friedrich-Alexander-Universität, em Erlangen, uma cidade a apenas 2 horas de distância de onde eu moraria.

O Olhar: Descobrindo o mundo pelas janelas alemãs

Os primeiros momentos foram mágicos. Lembro-me de chegar com minha mãe a Erlangen, já que passaríamos a primeira semana em um Airbnb na cidade onde ela moraria, para encontrarmos um lugar definitivo para ela. Entusiasmado, liguei para o meu pai, contando todas as novidades e impressões que eu tinha daquele novo lugar. Estava tão feliz que não me lembro de ter experimentado tamanha euforia até aquele momento. Meu primeiro contato com um alemão aconteceu no trem do aeroporto para a cidade, onde um jovem, aparentemente de uns 30 anos, estava voltando para Erlangen, sua residência, após uma viagem a Nuremberg, a maior cidade daquela região. Como minha emoção era grande, lembro-me de usar um inglês meio "meia boca" para me comunicar com o rapaz, que, para minha felicidade, entendeu tudo. Não me lembro do seu

nome, mas me lembro que ele me recebeu muito bem, desejando boas-vindas e comentando que o serviço de trem alemão era muito famoso, mas sua pontualidade não correspondia à sua fama, algo que, nos próximos meses, se tornaria muito claro para mim.

Minha mãe e eu fomos muito bem recebidos na casa de Alexandra, a anfitriã do nosso Airbnb. Alexandra era uma jovem mãe solteira que alugava um quarto de sua casa para pessoas do mundo inteiro que estivessem indo a Erlangen para trabalhar na Siemens, a principal empresa da cidade, ou estudar na FAU.

A primeira semana foi incrível. A cada instante, a cada novo lugar, a cada nova pessoa, era uma nova experiência, e a euforia tomava conta em cada um desses momentos. As principais surpresas vinham dos avanços tecnológicos, principalmente do transporte público e dos mercados alemães, que nada se assemelhavam aos mercados e transportes públicos que eu havia visto no Brasil. Diverti-me junto com minha mãe comentando e identificando as novas variedades que encontrávamos no mercado. Novos sabores de energéticos e refrigerantes que nunca tínhamos ouvido falar, bolachas, bolos, e todo tipo de alimento possuíam novos sabores e marcas que até então eu desconhecia.

Quanto às pessoas, fiquei surpreso com a diversidade étnica que encontrei na Alemanha. Nas ruas, observei vários indianos, turcos, sírios, africanos, todos vivendo em uma mesma cidade, lado a lado com os alemães. Especificamente sobre o povo alemão, desde o início, notei que eram mais reservados que nós, brasileiros, algo que já havia ouvido falar, mas o que eu não imaginava era que eu fosse gostar desse jeito "alemão" de ser.

Depois de uma primeira semana maravilhosa ao lado de minha mãe, finalmente parti sozinho rumo a Eichstätt, onde uma recepção do escritório internacional da universidade esperava por todos os novos estudantes internacionais. O dia estava lindo, eu havia entendido e me adaptado muito bem ao aplicativo de trem que informava o itinerário da viagem que eu deveria tomar da cidade onde minha mãe estava morando até a cidade onde eu moraria. Chegando à cidade, o primeiro contato que tive com outros estudantes internacionais foi com uma americana e uma outra brasileira, que já esperavam por mim. Eu, ela, uma estudante de Direito da PUC São Paulo, e um estudante também de Relações Internacionais da PUC Minas de Poços de Caldas já conversávamos meses antes de chegar ao nosso destino. Isabel, a americana, estava tão animada e entu-

siasmada quanto o resto de nós. Logo de cara, já compartilhamos todas as informações e conhecimentos que havíamos descoberto, pesquisando nos últimos meses até aquele momento sobre a cidade onde moraríamos. Os dois estudantes do escritório internacional que nos receberam foram muito receptivos. Eles receberam estudantes brasileiros, assim como eu, uma americana, vários italianos, outros da Rússia, outros do Azerbaijão, entre outros países, que também passariam a conviver naquela cidade nos próximos meses.

Eu estava animado e pensava que nada de errado ou ruim pudesse acontecer, mas estava enganado. Logo no primeiro momento, quando todos foram informados do alojamento em que ficariam, recebi a notícia de que era um dos poucos estudantes que não ficaria no mesmo alojamento que os demais. De início, não me preocupei, aguardando que os dois estudantes responsáveis pela nossa recepção apresentassem o novo alojamento para os estudantes que ficariam perto da estação, para que eu fosse encaminhado para a minha nova acomodação.

Figura 1: Acomodação estudantil durante o intercâmbio na Alemanha

Fonte: Arquivo pessoal.

Quando um dos estudantes da faculdade me levou de carro até onde eu me alojaria, a preocupação começou a surgir. O local onde a faculdade me alocou era extremamente longe da universidade, do centro da cidade, e da estação de trem. O acesso era muito difícil, o prédio ficava no alto de uma montanha, e o que eu não

poderia imaginar era que o transporte público só atendia aquela localidade até as 18h, e que, após isso, todas as pessoas que precisassem chegar lá deveriam caminhar por mais de uma hora em meio a uma floresta escura no alto da montanha. Nos primeiros minutos, já solicitei que a estudante ligasse para a coordenadora do escritório internacional da faculdade e perguntasse sobre a possibilidade de me alojar junto aos meus outros colegas brasileiros, perto da estação. O pedido foi negado. Passei a primeira semana tentando aceitar a ideia de morar naquele lugar afastado e de difícil acesso, pensando que seria apenas um imprevisto inicial e que eu me adaptaria a essa nova condição. Até que as coisas começaram a piorar. As outras pessoas que moravam naquele alojamento eram imigrantes provenientes de países africanos e árabes que haviam sido concentrados lá justamente para se afastarem da cidade e servirem de mão-de-obra para os serviços que a cidade demandava no setor de construção, algo que considerei muito cruel e injusto com aquelas pessoas. Havia muitos trabalhadores simpáticos. Lembro-me de um egípcio que me recebeu muito bem, comentando sobre o seu apreço pelo Brasil, dizendo que amava os brasileiros por serem um povo alegre e bom de futebol. Também me lembro de um outro rapaz proveniente de algum país africano, que tinha muita dificuldade de se comunicar em inglês comigo, mas mesmo assim tentava, sempre estampando um sorriso no rosto. Naquele lugar, eu dividia a cozinha com todos os que moravam no prédio, e logo nos primeiros dias, a comida que eu havia comprado e guardado na geladeira começou a desaparecer. Tentei relevar a situação, mas, todas as vezes que eu retornava para casa tarde da noite e passava por aquela floresta escura, eu me desanimava cada vez mais. Comecei a recusar convites para confraternizações, pois eu não estava disposto a retornar tão tarde com a insegurança de encontrar algum animal ou até mesmo alguma pessoa naquele ambiente escuro que eu percorria até chegar ao meu quarto. Além disso, eu sempre chegava extremamente cansado. Durante esse período, procurei várias vezes a coordenadora do escritório internacional para que ela pudesse me ajudar. O que piorou muito a situação foi que, cansada dos meus pedidos e não entendendo a gravidade da situação, a coordenadora começou a responder meus e-mails de maneira extremamente rude, alegando que nada faria para me ajudar e que eu deveria arcar com as consequências de ter confiado na universidade para me alocar na acomodação que eles bem entendessem.

Toda a euforia e animação da primeira semana haviam acabado. Todos os dias que saía de casa, voltava pensando o quão difícil seria o meu retorno, e uma experiência que deveria ser incrível começava a se tornar um pesadelo. Voltei à cidade onde minha mãe estava e contei a ela a situação, pedindo para que ela fosse até onde eu estava morando para que ela mesma pudesse ver o local e me ajudar a pensar em alguma solução. Hoje acho engraçado, mas lembro do desespero da minha mãe ao se deparar com o caminho que ela deveria percorrer junto a mim para chegar até onde eu morava após as 18h. Dormimos a primeira noite decididos a ir até o escritório internacional no dia seguinte exigir a minha mudança. Quando cheguei ao escritório internacional, fui muito mal recebido pela coordenadora. Tivemos uma discussão onde eu argumentei que aquela não deveria ser uma acomodação para um estudante estrangeiro, já que eu estava afastado de toda a experiência que a cidade poderia me oferecer, juntamente com a universidade, por estar em um local afastado de tudo! Após muito argumentar e dizer que entraria em contato com a minha universidade de origem para que resolvessem aquela situação, finalmente consegui ajuda. A responsável concordou em me ajudar a resolver as questões para minha mudança.

Passado esse momento de estresse, uma ucraniana que eu havia encontrado em um dos encontros dos estudantes internacionais também estava buscando uma acomodação, e entramos juntos na nova república para onde eu fui direcionado. O ambiente era muito mais agradável e tinha um estilo jovem, com vários estudantes da própria cidade e outros estrangeiros que estavam ali para realizar o sonho do intercâmbio. As amizades que conquistei no novo alojamento foram incríveis, amizades que levo até hoje! A ucraniana que entrou comigo no alojamento foi uma grande amiga durante todo o tempo que eu estive ali, e ainda tenho contato com ela até hoje. Quando ela soube da situação que eu havia enfrentado na minha primeira experiência de acomodação, ela não conseguiu parar de rir, dizendo que foi uma sorte eu ter conseguido sair de lá para ficar com eles, pois, sem dúvida, o período em que moramos juntos na república foi um dos melhores, e eu não conseguiria encontrar nada igual àquela experiência.

Depois de algumas semanas, consegui, finalmente, me readaptar e voltar a ser feliz com a ideia de estar ali, em um dos lugares que mais sonhei em estar realizando um dos maiores sonhos que eu tinha até aquele momento.

O Ouvir: Ecos de histórias em terras estrangeiras

Durante o restante do meu tempo na Alemanha, vivi experiências e conheci lugares e pessoas que transformaram profundamente minha visão de mundo. Meu melhor amigo tornou-se um italiano, o Micci, que me acompanhava em praticamente todas as viagens que fazia.

Uma das aventuras mais marcantes que vivemos juntos foi durante uma grande nevasca em Munique, considerada a tempestade mais forte dos últimos 40 anos. A cidade estava paralisada, com todo o transporte público bloqueado, o que nos impediu de nos locomover ou sequer voltar para casa.

Figura 2: O rigoroso inverno europeu – Munique, Dez/23

Fonte: Arquivo pessoal.

O motivo de nossa ida a Munique foi visitar uma brasileira que conheci dias antes em um mercado em Eichstätt. Ela contou que sua família morava há muitos anos em uma cidade próxima e nos convidou a conhecer Munique, onde fazia faculdade.

Naquela noite, eu, Micci, ela e suas amigas fomos a uma balada e nos divertimos muito. Quando saímos, a cidade estava coberta por neve, e a tempestade havia piorado. Andamos por horas na neve, e, apesar da situação desafiadora, estávamos eufóricos, rindo e encarando tudo com leveza e otimismo.

Após acompanharmos a brasileira até sua casa, eu e Micci decidimos procurar um hotel ou hostel para passar a noite. Tentamos pedir um táxi, mas o motorista apenas riu, mostrando seu carro completamente coberto de neve até o teto. O frio era tão intenso que começamos a correr pelas ruas para nos aquecer enquanto procurávamos o hostel que havíamos encontrado no Google.

Finalmente, após uma longa caminhada, chegamos ao local, fizemos o check-in e, aliviados, conseguimos nos abrigar. Missão cumprida!

Essa experiência — assim como tantas outras nos hostels em que fiquei durante minha jornada — me ensinou muito. Foi uma lição sobre resiliência, adaptação e a importância de enfrentar desafios com uma boa dose de humor e otimismo.

Na Alemanha, sempre percebi que os hostels abrigavam muitos imigrantes vindos de países como Sérvia, Rússia e Ucrânia. Eles estavam ali em busca de moradia barata e oportunidades de trabalho. Cada pessoa tinha muitas histórias para compartilhar. Os ucranianos me contaram sobre a vida antes da guerra; os sérvios, sobre a situação política do seu país; e os russos, sobre como o poder econômico na Rússia era inferior ao restante da Europa.

Em uma de minhas viagens, decidi ir sozinho para Viena. Por sorte, encontrei José, um jovem viajante espanhol que, assim como eu, resolveu explorar a cidade em busca de novas experiências. Nos demos muito bem logo de início. Eu havia terminado um relacionamento no Brasil e José, um namoro de muitos anos na Espanha. Diante dessa situação, decidimos aproveitar a noite vienense.

No primeiro bar, após o primeiro drink, José já me dava conselhos sobre a vida, enquanto eu choramingava sobre meu antigo relacionamento. Dois jovens, que haviam acabado de se conhecer, falando idiomas diferentes, mas se entendendo perfeitamente. Guardo com carinho esse encontro. Visitamos vários lugares e ter-

minamos a noite em um bar mágico, diferente de tudo que já vi. O ambiente lembrava um cenário de filme: garçons de terno, drinks lindos, um piano ao fundo e, na janela, a deslumbrante vista de Viena.

Lá conhecemos duas moças — uma austríaca e outra palestina — que passaram a noite conversando conosco e ouvindo nossas lamentações. No dia seguinte, despedi-me de José. Ele continuou sua viagem, e nunca mais nos vimos. Ainda assim, mantemos a promessa de nos visitarmos: eu na Espanha e ele no Brasil.

Assim como em Viena, outra viagem que me marcou profundamente foi a ida ao Castelo de Neuschwanstein, localizado no sul da Alemanha, próximo à fronteira com a Áustria. Essa viagem, em especial, teve um significado muito importante para mim, pois aconteceu no final do ano, perto do Natal, e coincidiu com a chegada do meu pai e do meu irmão à Alemanha para nos visitar, a mim e minha mãe. Foi uma viagem feita em família, o que a tornou ainda mais especial.

O Schloss Neuschwanstein foi, sem dúvida alguma, um dos lugares mais mágicos que visitei em toda a Alemanha. Uma verdadeira obra de conto de fadas, com suas torres elegantes que pareciam tocar o céu. Inspirado pelas óperas do renomado compositor alemão do século XIX, Richard Wagner, o castelo exala uma aura de fantasia e romantismo em cada detalhe (Krüger, 2016; Wagner, 2012). Caminhar por suas salas ornamentadas e admirar a vista espetacular dos Alpes me transportou para um mundo mágico, onde o real e o imaginário se misturam de forma sublime (Bavaria Tourism, 2021).

Naquele dia, a neve caía intensamente, cobrindo as montanhas ao redor com um manto branco imaculado. O castelo parecia ainda mais encantador, como se tivesse saído diretamente de uma história mágica. A paisagem ao redor era de tirar o fôlego, com a neve cobrindo os pinheiros e as trilhas (Deutschland, 2024). Uma das coisas que mais me chamou a atenção foram os passeios de charrete puxados por enormes cavalos, que levavam os visitantes até a entrada do castelo. Os cavalos, adornados com sinos e mantas quentes, adicionavam um charme rústico ao passeio e eram, sem dúvida, os mais bonitos que já vi na vida. Descobri que as charretes contavam com o auxílio de motores elétricos para preservar a saúde dos animais, algo que achei admirável (Becker; Meier, 2019; Tourism Bavaria, 2024).

Esse dia está guardado em meu coração com muito carinho, pois vivi tudo isso ao lado das pessoas mais importantes da minha vida: minha família. Lembro-me de revezar meu olhar entre a grandiosidade daquele lugar e a felicidade estampada nos rostos do meu pai, da minha mãe e do meu irmão. Eles estavam felizes por estarem juntos, visitando a mim e minha mãe, e por perceberem que estávamos realizando um sonho pelo qual tanto lutamos. Estar ali, admirando aquele lugar mágico, foi a cereja do bolo de toda a nossa jornada de esforço e conquistas.

Também nesse dia, experimentamos pela primeira vez o Eisbein, algo que meu pai desejava muito. Desde antes de sua chegada à Alemanha, já estávamos ansiosos para provar o prato. No restaurante onde comemos, próximo ao castelo, o Eisbein era uma verdadeira obra-prima. Ele foi servido com a pele crocante e dourada, que derretia na boca, enquanto o sabor intenso e os temperos ricos, com um toque defumado característico, tornavam a experiência inesquecível. Acompanhado por guarnições tradicionais, como chucrute levemente ácido e purê de batatas cremoso, o prato ganhou ainda mais destaque quando harmonizado com uma caneca de cerveja artesanal bávara. Foi uma refeição perfeita para coroar um dia que ficará para sempre em nossas memórias (Mitchell, 2015; Müller, 2020).

Figura 3: Prato típico alemão: Eisbein (joelho de porco)

Fonte: Arquivo pessoal.

O Conviver: Laços tecidos

Outra experiência marcante foi a convivência com os três brasileiros que estavam comigo: Felipe, Vitória e Laura. Felipe se envolveu com uma italiana da cidade, o que o afastou um pouco de nós. Isso me aproximou ainda mais de Laura e Vitória. Descobri que, mesmo longe de casa, a origem brasileira nos unia.

Com Vitória, compartilhei incontáveis momentos, desde conversas sobre o dia até reflexões sobre a experiência maravilhosa que vivíamos. Laura, por sua vez, foi uma presença especial. Ela morava na cidade vizinha, onde também havia um campus universitário. Como eu era o único estudante de Eichstätt que precisava estudar lá, Laura fez companhia em almoços que, sem ela, seriam solitários. Nos dias frios, ela me recebia em sua casa para que eu pudesse esperar pelo meu próximo horário de aula. Guardo com carinho essas amizades.

Em mais uma viagem, dessa vez para Berlim, eu, Felipe e Micci decidimos nos aventurar, saindo do sul da Alemanha, onde estávamos, até o norte do país. A jornada, devido aos atrasos e imprevistos da companhia de trem, levou 11 horas. Apesar disso, estávamos tão animados e felizes por ter pago pouco pelo percurso que não nos importamos.

Pagamos um preço reduzido graças ao *Deutschland-Ticket*, um passe de transporte público válido em toda a Alemanha, que oferece acesso ilimitado a trens regionais, trens urbanos (S-Bahn), metrôs, ônibus e trams. Trata-se de uma iniciativa do governo para oferecer transporte público acessível e sustentável. Como estudantes, pagávamos cerca de 30 euros pelo "D-ticket".

Figura 4: Portão de Brandemburgo - Berlim

Fonte: Arquivo pessoal.

Ao chegarmos em Berlim, o cansaço da viagem era evidente. Micci preferiu descansar no hostel, mas eu e Felipe, enfrentando o frio e a chuva que começava, decidimos explorar uma das boates de música eletrônica mais famosas do mundo, a *Club OST*. Durante o trajeto, percebemos como as ruas de Berlim eram escuras, o que, para nós brasileiros, trazia uma sensação de insegurança que parecia não preocupar os alemães.

No transporte público, entendemos o motivo de frases como "Berlim é a capital da Alemanha, mas não é a Alemanha" ou "Berlim é o lugar onde os alemães são quem de verdade querem ser". Durante o caminho, vimos diversas pichações, grafites, expressões artísticas, e pessoas com roupas, maquiagens e estilos extremamente variados — algo bem distante do "padrão tradicional alemão" que havíamos presenciado no sul do país.

Na fila da festa, conhecemos Gabriel, um nova-iorquino que vivia há anos em Berlim em busca de inspiração artística para seu trabalho como produtor de filmes. Ele nos contou que Berlim, assim como Nova York, é uma cidade onde as pessoas vêm para viver seus sonhos sem julgamentos, permitindo que sua criatividade floresça.

Dentro da festa, notamos uma diversidade impressionante de estilos. Algumas pessoas pareciam estar no Caribe, com roupas floridas e um ar de verão; outras pareciam rockeiras dos anos 80, vestindo peças de couro preto. No entanto, a maioria apresentava um visual que remetia à União Soviética pré-queda do muro de Berlim. Gabriel explicou que essa estética era reflexo da influência soviética deixada na região.

Essa influência era visível não apenas nas pessoas, mas também nos prédios baixos, uniformes e escuros de certos bairros, e nos bondes com um visual mais antigo, que retratavam a realidade do transporte soviético daquela época. Essa Berlim contrastava completamente com a Baviera, onde eu morava, uma região tradicional e conservadora, marcada pela influência capitalista durante a Guerra Fria.

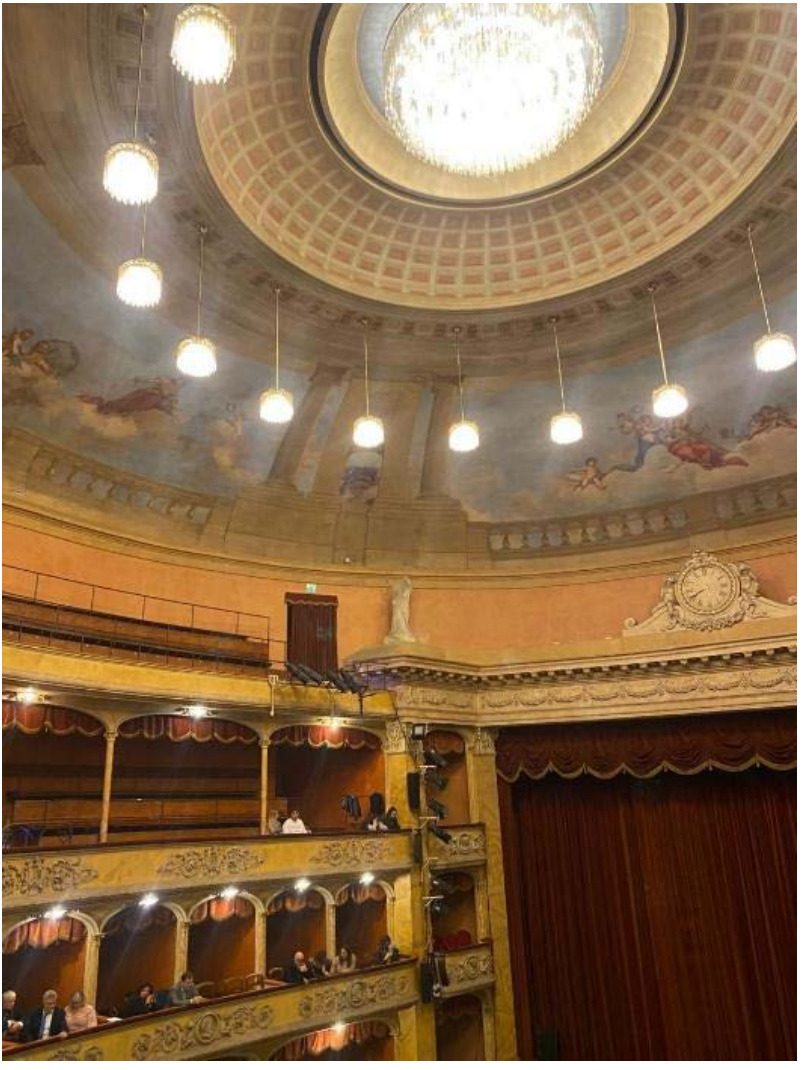
Durante meu tempo na Alemanha, ouvi diversas vezes dos próprios alemães que ainda consideravam existir dois países em um. Muitos bávaros se consideravam mais "desenvolvidos" do que o restante da Alemanha, frequentemente mencionando problemas como drogas e insegurança no norte do país.

Perto do final do ano, Micci nos convidou — a mim, Felipe e Laura — para conhecer a cidade onde fazia faculdade na Itália, Modena, próxima a Bolonha. Ele nos chamou para participar do aniversário de sua prima, que morava com ele, e também para assistir a uma apresentação musical sua, já que era cantor.

Fomos recebidos calorosamente pelos amigos de Micci, que já nos esperavam na estação de trem quando chegamos. A festa surpresa para sua prima foi muito especial. Apesar de todos ali serem italianos, fizeram questão de se comunicar em inglês conosco, deixando-nos confortáveis e incluídos.

A apresentação de Micci foi esplêndida. O teatro da cidade, com arquitetura que lembrava os teatros romanos que eu costumava ver em livros de história, tornou o momento ainda mais memorável. Aproveitamos que estávamos na Itália e próximos a Bolonha para visitar essa famosa cidade antes de voltarmos para a Alemanha.

Figura 5: Teatro Comunale di Modena



Fonte: Arquivo pessoal.

Foi em Bolonha que vivi uma das experiências mais emocionantes de todo o meu intercâmbio. Naquele dia, Micci ficou em casa se preparando para sua apresentação, enquanto eu, Laura e Felipe seguimos de trem para explorar a cidade. Ao chegarmos, animados, pedimos informações a uma senhora de idade sobre onde ficava a rodoviária.

Figura 6: Motoneta: meio de transporte muito utilizado na Itália

Fonte: Arquivo pessoal.

A senhora parecia abatida, mas havia algo no seu jeito — quase como o ar acolhedor de uma avó — que nos fez confiar nela. Com dificuldade, explicou em italiano que também era nova na cidade, mas estava indo para o mesmo local e poderia nos acompanhar. Durante o caminho, conversamos e ouvimos sua história, que mudou a vida de nós três.

Ela era refugiada ucraniana. Contou que havia construído toda sua vida em um único lugar na Ucrânia, ao lado de sua família — dois filhos e um marido amoroso. Mas a guerra entre Rússia e Ucrânia a forçou a abandonar tudo. Agora, ela não sabia sequer se seus familiares ainda estavam vivos.

Sua história nos devastou. Quando nos despedimos, demos-lhe um forte abraço, e cada um de nós ficou com o coração partido.

A partir daquele dia, fiz uma promessa a mim mesmo: como internacionalista, farei tudo o que estiver ao meu alcance para que não existam mais guerras e para que ninguém tenha que sofrer como aquela senhora sofreu.

Durante o intercâmbio, também vivi um breve relacionamento com uma italiana de origem chinesa. Foi uma experiência sincera, mas desafiadora. Notei como os europeus, apesar da liberdade financeira, são mais reservados e sofrem com maiores pressões sociais. Percebi que, enquanto muitos brasileiros são julgados pelo que têm, os europeus são julgados pelo que aparentam ser. Esse relacionamento me mostrou que, por mais que as diferenças culturais existam, o amor é universal.

Momentos e reflexões finais

Na universidade, foi magnífico sonhar e conviver com pessoas de tantos países, todas em busca de aprendizado para serem melhores profissionais. Isso me fez entender que o mundo é maior e mais diverso do que eu imaginava. Apesar da barreira da língua, as aulas de sustentabilidade me ensinaram lições que aplico até hoje em minha carreira no agronegócio sustentável.

Figura 7: Souvenirs da Universidade Católica de Eichstatt Eichstätt-Ingolstadt

Fonte: Arquivo pessoal.

Durante minha trajetória acadêmica, duas professoras deixaram uma marca profunda em minha vida, e até hoje lembro delas com carinho e gratidão. A primeira era britânica, uma mulher de fala suave e postura sempre acolhedora, que ensinava com uma dedicação que transcendia as paredes da sala de aula. A outra, americana, trazia uma energia vibrante, cheia de entusiasmo, e fazia questão de transformar cada aula em um ambiente seguro e encorajador para o aprendizado. Ambas eram professoras de inglês acadêmico e tinham em comum a habilidade extraordinária de enxergar seus alunos como pessoas inteiras,

com desafios, sonhos e histórias, e não apenas como números em uma lista de presença.

Sob a orientação dessas duas mulheres, aprendi mais do que gramática ou vocabulário. Elas me ensinaram a pensar em inglês, a estruturar ideias complexas e, acima de tudo, a confiar na minha capacidade de me expressar. Cada correção era feita com cuidado, cada palavra de encorajamento parecia planejada para me motivar a seguir em frente. Nunca me senti tão acolhido como aluno. A forma como ambas demonstravam genuína preocupação com o bem-estar de seus estudantes era inspiradora. Mesmo fora das aulas, estavam sempre dispostas a escutar e a oferecer apoio, seja na compreensão de um texto desafiador ou em conversas sobre as dificuldades da vida de um estudante estrangeiro.

Despedir-me delas foi um momento carregado de emoção. A sensação de gratidão misturava-se ao peso da despedida, porque sabia que estava me despedindo de muito mais do que professoras; estava dizendo adeus a duas mentoras que haviam moldado minha jornada acadêmica e me proporcionado ferramentas para enfrentar os desafios futuros com confiança.

Por outro lado, nem todas as experiências foram tão positivas. Em contraste, tive aulas com uma professora alemã que, infelizmente, deixou uma impressão bem diferente. Apesar de ter domínio técnico e profundo conhecimento sobre o idioma, faltava-lhe sensibilidade no trato com os alunos. O ambiente de suas aulas era tenso e, muitas vezes, desestimulante. Ela parecia usar as perguntas como armadilhas para expor aqueles que ainda não dominavam bem o idioma, criando uma atmosfera de medo e insegurança.

Lembro-me de colegas que vieram de países como Turquia, Índia e Paquistão, cheios de esperança de melhorar suas habilidades linguísticas, mas que, diante do clima opressor da sala de aula, decidiram desistir. Para muitos, a pressão psicológica era grande demais para ser suportada, e a falta de empatia da professora acabava minando a motivação. Eu mesmo enfrentei um momento de reflexão profunda. Depois de muito pensar, percebi que insistir em suas aulas não valeria a pena para mim. O aprendizado, afinal, deveria ser algo estimulante e transformador, não uma fonte constante de estresse.

Com isso, tomei a decisão de me afastar de suas aulas e redirecionar meu foco para outras disciplinas, onde o ambiente era mais propício para meu desenvolvimento. Essa escolha foi libertadora e

me ensinou uma lição valiosa: o aprendizado não é apenas sobre conteúdo, mas também sobre as condições em que ele ocorre.

Essas experiências opostas ajudaram a moldar minha percepção sobre o papel dos professores na vida de seus alunos. Se por um lado as duas professoras de inglês acadêmico me ensinaram a importância de acolher e incentivar, por outro, a professora alemã reforçou o valor da empatia como uma habilidade essencial para educadores. Cada uma, à sua maneira, contribuiu para minha jornada e para o meu entendimento sobre o impacto que um professor pode ter na vida de quem está disposto a aprender.

Essa experiência na Alemanha foi o melhor momento da minha vida. Aprendi que sonhos, por mais distantes que pareçam, podem se realizar com esforço. Conhecer a Alemanha era um sonho, e estar lá me mostrou que nada é impossível. Essa lição ficará comigo para sempre, assim como a de que o mais valioso nos lugares que visitamos são as pessoas que encontramos por lá.

Em todos os cantos do mundo, sempre haverá pessoas boas e ruins, pobreza e riqueza, felicidade e tristeza, além de todas as outras dualidades que permeiam a vida humana. No entanto, saber colecionar os melhores relacionamentos e os sentimentos que as pessoas expressam quando as encontramos é, de fato, descobrir o verdadeiro ouro dessa jornada.

Referências Bibliográficas

BAVARIA TOURISM. **Descubra Neuschwanstein**: guia oficial para visitantes. Munique, 2021. Disponível em: https://www.bavariatourism.com/neuschwanstein. Acesso em: 19 nov. 2024.

BECKER, Laura; MEIER, Tobias. **Sustentabilidade no turismo**: a implementação de transportes ecológicos no Castelo de Neuschwanstein. *Journal of Sustainable Tourism*, v. 27, n. 4, p. 389-402, 2019. Disponível em: https://www.journalofsustainabletourism.com/neuschwanstein. Acesso em: 19 nov. 2024.

DEUTSCHLAND, Visit. **Castelo de Neuschwanstein**: história, turismo e dicas práticas. Disponível em: https://www.germany.travel/neuschwanstein. Acesso em: 19 nov. 2024.

KRÜGER, Martin. **A arquitetura do conto de fadas**: o papel de Richard Wagner na concepção de Neuschwanstein. *Architectural Heritage Journal*, v. 35, n. 2, p. 145-162, 2016. Disponível em: https://www.architecturalheritagejournal.com/wagner. Acesso em: 19 nov. 2024.

MITCHELL, Otis. **Castelos da Baviera**: história e arquitetura. Munique: Bavarian Heritage Press, 2015.

MÜLLER, Hans. **Gastronomia alemã**: tradições bávaras no prato. 3. ed. Berlim: Gourmet Alemanha, 2020.

TOURISM BAVARIA. **A tradição bávara**: charretes, cavalos e sustentabilidade. Disponível em: https://www.tourism-bavaria.de/charretes. Acesso em: 19 nov. 2024.

WAGNER, Richard. **Obras completas de Richard Wagner**: leitmotifs e simbolismo. Trad. João Silva. São Paulo: Editora Harmonia, 2012.

Vivências, diálogos e interculturalidade: Me redescobrindo em Haia, Holanda

Experiences, dialogues and interculturality: Rediscovering myself in The Hague, Netherlands

Experiencias, diálogos e interculturalidad: Redescubriéndome en La Haya, Países Bajos

Cristiano Grabellos Moura[1]

Recebido em: 09 de Dezembro de 2024
Aprovado em: 28 de Abril de 2025

Resumo

A experiência de intercâmbio de Cristiano em Haia, na Holanda, é descrita no texto, detalhando as dificuldades iniciais e os choques culturais que o moldaram. O autor examina as diferenças entre sua vida no Brasil e na Europa, descrevendo seu espanto com o calor do fim de verão e sua surpresa com a arquitetura da cidade e a predominância das bicicletas. Ele fala sobre suas experiências de viagem durante o intercâmbio e o processo de adaptação à rotina de viver e estudar com colegas de diversas nacionalidades. A narrativa é repleta de observações pessoais sobre desenvolvimento, medo e a busca de novas experiências, enfatizando como esse encontro com o global mudou sua perspectiva de vida e carreira.

Palavras chaves: Intercâmbio, Holanda, Cultura, Internacional, Desenvolvimento, Perspectiva

Resumen

En el texto se describe la experiencia de intercambio de Cristiano en La Haya (Holanda), detallando las dificultades iniciales y los choques culturales que le marcaron. El autor examina las diferencias entre su vida en Brasil y en Europa, describiendo su asombro ante el calor del final del verano y su sorpresa ante la arquitectura de la ciudad y el predominio de las bicicletas. Habla de sus experiencias de viaje durante un intercambio y del proceso de adaptación a la rutina de vivir y estudiar con compañeros de diferentes nacionalidades. La narración está llena de observaciones personales sobre el desarrollo, el miedo y la búsqueda de nuevas experiencias, destacando cómo este encuentro con lo global cambió su perspectiva de la vida y la carrera.

Palabras clave: Intercambio, Países Bajos, Cultura, Internacional, Desarrollo, Perspectiva

Abstract

Cristiano's exchange experience in The Hague, Netherlands, is described in the text, detailing the initial difficulties and culture shocks that shaped it. The author examines the differences between his life in Brazil and in Europe, describing his amazement at the late summer heat and his surprise at the city's architecture and the predominance of bicycles. He talks about his travel experiences during the exchange program and the process of adapting to the routine of living and studying with colleagues of different nationalities. The narrative is full of personal observations about development, fear and the search for new experiences, emphasizing how this encounter with the global changed his outlook on life and career.

Keywords: Exchange, Netherlands, Culture, International, Development, Perspective

Chegar: O Olhar E Ouvir

Cidade de Haia, Holanda. Meu primeiro choque foi logo após sair da estação de trem, ao perceber que a terceira maior cidade do país era constituída, principalmente, de prédios relativamente pequenos. A maioria deles tinha apenas dois andares. Tendo nascido no Rio de Janeiro e vivido a maior parte da vida em Belo Horizonte, para mim, cidade grande era sinônimo de grandes edifícios. O segundo choque veio imediatamente após, o calor. Cheguei em Haia no dia 22 de agosto, ou seja, no final do verão. Saí da estação de trem usando calça de moletom, suéter e jaqueta, o que, somado ao esforço de carregar malas enormes de um lado para o outro, fez com que eu logo mudasse o foco da minha atenção pro sol de 11 horas diretamente acima de mim. A pessoa que me recebeu foi o Luís, colega de universidade do Brasil que havia chegado alguns dias antes de mim. Após cumprimentá-lo, a primeira coisa que falei foi "vamos pegar as chaves rápido porque a coisa que mais quero nesse momento é um short".

Figura 1 - A Caminho de Haia

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

O prédio em que ficamos era, em sua grande maioria, destinado aos estudantes de intercâmbio. Tinha 23 andares, sendo o segundo uma lavanderia, e ficava a duas quadras da universidade. Meu apartamento ficava no décimo sexto andar e, quando peguei o elevador pela primeira vez, havia um estudante mexicano e uma estudante indiana também subindo para seus quartos. Óbvio que já sabia e estava ansioso com a ideia de conhecer pessoas de outras partes do mundo, mas, ainda assim, lembro de ter ficado reflexivo com

o momento, pensando sobre como eles vieram de realidades 100% diferentes da minha e das quais eu não sabia nada sobre. Assim que abri a porta do meu apartamento encontrei com um dos estudantes com quem eu moraria pelos próximos seis meses, um alemão pouco mais alto que eu e de aparência simpática. Ele estava junto de sua namorada e me perguntou se tudo bem ela passar uns dias com ele no apartamento. Respondi que não tinha problema nenhum e ambos agradeceram e sorriram em resposta. O segundo e último colega de apartamento chegou poucas horas depois de mim, um estadunidense alto, porém tímido. Ele cumprimentou a todos muito brevemente para logo depois se trancar no seu quarto. Minha primeira impressão de ambos foi positiva, principalmente a do primeiro.

Aproveitei os primeiros dias, nos quais não tive aula, para organizar e limpar meu quarto e para conhecer os arredores do prédio e da faculdade. A primeira observação a ser feita é que de fato andam muito de bicicleta na Holanda, tanto que, na ordem de preferência, os ciclistas estão em primeiro lugar. Informação essa que só processei depois de quase ser atropelado por eles umas cinco vezes, número que eu atingi com apenas duas saídas à rua. Em seguida, notei que a maior parte do comércio fechava relativamente cedo, por volta das 17 horas. O que também gerou algumas situações inusitadas, já que, com frequência, eu só lembrava que precisava sair para comprar determinados itens de necessidade básica quando já era tarde demais. Agradeço muito aos meus colegas de apartamento por toda a paciência que tiveram nas várias vezes em que tive que recorrer a eles. Futuramente me foi explicado que é da cultura holandesa buscar uma divisão mais bem equilibrada entre a vida profissional e a pessoal.

Começa, então, a primeira semana de aula, composta de apenas dois dias. No primeiro, reuniram todos os estudantes de intercâmbio em uma mesma sala para nos explicarem o básico sobre a universidade e seu funcionamento. Em seguida, fomos acompanhados pelos coordenadores do programa de intercâmbio para um bar em frente a faculdade, com direito a duas cervejas de graça. Mais uma vez, fiquei chocado e pensativo. Já esperava que a sociedade holandesa fosse mais liberal, mas não imaginava que isso fosse se estender para dentro de uma instituição de ensino. Vale ressaltar que, nesse contexto, isso não é uma crítica. Nessa primeira ida ao bar me aproximei dos outros intercambistas brasileiros, Ana e Luís, e juntos conhecemos o grupo de estudantes mexicanos com quem

logo começamos a sair e viajar, Raul, Débora e Luiza. Ao mesmo tempo, durante a explicação inicial sobre a faculdade, muita ênfase foi dada à questão da pontualidade, tanto em relação ao horário das aulas quanto em relação às datas de entrega de provas e trabalhos. Não posso afirmar nada com muita certeza, visto que só fiquei no país por seis meses, mas essa e várias outras experiências me indicaram uma capacidade muito interessante dos holandeses de lidarem com as liberdades oferecidas por sua sociedade, sem deixar que elas interfiram com seus afazeres.

Figura 2 - O Entardecer Holandês

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

O segundo dia foi exclusivamente dedicado ao processo de inscrição nas matérias. Foi o meu primeiro contato mais próximo com a infraestrutura da faculdade. Tudo extremamente limpo e organizado, grandes projetores, portas automáticas, elevadores e passarelas interligando todos os prédios que compunham a estrutura da universidade e computadores para todos, disponibilizados na hora de fazermos as provas. A única dificuldade que encontrei nesse momento se deu por causa das diversas plataformas online que a universidade tinha, e as matérias tinham um número limitado de vagas, o que transformava todo o processo numa verdadeira disputa. Ainda bem que a coordenadora do programa de intercâmbio estava lá para nos ajudar, assim, consegui me inscrever em todas as matérias que queria. Mas a verdade é que até hoje não entendi o funcionamento de algumas das plataformas que tive que usar lá.

A primeira matéria que escolhi foi *Supply Chain*, que tratava de cadeia de suprimentos, ou seja, os bens necessários para produzir algo, os diferentes tipos de fornecedores que integram o um processo produtivo, a quantidade de matéria-prima necessária durante o processo e a quantidade que os fornecedores são capazes de entregar, bem como possíveis formas de melhora de desempenho. Nesse sentido, as aulas quase sempre consistiam em dinâmicas, como, por exemplo, uma uma "linha de produção" de aviões de papel na qual cada integrante do grupo podia fazer apenas uma dobra. O objetivo era estudar a melhor forma de dividir as tarefas e ver qual grupo conseguia terminar mais aviões em determinado período de tempo. O professor era uma pessoa tranquila e, antes de se aprofundar na matéria, nos contou sobre suas experiências profissionais e um pouco sobre sua vida pessoal. Ele já havia trabalhado em grandes empresas multinacionais e lecionado em outras universidades. Fiquei admirado e empolgado para as aulas, além de ter simpatizado com o professor, que contou algum de seus hobbies, muitos dos quais eu compartilhava. Eu era o único intercambista da sala, mas rapidamente fui convidado por um grupo de alunos para me juntar a eles. O grupo era composto por uma aluna russa, uma espanhola e um alemão. Nunca interagimos muito fora da sala de aula, mas, de qualquer forma, sempre me tratavam bem e tivemos vários momentos divertidos durante as atividades em grupo.

A segunda matéria foi Survival Dutch, que consistia em aulas do mais básico da língua holandesa, apenas o suficiente para "sobreviver". Essa matéria era exclusiva para intercambistas, o que

significa que haviam vários rostos conhecidos na sala, incluindo o outro brasileiro, o Luís. A professora era nativa de Haia e, além de nos ensinar o idioma, nos ensinou sobre várias tradições culturais da cidade e do país. O idioma é extremamente difícil, tanto a escrita quanto a fala, mas como estávamos estudando apenas o básico, não foi tão difícil de acompanhar. O holandês apresenta várias similaridades com o alemão, o que resultou em vários intercambistas alemães fazendo essa matéria e passando sem nenhuma dificuldade. Mas, admito que a parte que eu mais gostava eram as curiosidades sobre o país: o Festival das Tulipas, o delicioso croquete *bitterballen*, a cor laranja em homenagem à família real e o fato de que você poderia acabar cruzando com o rei na rua sem nem perceber. A Holanda é um país com uma cultura única, e a empolgação com a qual a professora lecionava com certeza tornava tudo mais interessante. Além disso, eu e Luís tínhamos o combinado de sempre ir na academia após essa aula, o que com certeza me fazia apreciar ainda mais o momento. No momento atual, por não ter mantido a prática do idioma, já não me lembro de muita coisa, mas, se eu pegar meu caderno e reler minhas anotações, com certeza vou me lembrar de muito do vocabulário que aprendi e dos momentos que vivi.

Por fim, a última e mais extensa matéria que escolhi, People and Organization. O conteúdo tratava de gestão de recursos humanos, abordando tópicos como atração do talento, contratação, *onboarding*, engajamento, execução, desenvolvimento e desligamento, ou seja, o ciclo de vida do empregado como um todo. Mais uma vez, eu era o único intercambista da sala, mas, felizmente, também fui bem recebido por aqueles que participavam dessa aula. A professora era argentina, o que automaticamente resultou em vários possíveis assuntos em comum entre nós, sendo o futebol o primeiro a ser abordado por ela. A carga horária das aulas era mais pesada, mas a turma era pequena, por causa disso todos os alunos acabaram se aproximando bastante. Me recordo, principalmente, da colega de classe italiana, que estava sempre disposta a ajudar os outros, e do alemão, que tinha vários hobbies em comum comigo. O processo avaliativo de *People & Organization* contava com uma prova, um trabalho escrito de 15 páginas e um trabalho em forma de vídeo, todos individuais. A prova foi a parte mais fácil, visto que, além de eu ter genuinamente gostado da matéria, todas as questões eram de múltipla escolha. O fato do conteúdo da matéria conversar bastante com as atividades que desempenhei em um estágio em

consultoria que fiz pouco tempo antes do intercâmbio com certeza também ajudou bastante. O trabalho em formato de vídeo foi um pouco mais complicado, não por causa do trabalho em si, mas porque tive que aprender sobre uma série de funcionalidades do meu computador relacionadas a gravação e edição. De qualquer forma, não era nada extremamente complexo e tudo correu bem. Como esperado, o mais difícil foi o projeto escrito de 15 páginas, o qual consistia em analisarmos o ciclo de vida do empregado em uma empresa de nossa escolha. Foram duas semanas de muita pesquisa, leitura, escrita e aperfeiçoamento do meu inglês. Apesar de não ter deixado pra última hora, senti um certo desespero mesmo assim, o que não foi de todo ruim, visto que fez eu me esforçar bastante. Esse projeto acabou sendo a minha maior nota dentre as três etapas do processo avaliativo.

Enfim, retomando a ordem cronológica dos fatos, os primeiros dias em sala de aula foram extremamente agradáveis, não sei se porque eu era intercambista ou se realmente eram daquela maneira com todos novos estudantes, mas tanto os professores quanto os outros alunos foram muito receptivos. Além disso, antes mesmo de sair do Brasil, eu já havia me inscrito na já mencionada academia da faculdade, e, em pouco tempo, convenci o Luís e o Raul a treinarem comigo. Eventualmente a Débora e um estudante da República Tcheca, o Charles, também se juntaram a nós. Enfim, uma rotina. Manhãs tranquilas, tardes estudando e noites treinando. Já os finais de semana variavam entre idas à praia, noites de filme no apartamento de alguém ou bares e festas.

Estar: O Interagir

Mas, sendo sincero, apesar de sempre ter uma idéia básica do que me esperava no dia seguinte, o mais interessante era a frequência com que eu saia da rotina. Nas aulas, muitas vezes tivemos convidados especiais, como ex -estudantes que hoje ocupam cargos de importância em grandes empresas sediadas no país, além de aulas práticas que podiam variar entre montar aviões de papel e cozinhar com o objetivo de entender o funcionamento de uma cadeia de abastecimento, por exemplo. Referente às atividades físicas, somado a academia, também participei de campeonatos de esportes organizados pela universidade. No primeiro feriado que tive, em outubro, na semana da criança, recebi a visita dos meus pais e da

minha irmã. Apresentei Haia para eles e depois fomos a Amsterdã. Foi uma semana repleta de bons restaurantes e museus. Vale dar destaque ao Rijksmuseum, no qual passamos mais de cinco horas. O museu tinha cinco andares e, além dos quadros, era repleto de armaduras, espadas, rifles e canhões antigos que eu nunca pensei que veria bem na minha frente, fora dos filmes, jogos e livros de história. Foi uma visita extremamente empolgante e proveitosa no sentido de matar a saudade da família.

Voltando para Haia, eu, os outros dois brasileiros e os três mexicanos resolvemos viajar juntos nas duas semanas em que não tínhamos aula, uma no meio de novembro e a outra no final de dezembro. Nossos dois primeiros destinos: Alemanha e Inglaterra. É importante ressaltar que o Raul foi o principal responsável por organizar as viagens, o que significa que, em muitos momentos, eu não sabia o nome dos lugares em que estava. Nas poucas vezes em que o planejamento ficou por minha conta, adotei uma abordagem mais simples, apenas buscava saber qual era a área central da cidade e, chegando lá, saia andando, explorando, sem um roteiro definido. Dito isso, posso afirmar com tranquilidade que o que mais chamou minha atenção em Berlim foi o Portão de Brandemburgo. Se eu estivesse sozinho, poderia ter ficado horas parado ali, pensando em quantas pessoas já cruzaram por ele e admirando sua grandiosidade, que se manteve mesmo depois de mais de duzentos anos desde sua fundação. No segundo dia na Alemanha, pegamos um trem e fomos para uma pequena cidade do interior onde havia um campo de concentração. Não há muito o que elaborar em relação a isso. Não é surpresa quando digo que o ambiente era tomado por um ar pesado e triste. Mas acredito que a experiência tenha me levado a reflexões necessárias sobre a vida.

Figura 3 - Passeio em Londres

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Em seguida, Inglaterra, o segundo destino da nossa primeira semana sem aula. Para mim, o que mais se destacou em relação a Londres foi a estética elegante da cidade. Cafés super arrumados em toda esquina, lindas pontes cruzando rios e, claro, construções mundialmente conhecidas, como o Big Ben e o Palácio de Buckingham. Apesar de nada em específico ter me chamado muito a atenção, foram dias muito proveitosos, repletos de restaurantes e centros comerciais dos mais finos. Mas, naturalmente, a viagem logo chegou ao fim, já que toda essa elegância se traduzia em preços altíssimos, os mais altos que vi até hoje.

Nas semanas que se seguiram, dediquei uma grande quantidade de tempo aos projetos de faculdade. Não só porque queria ter-

miná-los antes da segunda viagem, mas, também, porque foi um período em que eu estava particularmente inspirado, reflexivo com tudo o que estava acontecendo. Além de encantado com a grandiosidade do mundo, notei que estava me sentindo muito mais leve que o normal, menos ansioso. Sentimento esse que também me foi relatado por meus amigos, principalmente pela Ana, com quem compartilhei muitos desses momentos de reflexão. No meu caso, isso se deu por conta de eu ter bem claro na minha mente que só ficaria lá por seis meses, ou seja, não só estava ciente de que tinha de aproveitar ao máximo aquela experiência, como, também, de que em pouco tempo nunca mais veria a maioria daquelas pessoas. Por isso, pouco importava qualquer opinião negativa que pudessem formar sobre mim. Perceber isso me impactou permanentemente. Da mesma forma que saí de lá, não pretendo morar no mesmo país para o resto da vida, quem dirá na mesma cidade. Não há porquê se segurar. No fim, a única pessoa que constantemente tem em mente como você é, é você mesmo. Então, naquele momento, além de gratidão por todo o suporte que estava recebendo da minha família, eu me permiti sentir orgulho de mim mesmo.

Visto que, nessas semanas, além das reflexões, apenas segui a rotina que relatei anteriormente, vale dar um pequeno salto, já para a segunda viagem. Dessa vez, os destinos foram: República Tcheca, Áustria, Eslováquia e Hungria. Infelizmente, um dia antes de viajarmos, houve um tiroteio em uma universidade de Praga. Chocados com toda a situação, quase cancelamos a primeira parte da viagem. Mas, por não sabermos se teríamos uma segunda oportunidade de visitar o país, insistimos, e que bom que o fizemos. Em Praga, nos encontramos com o nosso colega de academia tcheco e ele nos levou ao seu bar preferido. Ele estava ainda mais abalado que nós por causa do que havia ocorrido no dia anterior, mas sinto que, naquele momento, conseguimos nos distanciar de tudo e aproveitar a companhia uns dos outros. Foi extremamente divertido e, com certeza, um dos pontos altos da viagem. Em seguida, Áustria. Apesar de Viena ser uma cidade linda, o momento mais marcante do passeio foi a noite de natal. Passamos a madrugada comendo, bebendo e ouvindo música no AirBnb em que estávamos hospedados. A ocasião rendeu várias fotos engraçadas. No dia seguinte fomos para Eslováquia, e, de todos os lugares que visitei, foi o que menos me agradou. Bratislava, em sua grande maioria, tinha um aspecto cinzento, que passava um ar de desolação. Mal se via pes-

soas na rua, sendo o recepcionista do hostel a primeira com quem interagimos, e este foi extremamente rude conosco e com o grupo que chegou em seguida. Enfim, Hungria. Apesar de ter elogiado a beleza de quase todas as outras cidades que visitei, nada se compara a Budapeste. Estruturas belíssimas em ambas as margens do rio Danúbio, incluindo castelos, igrejas e o Parlamento. Talvez nada supere o que senti quando alugamos patinetes e andamos por mais de meia hora pela margem do rio, apreciando todas as construções, o céu limpo e a luz refletida na água.

Figura 4 - Ponte em Praga

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Sair: O Relato

De repente, janeiro, meu último mês de intercâmbio. Era, também, o mês em que acontecia a maior parte das provas finais. Para mim, restavam apenas duas matérias, Supply Chain e Survival Dutch. A primeira era particularmente preocupante, já que contava com um material de leitura extenso e, de acordo com os meus colegas de sala, com uma prova que exigia que você o decorasse por completo. Foram quase 3 semanas de muitas noites sem dormir e

dores no pulso de tanto escrever, mas proveitosas. Estava motivado, afinal, depois de tanto viajar, não poderia deixar de cumprir o principal objetivo do intercâmbio. Nos dias de prova, inúmeras carteiras eram enfileiradas em todas as quadras esportivas, cada uma com computador em cima. Na entrada, me entregaram um pequeno papel que indicava qual era a minha carteira, onde eu deveria sentar e esperar silenciosamente até que chegasse o horário de começar a avaliação. O ambiente era um pouco intimidador, mas consegui manter o foco. Superado o primeiro obstáculo, me deparei com o seguinte: dois dias para fixar toda a matéria de Survival Dutch. Como consequência, durante a segunda e última prova, tive vários momentos de incerteza, vários momentos em que as respostas me vinham em mente através de memórias muito turvas dos momentos de estudo. Percebi que seria necessário usar todo o tempo disponível e acabei sendo o último a terminar, mas que bom que assim o fiz. Um mês depois, já no Brasil, descobri ter sido aprovado em todas as matérias com aproximadamente 75%. Mesmo eu não tendo distribuído os dias de estudo da melhor maneira possível, acabei percebendo que os meus pais estavam certos todas às vezes que me disseram que "com organização dá tempo de fazer tudo".

Resolvidas as pendências de faculdade, deu-se início a temporada de despedidas. Duas ocasiões merecem destaque. A primeira, a festa de aniversário de um colega intercambista italiano, que aconteceu no corredor do andar em que ele residia. Através de um aviso colado no espelho do elevador com silver tape, todos foram convidados. De algum jeito, conseguiram uma mesa de DJ, além do aniversariante ter distribuído várias garrafas de vinho entre aqueles que lhe eram mais íntimos. Foi uma ótima oportunidade para nos despedirmos daqueles que gostávamos, mas que não tínhamos proximidade ao ponto de nos encontrarmos em particular depois. A segunda, a despedida dos brasileiros, mexicanos e tcheco, que, com certeza, merecia seu próprio evento. Nos juntamos no apartamento do Raul para uma noite de culinária látina. Relembramos os melhores momentos de nossas viagens, as noites de filme, as noites estudando juntos, as idas à praia, os treinos na academia, as festas, os brasileiros tentando falar espanhol e os mexicanos tentando falar português, os vários momentos em que tivemos que ajudar uns aos outros com coisas simples como arrumar o apartamento ou fazer compras e muito mais. Acho que falo por todos quando digo que pra sempre lembrarei desses seis meses.

Figura 5 - Amigos em Budapeste

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Agora, antes de concluir, vale destacar a experiência que, para mim, foi o encerramento do intercâmbio: minha viagem para a Itália. Todos meus colegas haviam feito pelo menos uma viagem sozinho, e me relataram terem gostado muito da experiência. Nunca tinha feito isso antes, mas eventualmente me convenci de tentar também. Então, me joguei de cabeça e resolvi passar dez dias visitando quatro cidades de um país no qual eu nunca tinha estado antes. Acreditava que a experiência me ajudaria a aprender a me virar sozinho, e, já me adiantando um pouco, definitivamente ajudou. Apesar de caótica, foi uma semana de muito autoconhecimento, visto que, por estar sozinho, tive tempo de sobra tanto para apreciar o país que estava visitando quanto para pensar sobre tudo que havia acontecido nos últimos meses.

Mas, antes disso, dias muito corridos. Uma semana de muitas malas para serem arrumadas, documentos para serem entregues e

reservas de hostel para serem feitas. Após resolver todas as pendências e recolher todos meus pertences do meu quarto, segui para o aeroporto com duas malas enormes. Chegando em Roma, deixei as malas no *locker* do aeroporto e saí apenas com a mochila na qual, de forma milagrosa, fiz caber tudo que precisaria durante a viagem. Entretanto, minha primeira dificuldade surgiu logo de cara. Na estação de trem próxima ao aeroporto, perguntei para uma funcionária qual linha eu deveria pegar para chegar ao centro da cidade. Ela me indicou a direção e eu aceitei a informação sem nem checar se estava de fato entrando no trem certo. Como resultado, entrei em um que estava seguindo na direção oposta ao centro. Fiquei um pouco nervoso, mas nada muito gritante. Isso mudou quando desci na primeira parada do trem e, quando ele já havia partido, percebi que estava em uma estação no meio do nada, cercada apenas por uma vegetação rasteira. O fato disso ter acontecido às onze da noite com certeza contribuiu para o agravamento do meu desespero. A primeira coisa que tentei fazer foi pedir orientação para alguém, mas, para o meu azar, a única pessoa presente na estação que não estava me olhando com uma cara feia falava apenas francês. Então resolvi pegar mais um trem na direção errada, torcendo para que a próxima estação fosse mais amigável. Não era tão amigável quanto eu estava torcendo para que fosse. Dois guardas me orientaram, com muita má vontade, sobre qual metrô eu deveria pegar para chegar ao centro de Roma. O problema é que os metrôs são bem mais lentos que os trens, então foi uma viagem longa. Meu cansaço e desconfiança com o ambiente no qual eu estava tornaram o percurso mentalmente exaustivo, mas enfim cheguei na estação certa. Felizmente, o hostel era bem próximo. Corri para o meu quarto e deitei o mais rápido possível. Nesse momento, lembro vividamente de ter entrado no google, ter pesquisado "Roma é perigoso?" e ter lido a resposta "não, mas recomenda-se evitar estações de metrô à noite". Desliguei o celular, respirei fundo e deitei para dormir. Superado o primeiro desafio, dormi o máximo que podia para acordar pronto para dar início a minha viagem.

Os pontos turísticos da cidade são, claro, muito interessantes, mas, para além deles, achei a cidade em si muito bagunçada. A sorte é que consegui um hostel bem próximo ao centro da cidade, então consegui fazer tudo caminhando. Apesar da dificuldade inicial, não enfrentei nenhum outro desafio em Roma além de conseguir dormir dividindo o quarto com uma pessoa que roncava particular-

mente alto. Em seguida, Milão. Lembro de muitas pessoas me falando para pensar se queria mesmo visitar essa cidade, visto que ela é mais um centro financeiro do que uma parada turística. Mas que bom que resolvi ir mesmo assim, porque acabou sendo a cidade que mais gostei de visitar. O segundo destino da viagem começou a me surpreender logo de cara, no trem de Roma para Milão. A vista era linda, campos vastos e pequenas cidades lindas nos pés de morros. E Milão em si não ficava para trás, uma cidade linda, moderna, com uma catedral belíssima e restaurantes fenomenais. Gostei tanto que até troquei um dia em Veneza por mais um dia em Milão, e que bom que assim o fiz. Os dois dias que passei em Veneza foram muito legais, a cidade é linda e relaxante, mas a verdade é que não tem muita coisa para fazer. O lugar é minúsculo e, em pouco tempo, é possível ver quase todos os pontos turísticos mais relevantes. Além disso, o lugar estava congelando e cheio de neblina. Por fim, Florença, uma cidade também minúscula e quase que exclusivamente turística. Nessa altura da viagem eu já estava bem cansado, então acabei não aproveitando muito. O único ponto que vale destacar é a catedral, da qual, do topo, era possível ver toda a cidade. A situação problemática do início da viagem me fez prestar muito mais atenção nos detalhes durante os outros nove dias, e, como resultado, não passei por nenhuma outra situação igualmente preocupante. No máximo, quase perdi um ou outro trem por me atrasar tentando entender qual era a linha certa. Naturalmente, estar em um estado quase que de alerta por tantos dias seguidos me deixou exausto. A experiência de fato me ajudou a aprender a me virar sozinho, mas também me fez perceber que sou muito menos introvertido do que um dia pensei ser. Em vários momentos pensei que estaria mais tranquilo e me divertindo mais se estivesse na companhia de pessoas queridas.

Figura 6 - A Neblina Veneziana

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Sendo assim, através deste relato, de forma alguma quero dar a entender que os países que visitei são perfeitos, ou que não tive de lidar com nenhum problema nesse intervalo de tempo. Todos tiveram dificuldade de se adaptar, dificuldade de lidar com o ambiente externo e consigo mesmos em meio a esse ambiente. Além disso, deixei o Brasil com uma série de incertezas e problemas não resolvidos. Mas, ao mesmo tempo, desde o início do curso eu desejava ser aprovado no programa de intercâmbio. Principalmente porque pretendo seguir uma carreira internacional, então, queria testar se tenho capacidade de me adaptar a realidades tão diferentes. No fim, provar para mim mesmo ter tal capacidade foi apenas uma das várias percepções valiosas que a experiência me proporcionou. Ver e vivenciar tanta coisa diferente me permitiu notar o quão monótona a minha vida estava antes do inter-

câmbio, me permitiu notar o quanto a vida pode se tornar mais entusiasmante através de um pequeno esforço de busca por experiências novas. Também encontrei a resposta para muitos dos problemas que tinha deixado para trás e, como consequência, me tornei mais seguro sobre mim mesmo e sobre as minhas ambições.

Se tem algo que quero dar a entender é que, apesar de todas as incertezas, se arriscar de fato vale a pena. Vá. Na pior das hipóteses, no futuro, você vai saber para que lugares não deseja voltar. Quando cheguei em Haia eu decidi que me tornaria menos ansioso, que seria capaz de reconhecer e lidar com os problemas que surgissem, mas que não lhes daria mais importância do que necessário. Reconheci que estava diante uma oportunidade única e mudei para maximizar meu proveito. Por isso, não vi sentido em me ater somente a relatos sobre meus estudos. Claro, foram aspecto fundamental do intercâmbio, mas a experiência conta com vários outros que, em conjunto, resultam em um processo de auto descoberta muito interessante. Conhecer o mundo é, também, conhecer a si mesmo. Assim, quando cheguei no aeroporto de São Paulo, fui tomado por um sentimento de tristeza em um primeiro momento. Mas não queria me sentir assim toda vez que lembrasse desses incríveis seis meses. Então, em um segundo momento, enquanto relembrava tudo o que tinha vivenciado, eu ri.

Diário de Viagem: No limite do Sahara, uma experiência Marroquina

Travel Diary: On the Edge of the Sahara, a Moroccan Experience

Diario de Viaje: Al Límite del Sahara, una Experiencia Marroquí

Diogo Procópio Spadotto[1]

Recebido em: 09 de Dezembro de 2024
Aprovado em: 28 de Abril de 2025

Resumo

O texto aborda uma jornada de um mês no Marrocos, escrita em formato de diário de viagem. A experiência foi mais que uma simples viagem; foi uma imersão profunda em uma cultura e em um ambiente semiárido que moldaram a percepção de liberdade, simplicidade e comunhão do autor. Conhecendo diferentes cidades, comunidades e desertos, o objetivo principal foi trabalhar de forma voluntária em um projeto sustentável em um vilarejo próximo a Tagounite, a fim de intensificar a imersão nos costumes marroquinos. Os desafios foram inúmeros, sendo o principal deles a adaptação ao ambiente extremo do clima semiárido, muito quente e seco, além das diferenças culturais e barreiras linguísticas. A resiliência das pessoas que habitam essa região, o toque humano, as cores e a hospitalidade marroquina revelaram a beleza nas pequenas coisas, enquanto o trabalho comunitário proporcionou um sentido maior de pertencimento. No relato, há reflexões sobre o isolamento em um ambiente extremo e o ritmo lento de vida, questionando os vícios modernos que nos afastam do real. Ao explorar paisagens intocadas e compartilhar refeições simples, o autor cria uma nova apreciação pelas coisas essenciais. A narrativa convida o leitor a refletir sobre a simplicidade da vida, a importância das conexões humanas e a necessidade de desacelerar para realmente experimentar o mundo ao nosso redor.

Palavras-chave: Diário de viagem, Imersão cultural, Voluntariado, Marrocos, Simplicidade

Abstract

The text recounts a one-month journey in Morocco, written as a travel diary. The experience was more than a simple trip; it was a deep immersion into a culture and semi-arid environment that shaped the author's perceptions of freedom, simplicity, and communion. By exploring different cities, communities, and deserts, the main objective was to volunteer in a sustainable project in a village near Tagounite, aiming to intensify immersion in Moroccan customs. The challenges were numerous,

1. Graduando em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, MG, Brasil.

the main one being adaptation to the extreme semi-arid climate—very hot and dry—as well as cultural differences and language barriers. The resilience of the people who inhabit this region, the human touch, the colors, and Moroccan hospitality revealed the beauty in small things, while community work provided a greater sense of belonging. In the narrative, there are reflections on isolation in an extreme environment and the slow pace of life, questioning modern vices that distance us from the real. By exploring untouched landscapes and sharing simple meals, the author develops a new appreciation for essential things. The narrative invites the reader to reflect on life's simplicity, the importance of human connections, and the need to slow down to truly experience the world around us.

Keywords: Travel diary, Cultural immersion, Volunteering, Morocco, Simplicit.

Resumen

El texto aborda un viaje de un mes en Marruecos, escrito en formato de diario de viaje. La experiencia fue más que un simple viaje; fue una inmersión profunda en una cultura y un ambiente semiárido que moldearon la percepción de libertad, simplicidad y comunión del autor. Conociendo diferentes ciudades, comunidades y desiertos, el objetivo principal fue trabajar de forma voluntaria en un proyecto sostenible en un pueblo cercano a Tagounite, con el fin de intensificar la inmersión en las costumbres marroquíes. Los desafíos fueron numerosos, siendo el principal la adaptación al ambiente extremo del clima semiárido, muy caluroso y seco, además de las diferencias culturales y barreras lingüísticas. La resiliencia de las personas que habitan esta región, el toque humano, los colores y la hospitalidad marroquí revelaron la belleza en las pequeñas cosas, mientras que el trabajo comunitario proporcionó un mayor sentido de pertenencia. En el relato, hay reflexiones sobre el aislamiento en un ambiente extremo y el ritmo lento de vida, cuestionando los vicios modernos que nos alejan de lo real. Al explorar paisajes vírgenes y compartir comidas sencillas, el autor crea una nueva apreciación por las cosas esenciales. La narrativa invita al lector a reflexionar sobre la simplicidad de la vida, la importancia de las conexiones humanas y la necesidad de desacelerar para realmente experimentar el mundo que nos rodea.

Palabras clave: Diario de viaje, Inmersión cultural, Voluntariado, Marruecos, Simplicidad

Planejando a Aventura

Para contextualizar melhor, minha jornada começou em janeiro de 2024, embarcando de Belo Horizonte para Lille, uma cidade no norte da França, quase na fronteira com a Bélgica, para fazer um semestre de intercâmbio em uma faculdade de comércio e negócios internacionais. Como se pode imaginar, esse intercâmbio acadêmico não é o foco deste diário, mas sim o que veio depois: uma experiência mais exótica e, na minha opinião, mais interessante.

Em maio, já sem aulas e responsabilidades acadêmicas, com tempo para explorar antes de voltar ao Brasil, decidi que queria uma experiência diferente da europeia. Queria um ambiente marcante e, como se não bastasse, um choque cultural ainda maior. Depois de pesquisar por um tempo, encontrei no Marrocos a cidade de Tagounite (تاگونيت), uma pequena cidade localizada no sul do país, na província de Zagora, região do Vale do Draa, uma das mais

importantes regiões de oásis do país. O Marrocos já me atraía há algum tempo; não foi a primeira vez que pensei em viajar para lá. Ao pesquisar mais a fundo, vi que seria o tipo de experiência transformadora que estava procurando. Essa região ao sul está no limite com o deserto do Saara, sendo um ponto de passagem para quem deseja ter contato com o Saara marroquino.

Sempre tive vontade de trabalhar em um projeto voluntário, ir para lugares que não são tão turísticos, pequenas cidades com povoados modestos, ver cenários que a maioria das pessoas não vê quando visitam um país. Queria realmente imergir na cultura e aprender os valores de uma sociedade, então optei por juntar essas vontades e voluntariar no Marrocos. Através de uma plataforma na internet de trabalhos voluntários chamada Worldpackers, pesquisei sobre voluntários nessa região ao sul do Marrocos e a aventura começou neste momento, quando vi que era possível.

A plataforma é ótima, oferecendo uma relação direta entre anfitriões (donos dos projetos) e quem está procurando ajudar de forma voluntária. Os voluntários se candidataram para trabalhar no projeto e, em troca, os anfitriões oferecem acomodação e comida. Para um estudante que não tem muito dinheiro para viajar, mas tem uma fome gigante por cultura, conhecer novos países, pessoas e aprofundar-se na cultura e sociedade, é uma excelente escolha. Não precisa gastar muito e pode-se ter uma grande troca de experiências com os outros.

Tagounite é conhecida por ser um ponto de encontro para projetos sustentáveis e voluntários internacionais que querem se conectar com a comunidade local e colaborar em iniciativas de desenvolvimento rural e ecológico, como a agricultura sustentável e a preservação da cultura local. O Bani Hayoune Garden é um desses projetos sustentáveis, com o objetivo de combater a desertificação e empoderar a comunidade local. Através da plataforma Worldpackers, entrei em contato com os anfitriões desse projeto, Said e Linde, pessoas simples e incríveis que me acolheram pelo tempo que eu quisesse ficar.

Resumindo, o planejamento dessa aventura era chegar ao Marrocos pela manhã em uma cidade no centro-sul do país chamada Ouarzazate, conhecer rapidamente o local durante algumas horas e, no final da tarde, pegar um ônibus para Tagounite. Posteriormente à estadia no projeto voluntário, retornaria de ônibus até Marrakech, a cidade vermelha, uma das mais famosas do país,

para encontrar alguns amigos, conhecer as partes mais turísticas e finalizar a viagem.

1.1. Chegada ao Marrocos: O Olhar e o Ouvir

Voo Ryanair França - Marrocos: Comecei minha aventura rumo ao meu primeiro país na África, meu primeiro deserto, o primeiro calor de 48 graus com umidade a 10%. Era um sábado à noite e eu estava na "sala VIP" do aeroporto de Marselha (o chão embaixo de uma escada). Coloquei um casaco e a imensa mochila que tinha para deitar ali enquanto esperava o voo que sairia só de manhã para Ouarzazate, a primeira cidade que conhecia no Marrocos.

Estávamos eu e a mochila apenas, carinhosamente apelidada de Rita. Tudo que precisava por mais de um mês estava nela; naquele momento, tudo que eu tinha era ela, muita euforia, um pouco de medo e uma sensação de liberdade tremenda. No avião, com a sorte de sentar na janela, vi o amanhecer no deserto do Saara. Ao nos aproximarmos do continente, a paisagem vista de cima era uma imensidão de areia, tons pastéis de amarelo e marrom com o alaranjado do nascer do sol. Senti que estava mudando de planeta. Essa era a sensação que eu queria: a do desconhecido, de realmente não saber, estar cru e entregue a todo conhecimento e oportunidade.

Imagem 1 – Casas de Barro Ouarzazate

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

1.2. O Primeiro Contato com os Berberes

Ao pousar em Ouarzazate, logo se percebe como é pouca a infraestrutura. Claro que é uma cidade pequena; imagine um aeroporto de cidade de interior no Brasil. A dificuldade maior foi explicar para a segurança do aeroporto que eu iria trabalhar em um projeto social em uma cidade menor ainda, muito ao sul, onde não conhecia ninguém. Por sorte, meu francês aprendido no semestre de estudos em Lille não foi desperdiçado (no Marrocos, por conta da colonização, as pessoas falam francês e árabe), e pude me virar nessa língua.

1.3. Explorando Ouarzazate

Ouarzazate é famosa por seus sets de filmagem, conhecida como a "Porta do Deserto". Tem sido o local de filmagem de inúmeros filmes e séries de grande sucesso devido às suas paisagens desérticas e seus estúdios cinematográficos, como o Atlas Studios, um dos maiores do mundo. Diversas produções famosas, como "Gladiador", "Lawrence da Arábia", "A Múmia", "Game of Thrones" e "Babel", foram filmadas na região de Aït Benhaddou (تتتت تتتتتت), uma famosa aldeia fortificada (ksar) localizada perto de Ouarzazate.

Saí a pé do aeroporto, eufórico, pensando em duas coisas: queria experimentar comida marroquina e saber quantas horas teria para explorar a cidade. O céu estava em uma mistura de azul e branco por causa da grande quantidade de areia, o ar mais seco do que estava acostumado e um certo silêncio, uma calmaria de domingo à tarde; só dava para ouvir ao longe as orações sendo cantadas nos minaretes das mesquitas. Eu estava como uma criança, encantado com tudo que era novo, correndo de um lado para o outro.

De primeira vista, notei como tudo é monocromático; a paisagem se mistura com as construções e a cidade, todos no mesmo tom amarronzado, meio amarelo e laranja, cores do semiárido, eu diria. Alguns prédios pequenos, muitas casas de barro, vários campos com algumas plantações irrigadas e palmeiras, e algumas partes com entulhos/destruídas que, na minha cabeça, foram casas de barro que eventualmente vieram abaixo—tudo áspero e bem seco por causa da areia. Na minha opinião, por causa das imagens e transmissões da guerra passadas para nós no Ocidente, alguns

bairros e paisagens no Marrocos se assemelhavam a cenários de guerra, destruídos com escombros e entulhos.

1.4 Interagindo com os Locais

Em todas as minhas viagens e intercâmbios, minha mãe sempre me deu a coragem que me faltava para ir sem olhar para trás. Uma coisa que ela sempre disse é: "Você vai conhecer gente na viagem, não se preocupe. Não estará sozinho, fica tranquilo e pode ir sozinho que vai fazer amigos". Dito e feito, sempre foi assim como ela disse. Logo quando desembarquei, conheci o Jean, um francês que estava viajando sozinho por uma semana em algumas cidades marroquinas.

A companhia de Jean foi perfeita para um dia em Ouarzazate. Perambulamos juntos por quase toda a cidade, entrando em todos os lugares que estavam com as portas abertas para nós, falando com vários marroquinos, jogando bola com as crianças na rua, comprando algumas bugigangas e conhecendo a periferia da cidade. Todos que encontramos foram muito amigáveis e pacientes conosco; essa primeira impressão dos marroquinos deixou uma boa marca na memória.

Imagem 2 – Turistas e o Comerciante Marroquino

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Não muito diferente de áreas periféricas no Brasil, popularmente conhecidas como favelas, essas regiões em Ouarzazate e em outras cidades do Marrocos que estive se assemelham muito em vários aspectos. Casas simples feitas de barro ou outros materiais diversos, entulhos/lixo acumulado nos cantos, sem saneamento básico, vendinhas de produtos simples logo à frente das casas, com crianças, roupas e animais espalhados como se fossem criados todos soltos. Todo o tempo que passamos caminhando por essa região, algumas crianças nos acompanhavam, tentando conversar em árabe que não entendíamos e, às vezes, falando algo em francês. Estavam sempre pedindo dinheiro ou comida; acabamos dando toda a água e as barrinhas que tínhamos na mochila. Eles pareciam felizes, pareciam crianças, empolgadas e curiosas com a vista de estrangeiros.

Uma das impressões que tive durante toda a estadia no Marrocos foi a sensação de que fazia tempo que não via crianças sendo crianças: brincando na rua, correndo de um lado para o outro, aprontando e gargalhando alto, sempre eufóricas e curiosas. Sem celular ou vidradas em tecnologia, apenas com jogos inventados ou atividades ao ar livre fora de casa. É claro que uma das respostas para isso é a situação econômica e o acesso à modernidade no país. Com certeza, essas crianças e suas famílias não têm condição financeira para tal e, na maioria dos casos, só têm o suficiente de dinheiro para sobreviver e sustentar a família; por isso, elas ficam na rua a maior parte do tempo, sempre atentas a alguém diferente (como estrangeiros) para pedir algumas moedas. Com isso, a sensação também de que alguns aspectos pararam no tempo; por ser uma sociedade simples e sem muitos recursos, preservaram-se hábitos antigos que às vezes pensamos que nossos avós faziam, como sentar no lado de fora na calçada no final da tarde ou em uma praça, apenas para conversar e olhar as crianças brincando com os vizinhos.

Finalizamos o dia na rodoviária, comendo uma marmita de cuscuz marroquino com frango e legumes, que nos custou incríveis 2 euros, ambos indo para cidades diferentes e, desde então, nunca mais nos vimos. De Ouarzazate a Tagounite foram seis horas de ônibus, pela única estrada que cruza as montanhas e começa a entrar cada vez mais no deserto; por isso o limite do Saara, aquela região são as primeiras dunas de um mundo inteiro adentro. Cheguei em Tagounite já bem de noite; pela estrada até lá não vi muita

coisa, uma paisagem com pouca variação de cores em tons de areia e pedras escuras acinzentadas, um ambiente semiárido rochoso. Ao escurecer, o breu de milhares de quilômetros de areia tomou conta; não era possível ver muita coisa, só a luz de algumas pequenas vilas como Tagounite. Quanto mais ao sul do Marrocos eu ia, menos gente eu via, mais quente ficava e mais estrelas no céu à noite apareciam.

Imagem 3 – Parada de ônibus entre Ouarzazate e Tagounite.

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

2.0 Tagounite: Entre o Oásis e o Deserto

Tagounite e o Vale do Draa são regiões no sudeste do Marrocos profundamente marcadas por sua paisagem desértica, cultura local e tradições preservadas ao longo dos séculos. Essas regiões oferecem ao visitante uma oportunidade rara de se conectar com uma comunidade que vive em harmonia com o ambiente semiárido e com um modo de vida que remonta às antigas rotas de comércio e caravanas. A cidade é uma pequena vila que se destaca como ponto de partida para o deserto do Saara e está situada próxima ao oásis do Vale do Draa. Possui uma atmosfera acolhedora e uma população que preserva costumes e práticas tradicionais, com uma comunidade predominantemente berbere. Em Tagounite, a vida se desenrola em um ritmo que reflete a adaptação ao clima extremo, mas também a resiliência dos habitantes em manter e valorizar suas raízes culturais. Estar naquele ambiente permite uma imersão em um estilo de vida que, embora influenciado pelo mundo moderno, mantém a essência de práticas tradicionais, como a produção artesanal e o cultivo de alimentos locais.

Além disso, a economia local e o cotidiano da vila giram em torno de atividades agrícolas, mercados comunitários e trabalhos em projetos de desenvolvimento sustentável, como o Bani Hayane Garden. Esses projetos simbolizam uma nova abordagem que alia a tradição com práticas de conservação ambiental, gerando renda e promovendo a autossuficiência da comunidade.

Imagem 4 – Carona de Tuktuk em Tagounite

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

2.1. Projeto Bani Hayoune

O Bani Hayoune Garden é um projeto social, ambiental e educativo situado em Tagounite. Criado por Es-Said Et-Talmud, um morador local, e Linde de Greeff, uma ambientalista e permacultura holandesa, o projeto tem como missão principal revitalizar e transformar uma área de 1,2 hectares de terras áridas em um oásis autossustentável. Visa restaurar o ecossistema, combater a desertificação e oferecer oportunidades de desenvolvimento social e econômico para a comunidade local, especialmente para mulheres e crianças.

O projeto segue princípios de sustentabilidade, permacultura e regeneração ecológica. As atividades são orientadas por valores de respeito ao meio ambiente e à cultura local, promovendo uma abordagem integrada de desenvolvimento social e ambiental. A visão é transformar a terra em um oásis verde e próspero, ao mesmo tempo em que fortalece a autonomia da comunidade local.

Imagem 5 – Projeto Bani Hayoune Garden

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Atividades Principais do Projeto:

- Recuperação Ambiental e Permacultura
- Empoderamento de Mulheres e Fortalecimento Comunitário
- Educação e Atividades para Crianças
- Hospedagem para Voluntários e Intercâmbio Cultural
- Produção Sustentável e Autossuficiência

O impacto do Bani Hayoune Garden na comunidade de Tagounite vai além da revitalização ambiental. Oferece uma perspectiva de futuro para a comunidade, especialmente para as gerações mais jovens, ao mostrar que é possível viver de forma sustentável, mesmo em uma região tão desafiadora. Por meio das práticas de permacultura e da educação ambiental, o projeto inspira mudanças e contribui para a resiliência da comunidade frente às mudanças climáticas e desafios econômicos.

2.2. Chegada ao Projeto

O anfitrião do projeto, Said, me recebeu assim que cheguei na cidade. Desci do ônibus e ele estava lá com seu turbante azul

turquesa, alto e esguio, com a pele bem morena, a verdadeira personificação de alguém que habita o Magrebe (região do norte da África). No local onde cheguei, no centro, havia um monte de pequenos comércios, vendinhas que tinham de tudo um pouco; as pessoas pareciam serenas e simpáticas, sorriam sempre para o estrangeiro.

Ali nas vendinhas compramos alguns suprimentos, principalmente água, o mais importante deles, porque no Marrocos, para quem vem de fora, é quase certo pegar uma virose se beber água que não vem lacrada em uma garrafa. Os habitantes estão acostumados com as bactérias na água, mas nós não; então, durante toda minha estadia, só bebia de galões de 5 litros que custavam uns 13 dirhams (1 euro).

Seguimos então de tuk tuk para o projeto, que ficava um pouco afastado, em outra vila/bairro ainda menor, Bani Hayoune. De novo, quase um completo breu; não vi muito do que estava ali em volta porque havia umas três luzes dentro da casa só; ficaria para outro dia ver a paisagem de onde eu estava. Estavam todos os voluntários e Linde reunidos quase prontos para jantar; nos juntamos a eles e depois fomos todos dormir. Ao todo éramos 13 pessoas, dois gatos, cinco ovelhas, um jegue e um cachorro. As nacionalidades eram diversas; na casa tínhamos os seguintes países presentes: França, Alemanha, Holanda, Estados Unidos, Austrália, Bélgica e Brasil.

2.3. Rotina no Projeto

Escrito no diário assim que acordei: "Sinto a areia por todo meu corpo; é seco, parece que as mucosas do corpo todo sofrem com esse clima. Apesar de não estar muito quente, o ambiente judia do corpo, mas acho que a gente se acostuma. Como tudo na vida, o que falar desse lugar? A primeira coisa que me vem à cabeça é: onde eu me meti. Afinal, como não pensei antes que, sim, eu estava indo para o Marrocos, um país do Norte da África com clima semiárido, bem humilde para não dizer pobre. Desde o momento que cheguei ontem, não consegui parar de sentir milhares de sentimentos. Estava maravilhado com tudo, de fato; clima meio inóspito e bem diferente de tudo que já vi. Agora sim, apesar de todas as questões que não são ruins, mas diferentes, é um dos lugares mais encantadores que já visitei. Tem sua beleza única; as pessoas são muito gentis e amigáveis e compartilham a vida delas com você. A vida parece

simples de novo; penso que a comunhão de todos é necessária e não nascemos para viver isolados ou separados; um indivíduo tem que pertencer ao coletivo.

A luta contra a areia constante nesse lugar é uma mistura de curiosidade e calmaria; me falta vocabulário para descrever todas as sensações que estou a experimentar. A simplicidade é essencial; não pode ser tão complicado. O trabalho voluntário em equipe é legal, todo mundo ensinando o que parece saber e que aprendeu nos poucos dias em que estão aqui. Fazer tijolos de barro, montar estruturas de arames, limpar e arrumar a casa, cortar grama, levar e trazer coisas; o clássico trabalho de uma fazenda em construção. É muito interessante ver como tudo isso vai se desenrolando e tomando forma; o tempo passa devagar e não se vê o dia passar. Esse primeiro dia foi bem tranquilo, e todos os problemas do mundo desapareceram. Para mim, eu só existo agora nesse momento que escrevo debaixo das palmeiras. De fato, a areia e a secura, não dão trégua; mal acordei e meus pés já estão enlameados, e hoje, a hora que abri os olhos, me senti como uma múmia despertando; parecia que eu não tinha nenhum líquido no meu corpo. A água é vida; em condições assim é mais valiosa do que ouro. Me faz pensar no Brasil, que é realmente o paraíso com tanta água que temos."

2.4. A Vida na Comunidade

De manhã, pude ver todo o lugar onde estava; era como se fosse uma pequena fazenda. A primeira coisa que se via ao sair da estrada de terra era a casa, muito antiga, feita há uns 200 anos pelos ancestrais do Said, de barro como quase todas as construções ali em volta. A construção delas não é nada complicada; dá muito trabalho, e isso eu ia descobrir pessoalmente depois. São tijolos de terra misturados com água e deixados em moldes retangulares para secar; depois de secos, é só ir juntando os tijolos e subindo as paredes. Então, pode-se imaginar que a casa, estando ali há tanto tempo, está sempre sendo recuperada e melhorada ao longo do tempo com mais tijolos e mais barro.

Imagem 6 – Fazendo Tijolos de barro

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Logo atrás da casa, tínhamos uma área de trabalho onde se fazia um pouco de tudo (trabalho rural/braçal), alguns campos para plantar uma espécie de grama alta para os animais, um pequeno oásis também com palmeiras e, depois disso, um grande aberto semi árido com algumas outras comunidades que se estendia infinitamente até chegar às primeiras dunas do Saara.

A casa foi passada de geração em geração pela família Said. Eram três quartos no total, nos quais distribuímos os 13 moradores, uma área comum com uma fogueira bem em frente à saída dos quartos, uma cozinha e um banheiro que se resumiam a uma torneira, um buraco no chão (força) e um espelho. Mesmo que pequena para tanta gente e com pouca estrutura, conseguia ser acolhedora e fazia a união de todos presentes. Acho válido lembrar que viagens e projetos como esse passam longe do conforto; no começo é difícil lidar com o desconforto em vários aspectos ali presentes, mas com o tempo a acomodação vem. O intuito da aventura é outro, muito além de estar seguro e confortável.

Imagem 7 – Quarto compartilhado entre 8 pessoas

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

2.5. Rotina Diária

A rotina de todos os dias era tranquila, até demais às vezes; não havia necessidade de pressa alguma. Eu acordava por volta das 8h, fazia um café preto e pegava algumas tâmaras, me sentava nos campos enquanto ainda estava fresco, contemplava a paisagem e escrevia. Por volta das 9h30, todos levantavam e começavam a pre-

parar o café. Depois, trabalhávamos no que fosse necessário para aquele dia; cada um ajudava como podia. O sol começava a ficar muito forte depois das 13h; aí nos recolhemos para a sombra e esperávamos o almoço, que sempre saía lá pelas 15h. O tajine, prato clássico marroquino, demora bastante para preparar; é absurdamente gostoso e comemos em quase todas as refeições. Com as horas de sol que restavam, trabalhávamos mais um pouco e, com o imenso breu da noite, nos recolhemos. Uma sensação de estar nos tempos antigos, em que as pessoas, por falta de eletricidade e internet, já iam dormir quando o sol se punha; eu gostava até e achava que era o natural a se fazer.

Imagem 8 – Arando o campo para plantar

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Uma das atividades recorrentes que fiz todos os dias que estive lá praticamente foi sairmos em grupo para passear com o cachorro no pôr do sol. Andávamos para dentro daquela paisagem árida até um lugar que costumava existir um assentamento no passado, ruínas de uma vila que existia ali. Observamos o horizonte e voltamos antes de anoitecer.

3.0 Reflexões no Diário

"Bom dia. Mais um dia sentado aqui debaixo das palmeiras escrevendo meus pensamentos. Quanto mais tempo passo aqui, mais em paz me sinto; os marroquinos são um bom povo para se viver entre. O senso de comunidade deles parece um pouco o nosso e também sempre parecem estar felizes e contentes com qualquer situação. Como as coisas definitivamente não duram para sempre, vai chegar a hora de ir embora e a jornada contínua. É muito bom se sentir abraçado e acolhido por um lugar novo que você acabou de chegar.

É muito interessante ouvir as experiências dessas pessoas todas que estão voluntariamente comigo; sinto que tenho muito a aprender perto delas. De um jeito bom, sou um pupilo aprendendo sobre as viagens e experiências deles, que fizeram muito mais coisas do que eu. Somos verdadeiros exploradores; bom que está apenas tudo começando. Encarando todos os novos desafios desse lugar, as diferentes tarefas e os ritmos da casa, com o tempo as conversas estão ficando mais profundas e tudo está ficando natural. Meu corpo está se adaptando lentamente ao clima super semiárido, e isso é fascinante para aprender a viver devagar."

"Nesse dia, tirei o dia todo para o ócio, sem celular, sem relógio, sem compromisso. Não precisava estar em lugar nenhum e, como não devo nada a ninguém, foi só eu com a minha vida. Não tirei nenhuma foto e só aproveitei o deserto. Foi um dia bem normal; lavei roupa de manhã, li um pouco, tomei café com damasco e tâmaras, iogurte de leite de cabra. Um dos pensamentos que mais guardei desse dia foi o de que os extremos se assemelham; ambos os lados são difíceis e todos exigem resiliência, tanto no calor quanto no frio. O silêncio extremo reina no calor absurdo do deserto e no frio branco e úmido da neve; ambos vagarosos, calmos. Além de que a adaptação vem com o tempo; não adianta ter pressa, o corpo aguenta quase tudo. E agora a questão é: será que sua mente está pronta para resistir a todos os vícios de uma sociedade moderna que temos? As pequenas doses de dopamina durante o dia, com o celular, Instagram, TikTok, excessos na alimentação etc. Com isso, perdemos a percepção do que está acontecendo à volta; você sente que nada é real, é tudo ilusão no mundo moderno.

Talvez uma das lições mais importantes daqui e de ambientes assim seja o tal do 'slow pace of living', um ritmo lento e vagaroso

de viver, aproveitando a solitude e o simples passar do tempo. Minha vida com certeza seria diferente se eu não tivesse vindo aqui; não é preciso muito para viver. Erramos ao achar que precisamos de tudo isso para viver. Para mim, estar um pouco no desconforto é uma das chaves para a vida."

Imagem 9 – Comunhão, compartilhando a refeição.

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

3.1. Um Novo Mundo

Depois de alguns dias trabalhando no projeto, em contato e comunhão de certa forma bem íntima com todos ali, a adaptação começou a aparecer. Afinal, 13 pessoas dividindo um espaço não tão grande assim, não é difícil pegar intimidade; ainda mais com pouca internet e muito tempo para conversar, conhecemos uns aos outros rapidamente. Acho engraçado como as coisas intensas marcam a gente.

Os anfitriões do projeto, Said e Linde, também têm uma agência de tours na região, viagens ao deserto e atividades interessantes para quem é de fora e quer algo mais privado e não tão turístico como a muvuca dos grandes centros (Marrakech). Esse dinheiro extra dos passeios é uma das várias formas que usam para manter o projeto e continuar as atividades. Então, com sorte (a minha e a dos outros voluntários), eles às vezes organizam uma viagem de

dois dias e uma noite no deserto de Erg Chigaga, um dos primeiros desertos do Saara onde estão as maiores dunas de todo o Marrocos.

Imagem 10 – Jipe carregado para o Deserto.

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Vale ressaltar que o ambiente e clima do Marrocos é em sua maioria semiárido, e as regiões mais ao sul, como onde está Tagounite, são consideradas o limite entre o semiárido com algumas vegetações e recursos, e o grande oceano de areia em que no horizonte só se enxerga uma única cor por quilômetros e quilômetros.

E com isso, lá fomos nós passar uma noite em outro mundo, um mundo que igual àquele eu não tinha visto ainda. Fomos em 10 pessoas no total em um jipe que me lembrou as aventuras de Tintim; minha cabeça estava entre ser o Capitão Haddock e o Indiana Jones. Carregamos o carro com todos os equipamentos, malas, comida e água principalmente, e o local em que ficaríamos era um acampamento no meio das areias do deserto mesmo.

Foram algumas horas navegando off-road no mar de areia para chegar lá, e tinha uma ótima estrutura no camping, bem isolado mas com tudo do melhor que se esperava por estar bem longe de tudo.

Imagem 11 – Novos amigos em uma nova aventura.

Fonte: (Arquivo Pessoal, 2024)

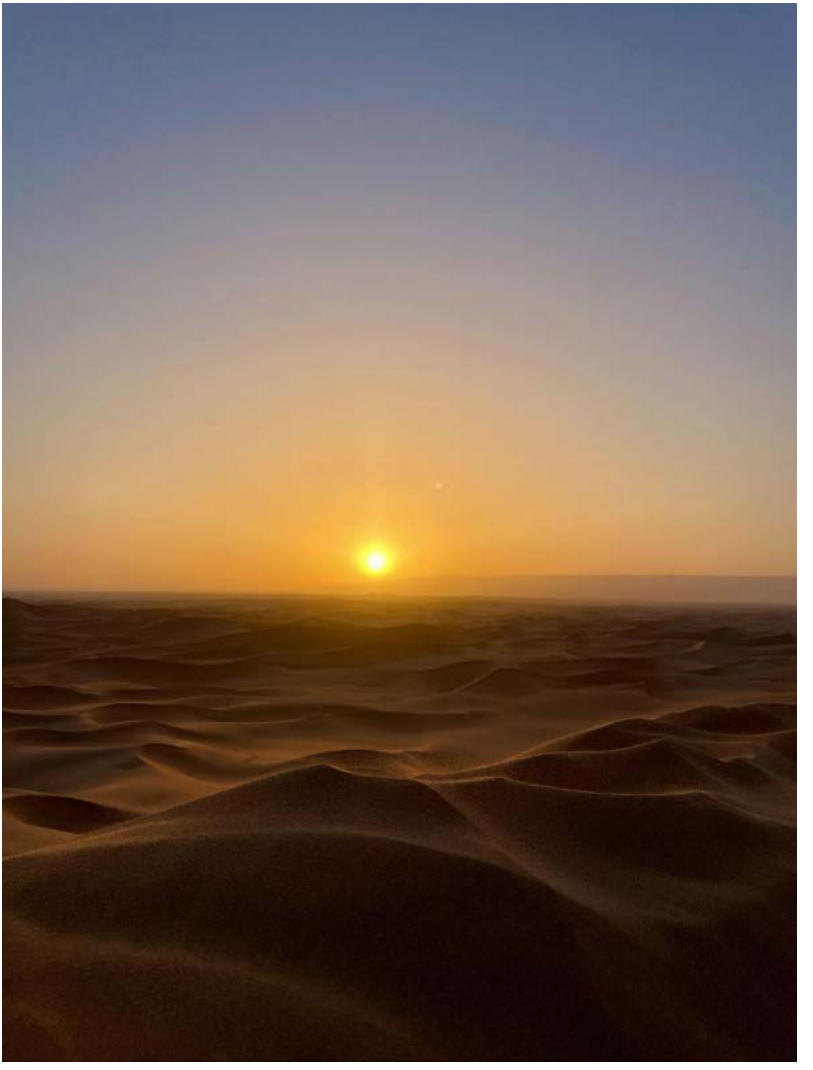
3.2. Vendo o Pôr do Sol em cima da Duna mais Alta (uns 50m)

"O vento modela essas montanhas, fazendo com que em cada pôr do sol elas se encontrem em diferentes posições; nunca fica no mesmo lugar, mas a areia está sempre ali. Estou aqui em cima agora, no meio da maior duna que já vi, no único deserto em que estive até agora. Vejo tudo de cima, uma imensidão de areia, um mar cujas

ondas têm um tom pastel de laranja com marrom e o céu é azul bebê, tão calmo, tão absurdamente silencioso. Estou deitado sobre ela, pronto para fotografar o pôr do sol; sinto minhas costas quentes e o ar pesado, carregado de areia que venta forte. Sinto a mesma se esfregar e dourar minha pele; gosto das texturas que sinto, me sinto abraçado pelo deserto. Meus olhos estão quase fechados, focando o sol para ver o máximo da sua coroa laranja; tudo agora está laranja e amarelo. Sinto a umidade que o turbante providência para meu rosto; nada mais se passa na minha mente, só a grande imensidão de areia que faz um caminho até o sol. Sinto tudo nessa hora; fechei os olhos e guardei esse momento."

Poderia falar por horas de tudo que senti em um dia naquele novo mundo. Logo quando chegamos, faltavam umas duas horas para o pôr do sol. Eu e um voluntário alemão, que depois acabou virando um grande amigo para a vida toda, fomos em direção à duna mais alta para ver de lá o entardecer. Estávamos descalços na areia, e era só areia que se via; muito ao longe se viam algumas montanhas que talvez fossem dunas mais altas ainda. A sensação é estranha; acho que não tem como descrever melhor do que "um novo mundo". Os olhos demoram a se acostumar ao cenário, e quanto mais o sol vem baixando, mais intensa a cor fica, passa de um amarelo pastel para um laranja forte, quase vermelho. E de repente tudo sumiu; sem nenhuma luz por perto, a escuridão chega rápido, e acredite, é a noite mais opaca que se pode ver, até, é claro, as estrelas aparecerem, e aí, num dia sem nuvens como aquele, se torna a noite mais clara e estrelada que se pode ver. Voltamos ao acampamento caminhando à noite com uma lanterna e o mapa no celular de onde estavam as barracas, porque, por incrível que pareça, no meio daquele nada a internet dava sinal. Observando o céu, era possível ver e imaginar de tudo; nas cidades, com a iluminação, é até raro ver estrelas; lá podíamos ver até os satélites orbitando a Terra. Depois de um tempo com o traslado normal da Terra, entramos no campo de visão da Via Láctea e foi magnífico.

Imagem 12 – Por do sol na Duna mais alta.



Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Na próxima tarde, já estávamos de volta ao projeto. Depois de um dia intenso no deserto, era difícil tirar as belezas e os tons de laranja da cabeça. A partir daí, a rotina seguiu normalmente como antes, no seu ritmo tranquilo e com bastante tempo para o ócio, muitas horas sem tecnologia, um pouco de trabalho no campo, comer em comunhão com todos, acordar com o sol e dormir com ele

também. Fiquei mais algum tempo com eles no projeto; alguns voluntários foram embora e outros novos também chegaram.

3.3. Reflexões Perto de Ir Embora

"Mais um dia aqui de manhã com o meu café que finge ser um café, mas ele é super indecente; gosto do café do Brasil. Bom, estamos perto do fim agora; é impressionante como passou rápido. A gente se adapta e se acostuma a tudo; a vida vira rotina novamente, e isso é bom, com um gesto clássico de clichê. Essa leve permeabilidade das coisas, a visão de mundo para mim nunca será como antes; a partir daqui, um universo novo surgiu na minha mente. Nesse momento, estou sentado escrevendo de frente para o banheiro, o cômodo mais infame da casa; só um buraco no chão e uma torneira, que conseguiram dar conta de 13 pessoas na lotação máxima. Acabei de tomar um banho, então me sinto fresco e pronto para começar o dia. Eu gosto de estar aqui; tive ótimos momentos e estou pronto para ir embora, mas definitivamente eu vou voltar.

Imagem 13 – Dia a dia reunidos no Projeto.

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Sobre ser turista e explorar um mundo já conhecido: agora penso que o normal de viagens turísticas realmente não me agrada tanto mais; quero ter conexões mais profundas com as pessoas,

ouvir histórias únicas para contar e ir aonde ninguém ou poucos foram, porque hoje é difícil ir aonde ninguém foi, mas ir aonde poucos foram, só aqueles que realmente querem estar lá sabem. Eu não quero seguir as massas e me enquadrar ou sentar quieto e só ouvir; eu quero o que pouca gente deseja, quero o desconforto, o êxtase e a euforia de novos mundos, quero ser um explorador e um explicador também, não aprender só com livros, mas com as pessoas. Ouvir o que se fala em todos os lugares, o que é passado de boca em boca, não o que está somente escrito.

Eu quero ter minha mente limpa e sentir meu corpo amadurecer por um todo ao longo do tempo. Eu sei para onde estou indo, mas não sei o destino final. Tudo que vivi aqui foi muito bom, me fortaleceu e me fez enxergar como eu levava minha vida antes e como quero levar agora daqui pra frente. A gente nunca sabe o que vai acontecer; cada dia é um mistério, e eu sou grato, muito grato por todas as oportunidades que o destino tem oferecido. A vida é boa, excelente, e tem que ser vivida assim. Último dia aqui em Tagounite, 8h32 da manhã, sentado nos campos de grama, sentindo a brisa da manhã e ouvindo o mundo se despertar."

3.4. Conhecendo a Cidade Vermelha

Admito que deixei o projeto já com saudade, era o tempo de seguir em frente e conhecer um pouco mais do país. Peguei aquela única linha de ônibus em Tagounite e 9 horas depois estava em Marrakesh, a cidade vermelha. Com toda certeza é o polo mais turístico no país, quase todo mundo que visita acaba pisando em Marrakech em algum momento, e da mesma maneira que acontece no Brasil com cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, a cidade vermelha não é a capital do país mas quem pensa na bandeira vermelha com a estrela verde no meio pensa na tal.

A diferença de onde eu estava para Marrakech é absurda, fico admirado com esses grandes contrastes na população, cultura e estilo de vida dentro de um mesmo país. É uma cidade super turística, caótica e muito movimentada, onde o comércio de tudo que se possa imaginar acontece de forma extremamente colorida na rua a céu aberto. Vi de tudo nas ruas a venda, bolsas, tapetes, bijuterias das mais diversas artes, todo tipo de comida arabe e ocidental também e sem falar dos animais, de macacos, cobras, camelos a ovos de tubarão. Realmente uma cidade exótica que vale a pena visitar, parece

um grande mercado arabe, e por diversas vezes me senti bem majoritariamente no filme do Aladdin. Porém tive a impressão de que as pessoas em Marrakech não são tão gentis e pacíficas quanto em Tagounite, um tanto quanto lógica essa conclusão quando se compara as atmosferas de cidades grandes e pequenas, me senti mais inserido na cultura marroquina e seguro em Tagounite.

Pessoalmente prefiro o lado não turístico dos países do que as grandes multidões tirando foto do que todo mundo vê o tempo todo na internet, mas também reconheço a importância de pelo menos uma vez visitar os grandes centros.

Imagem 14 – Marrakesh ao anoitecer, mercado central.

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

4.0 Conclusão

Por fim, fiquei mais alguns dias no Marrocos com alguns amigos turistas e voei para outra aventura. Com isso aqui estão minhas conclusões sobre o que vi, ouvi e provei durante um mês: As população me lembrou o Brasil, um povo diverso, simples e caótico ao mesmo tempo, a maioria foi gentil comigo e me ajudou em todos os momentos que eu precisei, eles sabem compartilhar e estar em comunhão e tem um estrito e forte senso de moral, acredito eu devido a religião (Islã) muçulmana que dita muito do dia a dia do país sendo a crença dominante não só no Marrocos mas em totalidade na região do Magreb; Pessoalmente eu adorei a culinária marroquina é diferente da maioria das pessoas não tive problema com ela mesmo com os temperos e pimenta forte, além de muito saborosa é barata como diversos bens de consumo no país, muito autêntica; O ambiente também é muito diverso e encantador ao ponto de parecer um mundo nunca visto antes, além das áreas semiáridas e do deserto pleno que visitei, mais para o norte há áreas mais úmidas e com florestas, além das praias famosas com o surfe no litoral do litoral no lado do atlântico.

Sobre especialmente a região que mais fiquei, Tagounite e ao Vale do Draa é uma experiência única que combina aventura, introspecção e aprendizado. Esses locais oferecem um cenário que inspira contemplação e conexão com a natureza em uma forma quase intocada. O visitante é convidado a explorar as dunas do deserto, a caminhar entre palmeirais e a visitar as kasbahs, enquanto testemunha a vida simples, mas rica culturalmente, das pessoas que vivem em sintonia com o ambiente. A viagem me permitiu um mergulho antropológico, pois ali é possível entender melhor as relações de interdependência entre os habitantes e a natureza, bem como o impacto que a globalização e as mudanças climáticas têm sobre essas comunidades. O turismo sustentável ganha espaço nessa área, como os projetos como o Bani Hayoune Garden, onde se pode contribuir diretamente para o desenvolvimento local e adquirir uma compreensão mais profunda das práticas de permacultura e conservação.

Essa imersão nos saberes locais, nas histórias contadas pelos moradores e na serenidade do oásis é uma experiência que para mim redefine o modo de enxergar o mundo, ampliando a compreensão do que significa viver em harmonia com a natureza e com as próprias raízes.

Imagem 15 – O deserto de Erg Chigaga.

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

4.1 Ajude o Projeto Bani Hayoune

Para garantir a continuidade e o sucesso de suas iniciativas, o projeto conta com o apoio, além dos voluntários, de financiamento coletivo como uma de suas principais fontes de recursos. Desde a metade deste ano está aberta uma campanha de crowdfunding busca arrecadar fundos para:

- **Perfuração de um poço:** Garantir acesso a água potável para a comunidade e para a irrigação das plantações.
- **Construção de reservatórios de água e sistemas de irrigação eficientes:** Otimizar o uso da água disponível e promover a sustentabilidade hídrica.
- **Plantio de árvores nativas e desenvolvimento de um jardim florestal:** Restaurar a biodiversidade local e combater a desertificação.
- **Construção de um espaço comunitário para atividades educacionais e artísticas:** Empoderar mulheres e crianças da região, oferecendo oportunidades de aprendizado.

Caso queira ajudar sua contribuição é fundamental para o sucesso deste projeto que busca promover a sustentabilidade ambiental e o desenvolvimento comunitário nesta região do Magreb afetada pela desertificação. Para saber mais e fazer sua doação, visite o site oficial do projeto: Benhayoun Garden, o Instagram: @ OASISATTHEEDGEOFTHESAHARA, e a página da campanha no GoFundMe. Apoie o Bani Hayoune Garden e faça parte desta iniciativa transformadora no coração do Marrocos.

Imagem 16 – Camelos cruzando o deserto.

Fonte: (Arquivo pessoal, 2024)

Uma jornada cultural em Taiwan: do chegar ao partir

A cultural journey in Taiwan: from arrival to departure

Un viaje cultural en Taiwán: desde la llegada hasta la partida

Érika Cristina Reis1

Recebido em: 10 de Dezembro de 2024
Aprovado em: 28 de Abril de 2025

RESUMO

O relato aborda a experiência de um intercâmbio cultural em Taiwan, destacando os desafios e as descobertas enfrentadas ao longo do período. Entre os principais desafios estão o choque cultural, especialmente em relação à barreira linguística e à adaptação à culinária local, caracterizada por uma predominância de frutos do mar e pratos exóticos. Embora a experiência tenha apresentado dificuldades, ela também proporcionou enriquecimento cultural, como a participação em festivais tradicionais, a exploração da gastronomia local e a formação de novas amizades. Com o tempo, houve uma adaptação ao novo ambiente e uma reflexão sobre os contrastes entre a tranquilidade da vida cotidiana em Taiwan e os desafios naturais e políticos enfrentados pela ilha. O retorno ao Brasil foi marcado pela ampliação da bagagem cultural, novas conexões interpessoais e um profundo apreço pela hospitalidade e riqueza cultural taiwanesa.

Palavras-chave: Intercâmbio, Cultura, Adaptação, Taiwan

ABSTRACT

The report details the experience of a cultural exchange in Taiwan, highlighting the challenges and discoveries encountered throughout the period. Key challenges included cultural shock, particularly concerning the language barrier and adaptation to the local cuisine, which is characterized by a predominance of seafood and exotic dishes. Despite these difficulties, the experience also offered cultural enrichment, such as participation in traditional festivals, exploration of local gastronomy, and the formation of new friendships. Over time, there was an adaptation to the new environment and reflection on the contrasts between the tranquility of daily life in Taiwan and the natural and political challenges faced by the country. The return to Brazil was marked by an expanded cultural background, new interpersonal connections, and a profound appreciation for Taiwanese hospitality and cultural richness.

Keywords: Exchange, Culture, Adaptation, Taiwan

1. Graduanda do curso de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: erikacristina100@gmail.com. Lattes: https://lattes.cnpq.br/6536493620056151

RESUMEN

El relato aborda la experiencia de un intercambio cultural en Taiwán, destacando los desafíos y descubrimientos enfrentados durante el período. Entre los principales desafíos se encuentran el choque cultural, especialmente en relación con la barrera del idioma y la adaptación a la gastronomía local, caracterizada por una predominancia de mariscos y platos exóticos. Aunque la experiencia presentó dificultades, también brindó un enriquecimiento cultural, como la participación en festivales tradicionales, la exploración de la gastronomía local y la formación de nuevas amistades. Con el tiempo, hubo una adaptación al nuevo entorno y una reflexión sobre los contrastes entre la tranquilidad de la vida cotidiana en Taiwán y los desafíos naturales y políticos que enfrenta la isla. El regreso a Brasil estuvo marcado por una expansión de la comprensión cultural, nuevas conexiones interpersonales y una profunda apreciación por la hospitalidad y riqueza cultural taiwanesa.

Palabras clave: Intercambio, Cultura, Adaptación, Taiwán

1 CHEGAR: O OLHAR E OUVIR

Minha aventura começou no dia 23 de agosto de 2018 quando viajei 400km de minha cidade, João Pinheiro, até Belo Horizonte e embarquei, no dia seguinte, pela primeira vez em um avião no aeroporto de Confins com destino à Kaohsiung (*; pinyin: gāoxióng shì*)[2], Taiwan (*; pinyin: táiwān*). No total foram 4 voos, o primeiro de Belo Horizonte à São Paulo, o segundo de São Paulo à Joanesburgo, o terceiro de Joanesburgo à Hong Kong e, por fim, de Hong Kong à Kaohsiung, uma viagem de cerca de 34 horas. Quando finalmente cheguei, pude observar um pouco da cidade enquanto o avião descia, um momento muito emocionante, já que depois de mais de um dia de viagem eu havia finalmente chegado. Ao conhecer a família anfitriã na entrada do aeroporto, finalmente me dei conta de que já não estava mais em meu país, mas sim na Ásia, em um lugar onde ninguém falava português ou se parecia comigo. Reconheço que esse primeiro momento foi desesperador, eu havia finalmente percebido a loucura que havia feito, atravessado o mundo sozinha aos quinze anos de idade preparada para ficar um ano na casa de desconhecidos. Esse momento de desespero foi fundamental para que eu entendesse os meus novos desafios e colocasse novas metas em minha vida, a primeira delas era aprender chinês o mais rápido possível para poder me comunicar.

2. Considerando que a língua oficial de Taiwan é o chinês tradicional, neste texto, todos os trechos em chinês serão acompanhados pelo pinyin e pela tradução para o português.

2 ESTAR: O INTERAGIR

É engraçado relembrar minha primeira noite em Taiwan, eu estava me sentindo em outro mundo, tão fora da minha zona de conforto que fazer uma simples refeição com chopsticks se tornou algo difícil. Outra dificuldade que me deparei logo no primeiro dia foi a minha falta de conhecimento e experiência com frutos do mar que são consumidos diariamente na ilha. Nesse sentido, todas as refeições preparadas por minha família anfitriã eram compostas por arroz, alguns vegetais e frutos do mar como ostras, camarões, caranguejos e peixes. Um detalhe interessante é que todos os pratos eram preparados com um pouco de gengibre, sendo possível sentir o gosto da raiz ao comer ostras, por exemplo, mas sem deixar que o gosto sobressaísse sobre os outros ingredientes.

De início a comida foi um problema, mas logo pude me acostumar e descobrir os mais diferentes tipos de comida, e principalmente, as comidas que eu gostava. No geral, era difícil que eu não comesse alguma coisa que me era oferecida, no entanto, um ingrediente era capaz de determinar isso: o cogumelo. Para a minha infelicidade, taiwaneses gostam muito de cogumelos, inclusive já entrei em uma loja onde se vendiam apenas cogumelos dos mais variados tipos, no entanto, meu receio por cogumelos é tão forte que me levou a aprender uma das minhas primeiras palavras em chinês: 蘑菇(pinyin: mógū) que significa cogumelo e 不(pinyin: bù) que significa não.

É claro que, a minha tentativa em falar "não cogumelo" não foi capaz de me impedir de comer um cogumelo por engano em um churrasco taiwanês, uma situação não muito agradável. O churrasco taiwanês é no mínimo peculiar, normalmente é feito na porta de casa em uma grelha pequena na qual são depositados ingredientes muito diferentes do churrasco brasileiro, já que ao invés de carne de boi, frango e porco, os taiwaneses usam frutos do mar como peixes e lulas, além de alguns vegetais como o cogumelo. Apesar de interessante, o churrasco taiwanês não era o mais surpreendente, era comum vez ou outra me deparar com comidas com ingredientes exóticos como grilos, rãs e cobras. Dos três citados, o único que experimentei por engano foi a rã, que assim como o camarão, possui gosto de frango que era o que eu pensava que estava comendo.

Imagem 1 - Jantar taiwanês

Fonte: (Arquivo pessoal, 2019)

Também experimentei ótimos pratos sem ser por engano como o hotpot (□□ pinyin: hu□guō), uma espécie de caldo fervente na qual são servidos diversos acompanhamentos como vegetais e carnes que devem ser cozidos no próprio caldo. A carne que acompanha é cortada em uma tira bem fina que permite que o cozimento seja muito rápido, cerca de 30 segundos. O mais interessante do prato é que ele é ideal para uma refeição em família ou amigos, onde cada um cozinha seus ingredientes na mesa do restaurante da maneira que preferir. Apesar de gostar muito de hotpot, meu prato favorito sempre será o dumpling (□□ pinyin: shu□□□), sendo mais específica, dumpling fritos de carne de porco apimentada, meu almoço fixo de muitos dias. O restaurante em que eu e todos meus amigos íamos se chama Ba Fang Yun Ji Dumpling (□□□□ pinyin: bāfāng yúnjí), quase ao lado da Wenzao Ursuline University of Languages (□□□□□□ pinyin: wén z□ wàiy□dàxué), a Universidade onde estudávamos chinês. Em dias de aulas, nos reuníamos para comer dumplings, uma refeição muito barata já que cada dumpling custava NT$10 (New Taiwan Dollar), cerca de R$1 na época. Depois de almoçar, tínhamos o costume de comprar chá na 50□(pinyin: 50 lán), meu favorito era o chá preto de limão com bubbles (□□□□□□□ pinyin: níngméng hóngchá hé zhēnzhū) e o famoso bubble tea (□□□□ pinyin: zhēnzhū n□chá) que custavam cerca de NT$60, aproximadamente R$6. O preço da comida era uma das maiores vantagens de morar em Taiwan, meu

almoço não chegava a R$20, o que me permitia fazer um bom uso do meu dinheiro.

Ademais, o transporte público também era uma ótima vantagem, uma vez que com o cartão de estudante, ao pagar a passagem de três ônibus, NT$30 no total, cerca de R$3 na época, as próximas passagens de ônibus não eram cobradas. Dessa forma, era possível conhecer vários lugares novos gastando pouco e, como eu morava em uma área afastada da linha de metrô, era uma grande vantagem já que minha única forma de voltar para casa era por meio do ônibus. O metrô por sua vez era um pouco mais caro, diferente de Belo Horizonte onde se é cobrado um preço único, o metrô de Kaohsiung é cobrado por estações, ou seja, quanto mais estações você precisa percorrer, mais caro é o bilhete. Assim, tendo em vista que minha escola, Kao-Yuan Vocational High School of Technology & Commerce (高苑科技大學 pinyin: gāo yuàn gāojí gōngyè shāngyè zhíyè xuéxiào), estava localizada no distrito de Qiaotou (橋頭區 pinyin: qiáotóu qū) e a Universidade onde estudava chinês estava no Distrito de Sanmin (三民區 pinyin: sānmín qū), as opções de transporte eram o metrô ou o trem além do ônibus. Embora o trem, assim como o metrô, cobrasse por estação, o preço era reduzido já que a espera era maior que a do metrô que levava no máximo 3 minutos para chegar. Mesmo assim, se tornava mais viável esperar pelo trem devido ao preço e ao fato de que ele ia para a mesma estação que o metrô, Estação Xin Zuoying (新左營站 pinyin: xīn zuǒyíng zhàn), sem fazer nenhuma parada.

3 UMA NOVA ROTINA

Minha rotina em Taiwan era bem agitada, para estar na escola às 8 horas precisava me levantar às 6 horas para me arrumar e pegar o ônibus escolar às 6:50. Lembro que sempre me sentava em um lugar vazio bem no início do ônibus e que nenhum outro aluno se sentava ao meu lado, ao menos que não tivesse outra opção, assim, na maioria das vezes, eu era a estrangeira que se sentava sozinha e não falava com ninguém. A escola em que estudei era muito diferente das escolas brasileiras que eu havia frequentado, a começar que a escola era um escola militar que inclusive fazia treinamento de tiro com os alunos, uma atividade que fui impedida de fazer por ser estrangeira. Como escola militar, muitas coisas não eram permitidas, como brincos, esmaltes, colares, anéis e cabelo longo

solto, o que me gerou uma difícil adaptação, principalmente devido aos meus seis brincos e três *piercings*. Além disso, a escola permitia que os alunos escolhessem sua grade de aulas de acordo com sua vocação, ou seja, haviam turmas voltadas para à área da culinária, beleza, mecânica, artes, etc.

Por algum motivo que ainda não sei dizer, acabei na turma de artes sem ter qualquer tipo de dom artístico, o que me gerava resultados deprimentes em aulas de desenho realista e cerâmica, por exemplo. No entanto, pude frequentar durante um curto período de tempo aulas de outras áreas, o que devo admitir ter sido o período mais divertido que tive na escola. Começando pela minha favorita, a aula de culinária, era simplesmente fantástica, a escola possuía equipamentos industriais além de professores especializados e que, para minha alegria, falavam inglês. Com certeza meu dia mais memorável na escola foi quando fiz um belíssimo pão que dividi com meus colegas de sala e com minha família anfitriã cheia de orgulho pela minha conquista. Na aula de culinária também aprendi a fazer um prato com peixe assado e também alguns *drinks* e cafés, sempre era uma aula muito divertida, tanto os alunos como os professores conversavam comigo e queriam me ajudar a participar, certamente tenho boas memórias destes momentos.

Imagem 2 - Aula de culinária taiwanesa na escola

Fonte: (Arquivo pessoal, 2019)

Outra aula que pude participar foi da área da beleza, em específico de uma aula voltada para cabelo e penteados. Sendo honesta, essa aula se transformou em um pequeno terror quando me colocaram como cobaia para lavar o cabelo, que apesar de parecer algo simples, na Ásia é um momento que as cabeleireiras fazem também uma massagem tanto nos ombros como na cabeça das clientes. Minha falha nesse momento foi não ter previsto que 1) elas não estão acostumadas a lidar com cabelos cacheados e 2) a massagem faria com que meu cabelo fino ficasse muito embaraçado. O resultado dessa combinação foi desastroso, meu cabelo ficou tão embaçado que elas desistiram de pentear e deixaram que eu resolvesse o problema sozinha, no fim, fui embora com o cabelo preso em um rabo de cavalo para tentar diminuir o volume. Mesmo assim, pude aprender sobre as diferenças de um salão de beleza tanto na teoria como na prática, pois também tive uma aluna como minha cobaia para aprender como massagear, lavar e secar um cabelo.

Já em minha turma, embora a maioria das matérias estavam totalmente relacionadas às artes visuais, três matérias eram exceções: matemática, chinês e inglês. Sendo o mais sincera possível, a aula de matemática era um completo terror, eu não entendia absolutamente nada do que o professor falava e ficava perdida a aula inteira. Já na aula de chinês a professora não parecia gostar de mim visto que eu ainda não falava chinês muito bem, parecia que ela tentava me constranger perguntando o nome dos objetos da sala e, embora eu entenda que de alguma forma ela tentava me ajudar a aprender, não concordo com esse tipo de abordagem. Por fim, como esperado, a aula de inglês era minha favorita porque eu finalmente era capaz de me comunicar com um adulto. A professora de inglês parecia ser a única pessoa na escola que entendia minha situação e por isso ela tentava me incluir na aula e fazer com que os demais alunos conversassem comigo, me levando até mesmo para conhecer suas outras turmas.

Nos dias em que eu tinha aula de chinês era preciso sair da escola por volta das 11 horas para pegar um ônibus, um trem e outro ônibus até a Universidade. Me recordo da minha primeira aula de chinês, eu estava completamente assustada visto que meu vocabulário se reduziam a poucas palavras simples, como 你好(*pinyin: n h o*) que significa olá e 谢谢(*pinyin: xièxiè*) que significa obrigado. Apesar do medo, a aula de chinês se tornou a melhor parte dos meus dias, pois eu estava com vários intercambistas, minha família

internacional, nós aprendemos juntos, erramos juntos e superamos desafios juntos. Tenho muita saudade desses dias, apesar da diversão, a Universidade foi fundamental para o meu desenvolvimento da língua chinesa, os professores eram super atenciosos, ensinavam um vocabulário que precisávamos para o dia a dia e também nos ensinavam a forma correta de escrever os caracteres chineses. O chinês de Taiwan e o chinês da China Continental não são os mesmos, além da diferença de vocabulários, o que chamamos de dialetos no chinês, Taiwan usa caracteres tradicionais enquanto a China Continental usa caracteres simplificados. Para exemplificar, a palavra amor no chinês tradicional usado em Taiwan é ت(*pinyin: ài*) enquanto no chinês simplificado usado na China Continental é ت(*pinyin: ài*). Nesse sentido, muitos caracteres sofrem alterações no chinês simplificado, o que o torna mais difícil de compreender, no entanto, uma vez que os caracteres simplificados, como o próprio nome diz, são uma forma simplificada do tradicional, acredito que por ter aprendido o tradicional primeiro tenho uma certa vantagem para compreendê-los.

Após as aulas na Universidade, era comum que saíssemos em um pequeno grupo de intercambistas para passear e comer, o que quase sempre se resumia a dois destinos principais: o *Central Park* (*; pinyin: zhōngyāng gōngyuán*) e o *Ruifeng Night Market* (*; pinyin: ruì fēng yèshì*). Não consigo dizer qual é o meu favorito, mas de certa forma, os dois lugares se parecem devido às lojas de roupas e comidas que ficam abertas à noite, o lugar perfeito para sair com os amigos. O *Central Park*, além do parque em si que era muito bonito, era uma área para fazer compras, tendo os mais diversos produtos e algumas barracas de comidas e chás. Já o *Night Market*, embora também tivesse roupas e sapatos, era mais voltado para refeições rápidas e de baixo custo, nada melhor para um intercambista. A diversidade de pratos era impressionante, não havia apenas pratos taiwaneses, mas também pratos vietnamitas, tailandeses, japoneses e até mesmo de países do ocidente como França e Alemanha. Sempre tentei experimentar pratos que não parecessem muito estranhos, no entanto, nunca fui capaz de experimentar o *stinky tofu* (ت pinyin: chòu dòufu) devido ao forte cheiro que podia ser sentido a um quarteirão de distância, um cheiro típico de um *Night Market*.

Nos dias em que não tinha aula de chinês, era incomum que eu saísse depois das aulas na escola que terminavam às 17 horas,

ou seja, eu passava o dia inteiro lá. Dessa forma, também almoçava lá, o que no começo foi um pouco difícil porque o almoço não era fornecido aos alunos, o que depois de alguns meses passou a ser devido a um projeto de melhoria da alimentação dos alunos. O horário de almoço era de meio dia até meio dia e vinte, quando todos os alunos deveriam organizar as coisas para tirar um cochilo de meia hora antes da próxima aula. Talvez o "horário do soninho", como chamo carinhosamente, tenha sido o detalhe que mais me chamou atenção na escola, uma vez que é uma tarefa obrigatória que, se descumprida, pode resultar em uma advertência ao aluno. De início, pela minha falta de costume em dormir depois do almoço foi muito difícil me adaptar, resultando em algumas broncas do professor, mas depois de um tempo me adaptei tão bem a esse costume que também é feito em empresas taiwanesas que, quando posso, faço até hoje.

Outro fato que me chamou muita atenção e que, coincidentemente, eu estava na escola, foi o exercício nacional de alerta a terremotos que ocorre anualmente. Assim como no Japão, terremotos ocorrem frequentemente em Taiwan em diferentes intensidades, por isso esse exercício é fundamental para orientar a população, principalmente os mais jovens, nessas situações. O exercício começa com um alerta sonoro que toca em toda a ilha seguido de um alerta presidencial enviado por mensagem, como eu estava na escola, os professores são responsáveis por guiar os alunos. A primeira orientação é ir para debaixo da mesa, em seguida, pegar sua mochila para que, seguindo as filas das mesas, cada aluno possa se levantar com a mochila acima da cabeça para sair caminhando em direção ao pátio central da escola. O que mais chama atenção é a clara sabedoria que todos os taiwaneses parecem possuir em relação a desastres naturais, uma vez que se é visível o quão sério o exercício é levado pelos estudantes, sem piadas ou brincadeiras. Para mim, foi um choque de realidade, pois aquilo realmente poderia acontecer a qualquer momento e eu teria que aprender a lidar com aquilo assim como eles. Para minha sorte, senti apenas um tremor mais forte que ocorreu durante uma aula de computação gráfica onde toda a sala, ou seja, as mesas, cadeiras e computadores começaram a tremer e bater. Nesse momento, todos os alunos ficaram em silêncio assim como o professor, alguns já com suas mochilas esperando a ordem para sair da sala, mas isso não foi preciso já que o tremor durou apenas alguns segundos.

Além do alerta de terremotos, Taiwan possui outro exercício nacional igualmente importante, o de alerta de mísseis, um exercício de evacuação de civis que devem permanecer em um ambiente fechado por uma hora, sujeito a multa caso desrespeite a regra. Assim que as ruas são evacuadas novamente com um alerta sonoro e um alerta presidencial, o exército realiza uma série de treinamentos em toda a ilha a fim de se prepararem para uma possível invasão. No geral, os taiwaneses, apesar do inconveniente momentâneo, concordam com o exercício e respeitam o alarme aonde quer que estejam, seja em casa, no trabalho ou no ônibus. Ademais, embora o serviço militar seja obrigatório apenas para os homens assim como no Brasil, muitas mulheres sabem fazer o uso de armas de fogo, muitas vezes ensinado em escolas como a minha.

4 LÍNGUA, RELIGIÃO E CULTURA

Apesar desses exercícios, viver em Taiwan, mesmo sob risco de invasão militar e desastres naturais, é mais tranquilo do que aparenta ser. Além do conveniente transporte público que te permite ir do sul ao norte em apenas uma hora de viagem, Taiwan possui uma cultura maravilhosa que deve ser explorada por todo estrangeiro, seja ele turista ou intercambista. Começando pela língua, embora o chinês tradicional além de ser a língua ensinada nas escolas e a mais usada pela população, Taiwan possui outras duas línguas principais: a língua taiwanesa (تت *pinyin: tái y*) e o *hakka* (*; pinyin: kèjiā y*). A língua taiwanesa é usada principalmente entre pessoas mais velhas e de famílias mais tradicionais em Taiwan. Tendo em vista que a cidade onde morei, Kaohsiung, é uma cidade mais voltada para o aspecto cultural enquanto Taipei, a capital, é mais moderna e internacionalizada, a língua taiwanesa é constantemente usada. Em minha família anfitriã a língua mais usada entre eles era a língua taiwanesa o que gerava pequenos desentendimentos, pois era preciso que eles repetissem em chinês para que eu e minha irmã mais nova, que ainda estava aprendendo a língua taiwanesa, entendêssemos. Como se duas línguas já não fossem difíceis o suficiente, o pai e a avó da família também falavam *hakka*, uma língua usada pelos aborígenes taiwaneses, atualmente uma minoria que vivem principalmente nas montanhas. Tive a oportunidade de participar de alguns eventos aborígenes que incluíam apresentações de danças e músicas tradicionais além das explicações sobre sua história,

no entanto, consegui aprender somente uma palavra em *hakka*: *taigáhò* que significa olá para todos, تست(*pinyin: dàjiā h o*) em chinês.

Em relação à religião, minha família anfitriã seguia o taoismo, uma das duas principais religiões de Taiwan. Do ponto de vista cultural, os templos taoistas eram definitivamente as estruturas que mais chamavam a atenção devido a tradicionalidade e a quantidade. Os templos taoistas, sempre em vermelho com detalhes dourados, com estátuas de dragões e tradicionais lanternas chinesas, estavam espalhados por toda a ilha, até em lugares significativamente remotos nas montanhas.

Imagem 3 - Templo taoista

Fonte: (Arquivo pessoal, 2019)

Devido a tantos detalhes na estrutura, não sei dizer qual é o templo taoista mais bonito que já fui, lógico que, alguns eram mais simples que outros, o que poderia depender da localização do templo, mas todos possuíam uma estrutura tão bela que pareciam capazes de te transportar para outro mundo. Por causa de minha família anfitriã pude ter um certo contato com a religião, pude observar suas atividades dentro dos templos e até mesmo participar de alguns eventos como o Festival dos Fantasmas (*; pinyin: zhōng yuán p dù*). Durante esse festival, acredita-se que os fantas-

mas podem vir ao mundo mortal, por isso devem ser preparados altares de boas vindas no primeiro dia com três tipos de carne e três tipos de frutas, além de arroz, saquê e chá. Pude participar diretamente na organização dos altares, desde a preparação dos pratos até a disposição das mesas, um momento repleto de simbolismo religioso que me proporcionou uma nova visão sobre as diferenças culturais e religiosas do mundo.

Embora eu não tenha tido tanto contato, o budismo é a outra principal religião de Taiwan que possui um belíssimo museu em Kaohsiung, o *Fo Guang Shan Buddha Museum* (*; pinyin: fóguāng shān fótuó jìniàngu n*). Posso dizer que esse museu é um dos lugares mais impressionantes que já fui além de ter sido uma experiência única devido algumas atividades religiosas que pude realizar com a orientação de monges.

Imagem 4 - Fo Guang Shan Buddha Museum

Fonte: (Arquivo pessoal, 2019)

No museu, tive uma das minhas primeira experiências com a escrita chinesa na qual escrevi em um pequeno pedaço de papel uma mensagem que, de acordo com os monges, deveria ser lida sempre que eu estivesse triste ou precisando de algo, pois traria energias positivas e faria com que as coisas melhorassem, a mensagem era: *(pinyin: yòng chán xīn āndùn shùnnì jìngjiè, yòng yuànxīn chuàngzào yuánm n rénjiān*) que diz "enfrente o

bem ou o mal com a mente da meditação; faça um mundo perfeito através do poder de um voto".

Ademais, o *Fo Guang Shan Buddha Museum* é responsável por sediar uma das cerimônias de abertura do Ano Novo Lunar (; *pinyin: nónglì xīnnián*) com muitos fogos de artifício e lanternas chinesas. O Ano Novo Lunar é um evento muito importante em Taiwan que é marcado por diversos rituais e símbolos, como a troca dos dísticos vermelhos, ou seja, os papéis vermelhos com mensagens espirituais e poemas, que ficam envolta da porta da casa, responsáveis por trazerem boa sorte para os residentes. O Ano Novo Lunar deve ser celebrado com a família, os filhos voltam para as casas de seus pais e, assim, acontece a melhor tradição: a entrega dos envelopes vermelhos (; *pinyin: hóngbāo*). No Ano Novo Lunar, são depositados determinadas quantias de dinheiro nos famosos envelopes vermelhos, a cor da sorte, que devem ser entregues e recebidos pelas pessoas de acordo com sua idade, geralmente os mais jovens recebem dos mais velhos. Participar dessa tradição é sem dúvidas um momento muito único, mesmo sendo intercambista me senti extremamente acolhida, como se eu tivesse realmente me tornado parte da família.

Um fato interessante sobre os falantes da língua chinesa que afeta tanto os envelopes vermelhos como o dia a dia das pessoas é a superstição com o número quatro, uma vez que sua pronúncia, *sì* (ت), se assemelha com a pronúncia da palavra morte, *s* (ت). Nesse sentido, o número quatro deve ser sempre evitado, principalmente nos envelopes vermelhos, ou seja, caso a quantia de dinheiro entregue possuir o número quatro, isso poderá ser entendido como um mau agouro. Quando a família se reúne, além da troca de envelopes, é realizada uma enorme refeição com dezenas de pratos que são tanto os favoritos da família quanto pratos tradicionais. Além disso, após as refeições, é comum que uma mesa seja organizada para que os mais velhos, em sua maioria homens, joguem *Mahjong* (تت pinyin: májiàng) e bebam um pouco de cerveja. Foi durante o Ano Novo Lunar que aprendi sobre o Horóscopo Chinês (; *pinyin: shí'èr shēngxiào*) que possui doze ciclo, cada um representado por um animal diferente que mudam de acordo com o calendário lunar. Assim, além de descobrir que nasci no ano do cavalo, descobri que o animal do Ano Novo Lunar de 2019 era o porco, que logo apareceu em todas as decorações.

O Festival das Lanternas (*; pinyin: yuánxiāo jié*) ocorre logo depois do Ano Novo Lunar, quando acontece a principal tradição

religiosa da cidade de Taitung (*; pinyin: táidōng shì*), o Bombardeio do Mestre Handan (*; pinyin: pào zhà hán dān yé*). O ritual consiste na participação de homens jovens, vestidos apenas de uma bermuda vermelha, óculos de proteção e uma espécie de balaclava amarela, que são erguidos em um trono de bambu segurando alguns ramos, enquanto outros homens ao redor jogam fogos de artifício em sua direção. Os homens que são erguidos representam o Mestre Handan, um dos deuses taoistas que, segundo a crença, abençoa as pessoas que jogam os fogos de artifício e espantam o frio. Durante esse ritual é comum que os homens se machuquem, visto que a única parte do corpo que é realmente protegida dos fogos de artifício são os olhos devido aos óculos de proteção, deixando o resto do corpo propenso a sofrer queimaduras. Diferente de meus amigos homens que puderam participar da tradição representando a deidade, pude apenas observar de longe para não me machucar com os fogos que podem acertar o público e também por causa do barulho alto e constante. A tradição de fato por ser considerada pouco segura, as autoridades recomendam vestir roupas de materiais mais resistentes e mangas compridas para evitar queimaduras, além de fazer o uso de máscaras e protetores de ouvido a fim de evitar problemas causados pela longa exposição à fumaça e ao barulho. Apesar disso, a tradição é fundamental para a compreensão da cultura taiwanesa e para o entendimento do taoismo dado a importância que ela tem para toda população da ilha.

Ainda no Festival das Lanternas pude participar de outra tradição em Shifen Old Street (*; pinyin: shífēn l o jiē*) no Distrito de *Pingxi* (*; pinyin: píng xī qū*), uma antiga rua que é conectada com uma linha de trem. Nessa rua é possível comprar várias lembrancinhas como artesanatos e cartões postais, mas o foco principal do lugar são as famosas Lanternas do Céu (*; pinyin: tiān dēng*). Ao adquirir a Lanterna na cor desejada, chega o momento de escrever seus desejos e orações, para então soltá-la no céu, na esperança de que possam se realizar. Tive a oportunidade de fazer essa tradição duas vezes, uma com minha família anfitriã e a outra com minhas amigas, ambas às vezes foram igualmente emocionantes visto que, de certa forma, estávamos compartilhando nossos desejos em um momento tão único.

Já no final do meu intercâmbio fiz a Grande Viagem pela Ilha Formosa e pelo arquipélago *Penghu* (*; pinyin: pēnghú xiàn*) também chamado de Ilhas Pescadores. Nessa viagem pude visitar di-

versas ilhas e finalmente ter a experiência de estar em ilhas tão pequenas que o mar poderia ser visto em todas as direções, o que causa uma sensação que se assemelha com a claustrofobia. Apesar disso, pude desfrutar da beleza das ilhas que pareciam um lugar totalmente diferente dos que eu já havia ido, principalmente devido a vegetação e as praias de águas cristalinas. No entanto, devo ressaltar que a ilha mais bonita, sem sombra de dúvidas é a ilha *Qimei* (*; pinyin: qīměi xiāng*) que possui o *Twin Hearts Stone Weir* (*; pinyin: shuāng xīn shí hù*), uma antiga armadilha para captura de peixes feita de rochas e corais que possui o formato de dois corações.

Imagem 5 - Twin Hearts Stone Weir

Fonte: (Arquivo pessoal, 2019)

Apesar dos dois corações serem uma das atrações principais, cada ilha possui atrações e características únicas, como por exemplo o tradicional sorvete de cacto de uma das ilhas. Ademais, assim como na Ilha Formosa, nas Ilhas Pescadores também é possível ver o sol se pondo no mar, uma das vistas mais lindas que já vi em minha vida.

Imagem 6 - Pôr do sol no mar

Fonte: (Arquivo pessoal, 2019)

5 SAIR: O RELATO

Claro que, apesar das paisagens maravilhosas, a presença de meus amigos deixava tudo muito melhor, principalmente quando cantávamos várias músicas ao som do ukulele, inclusive músicas em chinês como uma de nossas músicas favoritas: 对不起我的中文不好(*pinyin: duìbùq w de zhōngwén bù h o*) que pode ser traduzido para "desculpe, meu chinês não é bom". Tenho muita saudade de tudo o que passamos juntos, desde as aulas de chinês até as viagens inesquecíveis, cada momento foi especial e hoje guardo essas memórias com muito carinho. Eu sei que todos nós temos muita saudade do que vivemos em Taiwan e que agora somos uma grande família que espera ansiosamente pelo dia de nosso reencontro.

Sou imensamente grata ao Rotary 4760 por me permitir realizar o sonho de fazer um intercâmbio e ao Rotary 3510 por me receber em Taiwan, minha segunda casa. Ademais, agradeço à minha família anfitriã, minha mãe Chen Xiangling (; *pinyin: chénxiānglíng*) e meu pai Zeng Guorong (曾国荣pinyin: céngguóróng), por me acolherem e me tratarem como uma filha. Por mais que você apro-

veite, ainda sim parece que poderia ter aproveitado mais, o intercâmbio é realmente uma vida em uma ano e eu amei cada segundo dessa vida.

Imagem 7 - Minha família taiwanesa

Fonte: (Arquivo pessoal, 2019)

Agradeço ao professor Edmar por me permitir escrever sobre o meu intercâmbio em Taiwan, espero que esse relato de minha aventura possa inspirar outras pessoas a conhecerem o mundo.

Experiências Transformadoras em Intercâmbio: Uma Jornada pela Itália

Transformative Experiences in an Exchange Program: A Journey

Through Italy Experiencias Transformadoras en un Intercambio: Un Viaje por Italia

Laura Moura Campos[1]

Recebido em: 19 de Dezembro de 2024
Aprovado em: 28 de Abril de 2025

RESUMO

Este relato apresenta as experiências pessoais de uma jovem brasileira Laura, estudante de Relações Internacionais em seu intercâmbio acadêmico na cidade de Parma na Itália durante um semestre na Università Degli Studi di Parma, destacando três aspectos fundamentais de sua imersão: o olhar (percepções visuais), o ouvir (interações e comunicação) e o conviver (as relações interpessoais e a adaptação à nova cultura). A narrativa se concentra nos desafios e aprendizagens adquiridos ao longo dessa jornada transformadora.

ABSTRACT

This account presents the personal experiences of a young Brazilian, Laura, an International Relations student, during her academic exchange in the city of Parma, Italy, for one semester at the Università Degli Studi di Parma. It highlights three fundamental aspects of her immersion: seeing (visual perceptions), hearing (interactions and communication), and living (interpersonal relationships and adaptation to the new culture). The narrative focuses on the challenges and lessons learned throughout this transformative journey.

RESUMEN

Este relato presenta las experiencias personales de una joven brasileña, Laura, estudiante de Relaciones Internacionales, durante su intercambio académico en la ciudad de Parma, Italia, por un semestre en la Università Degli Studi di Parma. Destaca tres aspectos fundamentales de su inmersión: la mirada (percepciones visuales), el escuchar (interacciones y comunicación) y el convivir (las relaciones interpersonales y la adaptación a la nueva cultura). La narrativa se centra en los desafíos y aprendizajes adquiridos a lo largo de este viaje transformador.

1. Laura Moura Campos é graduanda em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas. Email para contato: mouracamposlaura@gmail.com

1 O INÍCIO DE UM SONHO

Quando eu tinha por volta dos 4 anos e estava no período inicial da alfabetização, houve um livro, ou melhor uma coleção que marcou minha história e é por lá que comecei _ minha caminhada para além das fronteiras do Brasil. As aventuras de Bruxa Onilda, uma coletânea de aventuras que entre uma linha e outra aprendi a ler, e principalmente a sonhar. Minha mãe Eva é pedagoga e teve impacto direto pois lia diariamente para mim sobre essa personagem icônica, que de bruxinha não tinha nada, estava mais para uma viajante atrapalhada que queria conhecer o mundo acompanhada de sua fiel escudeira "Olhona", uma corujinha que sempre a acompanhava.

Entre essas aventuras, ainda criança pude descobrir mais sobre as grandes capitais do mundo, mas nunca esqueci o nome: Veneza. Enquanto minha mãe lia, eu com uma imaginação sem limites, encontrava dificuldade para imaginar uma cidade que não tinha rua, mas em vez disso água por todos os lados.

"Como assim as pessoas não têm carros mas sim barcos?" na minha cabeça não fazia o menor sentido. Por isso, convicta disse para minha mãe: "quando eu tiver 15 anos vou conhecer Veneza!"

Ela me contou que ouviu isso e falou: "vai sim filha, você pode!"

Essa frase materna que trouxe conforto para mim no passado, deu energia e a certeza que era possível para a adolescente que mesmo vindo de escola pública e, ninguém da família ou parentes havia atravessado a fronteira do país creu que era possível. Com 18 anos eu realizei meu sonho, peguei o primeiro voo da minha vida com destino a Itália que antes só existia no meu imaginário e realizei 1 ano de intercâmbio por meio de uma bolsa de estudos em uma pequena cidade dos Alpes italianos. Morei na casa de uma família excêntrica italiana, mas que se tornou parte da família e me presenteou com algo que sempre sonhei: uma passagem com destino a Veneza e meu nome nele escrito.

Anos depois, retornei ao Brasil, mas com o sentimento de que Itália nunca tinha deixado de ser casa e agora eu viveria minha vida com o coração em pedaços, cada parte em um país diferente. Dessa forma, como diz a clássica música de Maneskin: "Quindi Marlena torna a casa" ou seja, "Então Marlena retorna a casa". Assim, eu precisava de fato voltar para esse país que muito mais do que Ve-

neza me trouxe, me mostrou quem sou, me deu mais uma família, amigos e memórias que jamais poderiam ser esquecidas. Eu sentia que precisava de mais disso, eu precisava da Itália de novo.

Cinco anos depois, por meio do intercâmbio acadêmico da Puc Minas pude enfim retornar à Itália e agora um semestre para viver muito mais daquilo que eu sentia tanta falta. Me lembro que a primeira vez que ouvi o som daquele idioma familiar eu estava dentro do avião com destino a Milão, me lembro de me acomodar e mesmo cansada após o primeiro voo com duração de 9 horas, a animação permanecia dentro de mim, principalmente quando ouvi uma família italiana conversando sobre o desejo de chegar em casa logo. Antes de ir definitivamente para Parma, minha família italiana me aguardava para passarmos juntos 1 semana antes de começar minha nova realidade acadêmica. Me lembro de estar no carro com eles e ao mesmo tempo havia alegria, cansaço, fome e um sentimento que tanta coisa tinha acontecido e ao mesmo tempo nada havia passado e eu estava de volta.

Passamos ali aquela semana que passou voando, mas foi tempo suficiente para se atualizar das novidades e rever pessoas queridas, mas o sentimento de curiosidade de chegar logo em Parma estava presente. Naquela semana eu percebi que por mais que eu já tivesse vivido naquele país, nada seria igual. Na primeira vez foi com uma família que me acolheu, eu não sabia falar italiano e 5 anos mais nova e agora era o retorno, eu era maior de idade, indo morar "sozinha" e me virar naquele país. Dúvidas? Havia muitas mas a vontade de fazer dar certo era maior.

Me lembro que antes de sair do Brasil, me despedi dos meus pais e minha irmã e eles me disseram: estamos orando por você e que Deus te ensine a contar o seus dias e que possa aproveitar cada um deles. No aeroporto pude conferir minha passagem pouco antes de embarcar e lá estava escrito pouco mais de 180 dias e eu lembrei dessa frase e todo momento que eu estava insegura, me dava a força necessária para não me perder, permanecer sendo quem sou e com fé que o que Deus tinha preparado para mim era melhor do que eu poderia imaginar, logo não poderia desperdiçar nenhum dia.

Chegar em Parma parecia mágico, eu uma fã de filmes clássicos universitários e de estereotipados "high school movies" parecia que eu estava entrando no meu próprio filme, tudo novo e tanta coisa para viver. O primeiro Evento que participei foi uma palestra para os alunos internacionais, com os representantes da Uni-

versidade para apresentar o que é de fato a Università di Parma e trouxeram informações de como aproveitar melhor o intercâmbio, desde o aluguel de bicicletas para passear pela cidade como outras facilidades que nos ofereceram por sermos estudantes. Me lembro de ficar toda animada ao receber o kit de boas vindas e ver tantos alunos internacionais juntos. Esse contato com tantas culturas de certa forma me trouxe conforto num momento que a comfort zone estava passando bem longe.

Antes de ir para a Parma minha maior preocupação além de conseguir o visto que me foi entregue dias antes da minha ida para a Itália era a acomodação. Não sabia o valor, com quem moraria, como seria o convívio, local... tudo isso passava várias vezes pela minha mente e não devo mentir, eu me preocupei. Mas uma das grandes surpresas que a Puc me trouxe foi a amizade de uma brasileira que assim como eu havia sido selecionada para aquele semestre em Parma e nos juntamos rumo a busca de um local para morarmos, quando a encontrei em Parma junto de seus pais para pegar a chave do apartamento que felizmente conseguimos alugar, eu era uma das pessoas mais gratas do mundo. Chovia naquele dia e nem o fato de ter que carregar minha bagagem até o apartamento tirou o sorriso do meu rosto. Eu havia ouvido diversos relatos de pessoas que não haviam conseguido um local para morar, então eram extorquidos por valores exorbitantes de nativos que vendo seu desespero e não sabendo falar a língua não entendiam a situação, até perceber que estavam em uma "furada". Mas nós duas ali estávamos bem, problemas tivemos claro, como quando o aquecimento quebrou e estava 7 graus do lado de fora e várias cobertas pareciam pouco, ou quando a pia entupiu e tivemos que lavar cada utensílio de cozinha na pia do banheiro. Me lembro do agente de viagens tentou nos culpar mas felizmente eu falava o idioma e pude me defender e depois de algumas semanas o problema foi resolvido.

As primeiras semanas foram gélidas, o frio de inverno se misturava com a chuva do fim de tarde que trazia consigo o desejo de ficar encolhida, e a vontade de explorar a cidade e arredores para depois. No entanto, percebi morando ali, que aquelas estações do ano muito bem demarcadas são únicas e não como no Brasil que aparenta estar em um eterno verão, ali era possível colocar um casaco e cachecol e ainda sentir frio, e essa sensação era apesar de desconfortável era pra ser vivida ali e agora. Então depois de poucos dias após a chegada na cidade me vesti para aquele momento

sai pela cidade para conhecê-la e foi de fato mágico. A vida acadêmica não demorou para começar uma das coisas que amo em contradição com o Brasil é que as aulas na Itália nunca começam antes das 9h da manhã, o que automaticamente fazia meu humor mudar drasticamente e me concediam algumas horinhas a mais de sono que pareciam que o dia era de fato mais feliz. As aulas eram em um prédio não muito diferente dos que temos em nossa universidade, cheio de alunos, muitas culturas e diversos cursos. Parecia que no meio daquela multidão eu era muito mais pequena mas que havia encontrado seu lugar no mundo.

Me lembro de enquanto pesquisava "Parma" no google antes de chegar eu buscava me familiarizar com todos os pontos turísticos e locais que eu poderia visitar e por isso me lembro de passar horas pesquisando sobre qualquer informação que me trouxesse proximidade com aquela nova cidade. Até que me deparei com o Teatro Municipal e ao contrário dos teatros a que eu estava acostumada aquele parecia ser local de filmes mas nada "normal" para uma cidadezinha. Logo nas primeiras semanas, após a resolução dos problemas que tínhamos enfrentado, eu e minha amiga que morava comigo decidimos que poderíamos fazer algo novo e nesse momento veio a memória daquele grandioso teatro e parecia o momento certo de conhecê-lo. Descobrimos que estava em cartaz uma peça de canto lírico e em minutos estávamos já com o bilhete em mãos e a animação para aquele momento. A foto a seguir é quando entrei e de cara me encantei com cada detalhe e admito que durante a peça prestei mais atenção ao local do que a própria apresentação. A arte presente em cada cada milímetro daquele espaço preenchia toda a minha atenção então não necessariamente o que vinha a ser a peça seria a parte principal.

Imagem 1 - Teatro Municipal de Parma

Fonte: (Arquivo Pessoal, 2024)

2 O OUVIR

Fazer amizade com nativos nunca foi muito fácil, mas uma vez que há um laço verdadeiro, ele permanece. Isso eu havia aprendido 5 anos atrás no meu intercâmbio escolar, mas agora na universidade isso parecia um pouco mais difícil. A cultura italiana muitos di-

zem ser muito parecida com a brasileira, mas quando confrontada elas se diferem principalmente na hora da socialização. O Brasil é o país em que o novo é recebido com louvor, a curiosidade atrai olhares e logo amizade é consequência. Nesse momento, percebi que mesmo falando italiano, o nativo vê o imigrante, o aceita mas nem sempre é acolhido em sua totalidade, talvez porque não há tanta curiosidade pela América Latina como têm dos Estados Unidos ou países europeus nórdicos. Afinal o que teríamos para acrescentar aquele país já desenvolvido? Uma vez que compreendi esse problema toda oportunidade de fala que possuía eu utilizada de forma a trazer uma ideia contraintuitiva do Brasil. Explicando dessa forma pode soar como uma militante do país ou uma patriota convicta, não saberia definir, mas a boa notícia funcionou. Apresentar o Brasil em sua totalidade, seja cultural e não somente o "samba e o carnaval", a liberdade de expressão que vai muito além de dançar por aí e poder expressar sua fé de tal forma que em cada esquina é possível encontrar uma nova religião, cultura me fez apaixonar novamente o Brasil e vê-lo de longe, deu saudade.

Para continuar conhecendo novas pessoas, aceitei o convite da Universidade e comecei a participar dos eventos dos estudantes internacionais apesar de praticamente não conhecer ninguém. O primeiro que participei foi um karaokê após uma palestra de boas vindas e a informalidade do evento conseguiu reunir diferentes culturas e conversar e fazer amizades foi facilitado. É interessante pensar como a música une os povos, independente se o estudante era da Ásia, América Latina ou europeu, as clássicas músicas internacionais todos conheciam e cantavam juntos. Esse momento foi lindo porque as palavras não eram necessárias para estivéssemos unidos. A música tinha feito o seu papel, e eu amo música apesar de não tocar instrumentos, amo apreciar sempre que possível, sempre traz emoções e posso afirmar que tem músicas que marcaram esses 6 meses, trazendo à memória momentos que novamente as palavras não foram necessários, a música novamente fez seu papel único de unir e os povos.

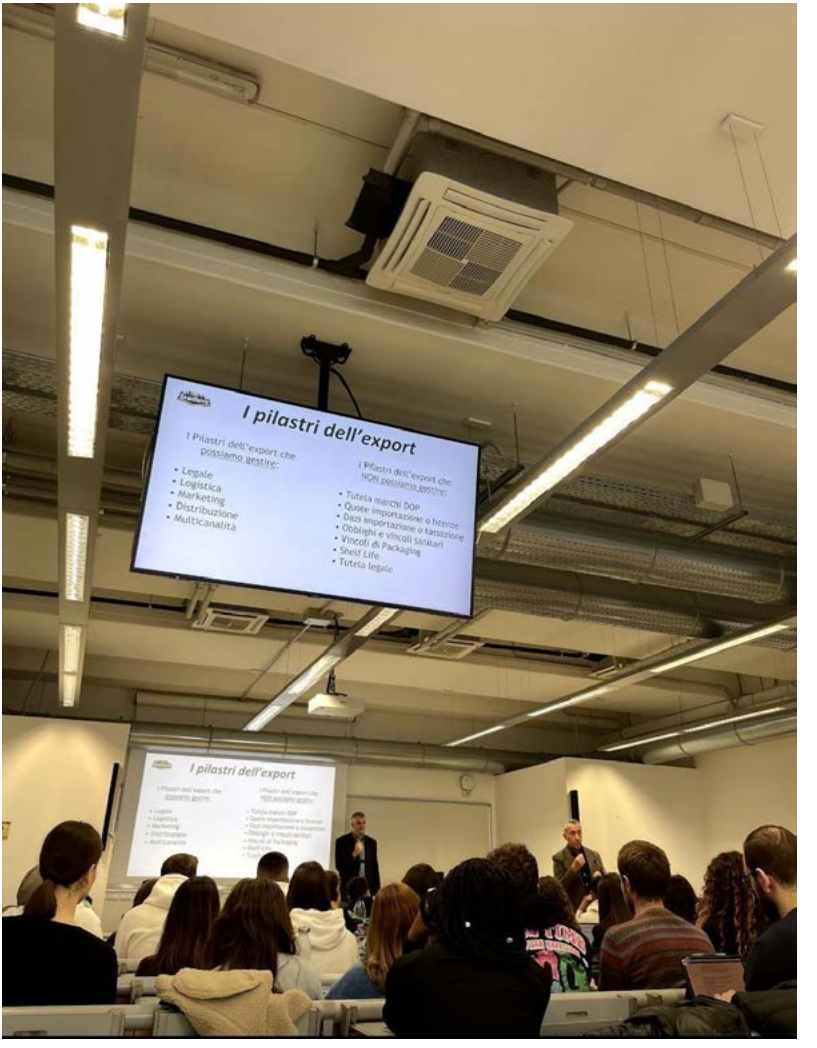
Paciência foi uma habilidade que pude desenvolver melhor durante o intercâmbio, principalmente no início, a alegria de estar lá era constantemente confrontada com algo que precisava ser ajustado, às matérias que eu havia escolhido meses antes não podiam mais ser realizadas então lá estava eu dia a dia atrás de um tutor universitário para me ajudar a me encontrar, até que enfim me en-

contrei. Apesar de ir contra o conselho de amigos que haviam feito e estavam fazendo intercâmbio, escolhi 5 matérias que ocupavam minha manhã e algumas tardes mas havia paz em meu coração com aquela escolha e apesar de todo dia chegar cansada no nosso apartamento eu estava de fato feliz.

No Brasil sou graduanda de Relações Internacionais, então por conselho da coordenação escolhi cursar matérias que poderiam ser equivalentes quando eu voltasse para a universidade, mas sem deixar de aproveitar uma oportunidade única de aprender algo novo. Antes de cursar a graduação atual como qualquer adolescente frente a uma decisão que pode mudar sua vida por completo, fiquei com dúvidas. Mas a escolha que fiz eu não me arrependo, pois me trouxe até aqui e durante o intercâmbio podemos testar novas oportunidades como a matéria que decidi estudar: marketing. Para mim foi algo novo mas que me cativou ao longo do semestre e definitivamente após o final da minha graduação quero continuar estudando. Isso me mostrou que de fato essa experiência mexe conosco de várias maneiras, inclusive com as nossas aspirações futuras após esse semestre.

Uma das partes que mais gostei foi ser surpreendida com aulas e palestras com os próprios manager e administradores das empresas que ao invés de pedir um representante vieram nos apresentar em sala de aula suas estratégias de crescimento empresarial com base nas matérias que havíamos aprendido. Por isso na prática muitas coisas se tornam de fato mais claras, por isso fiquei muito feliz em entender de fato argumentos que antes pareciam incompreensíveis no ambiente acadêmico, mas a disposição e interesse empresarial nas universidades trouxe mais clareza sobre esses temas.

Imagem 2 - Sala de aula na Università Degli Studi di Parma.



Fonte: (Arquivo Pessoal,2024)

Quando chegava o fim de semana ou um feriado, esse era o momento que eu ficava feliz de ter escolhido a Europa como local do intercâmbio, tudo é bem mais perto que no Brasil. Eu por exemplo moro em Belo Horizonte e tenho parentes que moram no Norte de Minas e para rever minha avó, muitas vezes eu e minha família já fizemos um "bate-volta" de 8 horas somente para estar com ela um fim de semana, mas era evidente o cansaço que essa viagem

causava. Na Itália, o fato de em uma hora estar em um grande ponto turístico e em 2 horas em um novo país, parecia muitas vezes surreal. Assim, a oportunidade de conhecer não somente países mas mais da cultura europeia era única, logo eu tive que aproveitar. Aprendi que é necessário planejamento para que uma viagem aconteça, mas que também possibilita que outras ocorram. Dessa forma, a viagem que mais me planejei para que pudesse ocorrer foi em abril, quando eu pude realizar o meu sonho de trazer a família para me visitar. Minha irmã Giulia, juntamente com minha prima Juliana, vieram me encontrar na Páscoa desse ano, 2024. Minha prima nunca tinha viajado antes de avião e minha irmã somente algumas vezes antes desse episódio e toparam o desafio de irem sozinhas até a Itália. Elas chegaram em Roma, e quando estavam a caminho, eu e minha amiga que dividimos o apartamento fomos para Roma. Nosso meio de transporte foi ônibus e por esse motivo, infelizmente chegando em Roma tinha um trânsito que nos atrasou consideravelmente frente a programação que havíamos. O combinado foi de eu ir buscá-las no aeroporto e minha amiga iria buscar a chave do Airbnb. Tudo certo até que estava de noite, quase madrugada e as meninas contavam comigo e eu não tinha nenhum meio de comunicação com elas até o pouso, logo a única solução era cumprir com o combinado. Chegamos na estação e por questão de minutos eu consegui pegar o último trem com direção ao aeroporto. Hoje eu conto esse episódio rindo, mas naquele momento foi emocionante e estressante ao mesmo tempo. Eu não imaginava a emoção que seria rever a família depois de tanto tempo, viver no exterior traz uma emoção em viver novas experiências que por um momento suprem a saudade de casa. Porém, ao portão abrir eu eu receber o abraço de caso trouxe todo esse conforto de volta, que eu nem sabia que sentia tanta falta. A foto a seguir, foi o dia seguinte à chegada das meninas e pude andar pelas ruas de Roma muito bem acompanhada, pois mesmo longe eu estava em casa, pois descobri que "casa" é onde o coração está.

Imagem 3 - Laura e sua irmã Giulia na Fontana de Trevi, Roma.

Fonte: (Arquivo Pessoal, 2024)

Vivenciamos 15 dias intensos, cheio de viagens, comida ítalo-brasileira e muitos momentos que me fazem sorrir independente do momento em que eu estiver, pois foi de fato um sonho realizado. Quando chegou o momento de levá-las de volta ao aeroporto parecia que não era real, a presença delas nesses dias tinha sido tão intensa que já era normal, até o momento do adeus. Nesse momento, percebi que a jordana de intercâmbio era minha, a decisão

de vir morar fora era minha e apesar do orgulho que sentia de mim mesma, a saudade de casa apertou e os dias que se seguiram posso afirmar que foram os mais difíceis durante todo o intercâmbio, parecia que uma parte de mim tinha ido junto. Com alguns dias, fiquei melhor, a alegria voltou e o desejo de aproveitar os meses que estavam por vir veio e me trouxe a esperança de que ainda tinha muito por vir.

Imagem 4 - Laura no ponto turístico "Ponte Vecchia" em Florença.

Fonte: (Arquivo Pessoal,2024)

Assim que as férias começaram, a oportunidade de viajar novamente e conhecer novos lugares chegou, e posso dizer com todas as letras que a cidade que mais gostei e voltaria quantas vezes fosse necessário foi Florença, Toscana italiana. A cidade que marcou a Idade Média, foi o centro do renascimento e da arte e até os dias atuais é constituída por história que me encantou. A Foto a seguir é as margens do rio que corta a cidade e atrás está a Ponte Vecchio, um dos pontos turísticos mais famosos da cidade.

Uma vez li que uma viagem se vive 3 vezes, quando se planeja, quando se vive e quando se recorda. E é a mais pura verdade, nunca antes ter viajado a Parma ou imaginar como seria ingressar em uma universidade italiana parecia em diversos modos na minha mente. Mas devo admitir que apesar de tentar, nada se compara ao vivenciar de cada cada experiência dentro de um intercâmbio. Hoje posso dizer que a minha experiência, olhando para trás, foi completa nos 5 sentidos, sendo eles audição, visão, olfato, tato e paladar. Quando escuto alguém falar ou pronunciar algo em italiano me sinto transportada novamente para meu intercâmbio. O cheirinho de manjericão na comida ou o gosto de "gelato" bem cremoso. Pensar no intercâmbio por meio dos sentidos me traz a memória até mesmo o sentimento de sentir o maior frio da minha vida e que aqui no Brasil dificilmente sentirei novamente.

Admito que no início surgia até certo ciúmes como se algo me pertencesse e não está mais comigo, e aquilo que vivi não terminasse ali. Assim ver alguém da minha vida "brasileira" passando por onde estive ou até mesmo demonstrando certa a proximidade com esse novo país que chamei de lar traz uma inquietação, às vezes eu pensava que era ciúmes de fato, mas hoje imagino que era esse desejo que reviver tudo de novo.

Parma foi uma cidade que me abraçou e me relembrou o motivo de eu sempre amar a Itália, desde o clima até os meus estudos, o poder de compra no supermercado a todos os parques e espaços abertos pela cidade. Esse compilado de atos me fez desacelerar, viver a vida com calma, caminhando ao invés de pegar o trânsito de Belo Horizonte, tendo tempo de tomar café com um amigo enquanto se estuda e faz sua rotina diária, o que tornou minha vida mais doce, mais feliz. A foto a seguir eu tirei na última semana em Parma, eu estava atravessando a rua em que eu morava, e por um momento parei no meio da rua quando olhei para a frente e me dei conta que pôr do sol estava bonito demais para não ser admirado e

passou um filme na minha cabeça com tudo o que eu tinha vivido ali e a eu estava prestes a dizer adeus.

Imagem 5 - Rua que Laura morou durante seu intercâmbio em Parma.

Fonte: (Arquivo Pessoal,2024)

O retorno para casa nem sempre é como esperado, semanas antes de voltar surgiram várias ideias de como de fato seria, rever seus pais, minha irmã e amigos. Como seria a mudança radical no

ritmo de vida, pois em em horas de viagem eu estaria em outro país, com novo idioma, cultura e seus diferentes modos de ser. Da primeira vez que morei na Itália e voltei o retorno foi bem conturbado, eu estava voltando dias antes do início da pandemia de COVID-19 e a infelicidade do mundo também me atingiu naquele momento e eu temia que de alguma forma, meu novo retorno fosse parecido. Felizmente eu estava errada, voltar para casa teve um mix de emoções em voltar ao lar e minha zona de conforto e a certeza que nada seria igual. Me lembrou que no meu retorno de volta para casa, tive uma longa escala em Portugal antes de de fato pegar meu voo de volta para Belo Horizonte. Foram horas de me deram oportunidade de aguardar o sol amanhecer em Portugal na expectativa de ver a informação no telão: embarque em andamento. O voo em si pareceu rápido, talvez pelo cansaço em que eu estava, e logo foi anunciado que estávamos em processo de descida e eu deveria estar quietinha no meu lugar. Aos poucos pela janela do avião começaram a aparecer as montanhas de Minas Gerais e chegamos em solo brasileiro. De fato ver minha família depois de tanto tempo, especialmente meus pais que fazia ainda mais tempo foi muito emocionante, o intercâmbio nos tira as palavras muitas vezes é aquele momento foi uma dessas situações. Eu só fiquei ali abraçada com eles curtindo aquele momento. Ali naquele momento parecia que o mundo em que eu vivia havia dado uma pausa e eu dei o "play" de onde eu havia parado e estava pronta para prosseguir, mas dessa vez sem os traumas e preocupações que meu imaginário havia criado.

Voltar a fazer o que era a minha rotina no primeiro momento parecia tudo novo, apesar de uma vez ser o que era o meu "normal" e diário foi estranho, como eu disse anteriormente a experiência dos 5 sentidos veio a toda novamente. Principalmente quando se passa tanto tempo longe, sentir o cheiro de casa, comida de mãe e até mesmo ouvir português novamente todos os dias me ajudaram a voltar a rotina, trazer à tona essas essas memórias não íntimas quanto necessárias para que eu pudesse me acostumar novamente a viver no Brasil. Esse processo durou mais ou menos um mês, de me acostumar novamente, é uma vez que isso aconteceu. Houve uma fusão da Laura antes do intercâmbio, Laura no intercâmbio, para criar uma nova versão de mim que pudesse ser a junção das minhas diferentes facetas.

Ao voltar ao meu novo cotidiano, me tornei mais silenciosa do ponto de vista cultural. Queria ouvir mais e dar menos comen-

tários, primeiramente porque eu sabia identificar melhor esse momento apenas de estar em silêncio e absorver aquele conhecimento ou simplesmente ser uma boa ouvinte. Mas em contrapartida,nem todos à minha volta estavam prontos para uma conversa em profundidade sobre temas que tenho maior proximidade como o desejo por conhecer o mundo e estar aberta a novidade. Para muitos o conhecimento superficial e base é suficiente, não que seja algo ruim permanecer dentro de sua zona de conforto e suas próprias fronteiras, mas para mim eu sempre quis mais. Em contrapartida, percebi que eu possuía muito conhecimento ainda havia muito a ser aprendido e por esse motivo eu sabia então pouco, e quem sabe pouco deve estar em silêncio para aprender. Essa afirmação forte mudou de certa forma a minha forma de agir, a interculturalidade faz isso, eu aprendi tanto e ainda achei pouco e queria e quero mais.

Têm um autor chamado Walter Mignolo que discorre sobre o tema consciência mestiça e acredito que pode me ajudar muito a passar pelo processo de retorno ao lar. Ele diz que a consciência mestiça refere-se ao sentimento de fratura entre «ser» e «estar» experimentado por aqueles que estão deslocados em relação ao espaço geopolítico da modernidade. Em resumo, a consciência mestiça é uma forma filosófica de estar no mundo que rompe com as epistemologias eurocêntricas e revela a pluralidade de saberes na América. Assim, eu como uma brasileira com descendência italiana que está em um constante ir e vir, de certa forma trouxe um desconforto de consciência, mas que ao ler me percebi em uma forma de consciência em movimento, e tá tudo bem. Estar caminhando para se descobrir como pessoa, indivíduo que não é somente caracterizado pelo local, família e espaço geográfico. Somos todos nós muito mais que isso, e espero que cada um encontre seu caminho para se descobrir, para mim o intercâmbio teve grande peso sobre essas descobertas e indico que todos possuam essa oportunidade.

Assim como eu escrevi na inscrição do intercâmbio, tudo aquilo que vivi seria utilizado para compartilhar conhecimento. Reconheço que nem todas as pessoas em graduação ou não possuem essa oportunidade e seus impactos no ser humano que estou me tornando é diretamente impactada. Empatia e senso de pertencimento, conhecimentos internacionais e interculturais são algumas das novas habilidades aprimoradas no sentido social e no âmbito profissional nos coloca em uma posição em vantagem por pela experiência internacional tão bem vista no mercado de trabalho. Por-

tanto, se de alguma forma eu puder contribuir e compartilhar o que aprendi fico muito feliz.

Redigir sobre essa experiência foi muito proveitoso não somente por poder compartilhar o que aprendi seja por meio da graduação mas também das experiências do dia a dia no exterior. Acredito que esse contato direto com o intercambista por meio deste artigo, não somente o meu mas de todos os colegas que também compartilham comigo desta experiência pode não somente inspirar outras pessoas que compartilham do mesmo sonho que eu de viajar o mundo, mas também criar uma comunidade de jovens engajados com o compartilhamento do conhecimento que faz com que não seja somente ver, ouvir e escutar, mas também seja acrescido o verbo de "agregar" para essa grande comunidade do saber.

Agradeço a oportunidade criada pelo professor Edmar, pois sem sua iniciativa não seria possível a criação deste artigo, ademais, agradeço a todos os que lerão as minhas palavras e contribuíram para que minha caminhada fosse carregada de experiências que me fizeram ser a pessoa que sou hoje.

Se Redescobrir no Desconhecido: A Jornada Pessoal de um Intercâmbio

Rediscovering Oneself in the Unknown: The Personal Journey of an Exchange

Redescubrirse en lo Desconocido: El Viaje Personal de un Intercambio

Amanda Moreira Santos[1]

Recebido em: 21 de Dezembro de 2024
Aprovado em: 28 de Abril de 2025

RESUMO

Este artigo apresenta uma narrativa reflexiva sobre a experiência de intercâmbio acadêmico de Amanda, nos Países Baixos. Abordando questões de adaptação cultural, vida cotidiana, convivência com colegas de diferentes nacionalidades, estudos e viagens, a narrativa é estruturada em torno de episódios vividos e reflete sobre a experiência de se redescobrir em um novo local, afastado das familiaridades de casa. O objetivo é fornecer uma perspectiva sobre as nuances e complexidades de viver em um ambiente internacional, além de relatar os impactos dessas vivências na formação pessoal. A abordagem segue um formato autobiográfico, relatando desafios e conquistas no ambiente acadêmico, bem como os aspectos culturais e sociais vivenciados.

Palavras-chave: intercâmbio, vida acadêmica, adaptação cultural, desenvolvimento pessoal, Países-Baixos.

Rediscovering Yourself in the Unknown: The Personal Journey of an Exchange Student

ABSTRACT

This article presents a reflective account of Amanda's academic exchange experience in the Netherlands. Addressing issues of cultural adaptation, daily life, living with colleagues of different nationalities, study and travel, the narrative is structured around episodes lived and reflects on the experience of rediscovering oneself in a new place, far from the familiarities of home. The aim is to provide a perspective on the nuances and complexities of living in an international environment, as well as reporting on the impact of these experiences on personal formation. The approach follows an autobiographical format, recounting challenges and achievements in the academic environment, as well as the cultural and social aspects experienced.

Keywords: exchange, academic life, cultural adaptation, self development, Netherlands.

1. Graduada em Relações Internacionais pela PUC Minas. Email: amandamoreirasts@gmail.com

Redescubrirse en lo desconocido: el viaje personal de una estudiante de intercambio

RESUMEN

Este artículo presenta un relato reflexivo de la experiencia de intercambio académico de Amanda en los Países Bajos. Abordando cuestiones de adaptación cultural, vida cotidiana, convivencia con compañeros de distintas nacionalidades, estudios y viajes, la narración se estructura en torno a episodios vividos y reflexiona sobre la experiencia de redescubrirse a uno mismo en un lugar nuevo, lejos de las familiaridades del hogar. El objetivo es ofrecer una perspectiva sobre los matices y complejidades de vivir en un entorno internacional, así como dar cuenta del impacto de estas experiencias en la formación personal. El enfoque sigue un formato autobiográfico, relatando los retos y logros en el entorno académico, así como los aspectos culturales y sociales experimentados.

Palabras clave: intercambio, vida académica, adaptación cultural, desarrollo personal, Países Bajos.

1 CHEGAR: O OLHAR E OUVIR

Com certeza não foi a primeira vez que isso me aconteceu, mas aquela foi certamente a vez na qual pude notar com mais clareza. No início do ano de 2021, assisti ao documentário "Meu professor polvo", no qual um cinegrafista - Craig Foster - exausto da rotina de trabalho decide retornar a sua cidade natal na África do Sul para tirar férias (Ehrlich; Reed, 2020). Lá, ele volta a realizar uma de suas atividades preferidas de infância: mergulhar na floresta de algas. Em um de seus mergulhos, Craig acaba por encontrar um polvo e decide voltar diariamente para visitar o animal (Ehrlich; Reed, 2020). Dentre as belas paisagens e lições presentes no documentário, o que mais me encantou foi conhecer uma realidade a qual eu não fazia ideia que existia. Eu nunca tinha ouvido falar que haviam florestas aquáticas e pessoas que saiam para explorá-las frequentemente. Foi aí que percebi o quão incrível é que existam lugares tão diferentes ao redor do mundo e, portanto, pessoas que tenham crescido em realidades totalmente distintas. Me dei conta que algo que eu não queria mesmo desperdiçar era a oportunidade de conhecer outros lugares e seus diferentes modos de vida. Então, quando me defrontei com a possibilidade de um intercâmbio, soube que deveria abraçá-la. Foi assim que, em 16 de agosto de 2023, coloquei meus pés em um novo continente, em um país com ciclovias mais movimentadas que ruas e casinhas estreitas e altas que mais parecem prédios.

Localizada na Europa Ocidental, a Holanda é um país multicultural, dos quais 25% de seus 17,8 milhões de habitantes são considerados estrangeiros. Amplamente reconhecida por símbolos como os moinhos de vento, o queijo, a cerveja e os coffeeshops, descobri

que a sociedade holandesa possui muito mais conteúdo e valores, que podem ser vistos até mesmo por trás desses estereótipos. Em comparação ao Brasil, o território dos Países Baixos é bem menor e portanto, ainda que a cidade em que morei não seja formalmente pequena - é a terceira maior cidade do país -, suas proporções não se comparam às da minha cidade natal, Belo Horizonte. Haia é um relevante centro político, não apenas para a Holanda, mas também para o mundo todo. Abrigando importantes instituições internacionais, como a Corte Internacional de Justiça e o Tribunal Penal Internacional, a cidade é vista como um símbolo de paz e justiça. Ela está localizada na costa do Mar do Norte e acomoda a sede do governo desde o século XIII.

Com uma estrutura bastante acolhedora, repleta de parques e ruas para passeio, Haia me deixou encantada. No dia em que cheguei, em uma tarde de sexta feira, tive ajuda de um amigo brasieliro, Jorge, que também havia ido para o programa de intercâmbio, para pegar as chaves e carregar as malas até o local em que moraríamos. Na rua Waldstraat, número 74, em um prédio de 23 andares com fachada exatamente igual a um outro prédio à sua direita, moraria não só eu, como também, a maioria dos intercambistas que frequentariam a The Hague University.

Ao abrir a porta do apartamento, já pude conhecer uma das meninas que moraria comigo: uma espanhola, que também tinha 20 anos, e se chamava Sarah. Sarah e eu chegamos no mesmo dia, em um apartamento que não tinha os materiais que nos deveriam ser fornecidos no aluguel. Após acomodar as malas e nos apresentarmos, saímos em busca de algo para comer e de alguém que pudesse arranjar as caixas com panela, roupa de cama e materiais de limpeza que não haviam sido colocadas no nosso apartamento. Quando voltamos do supermercado, as coisas que faltavam já estavam ali.

No dia seguinte, uma manhã de sábado ensolarada (o que, acredite, ficou cada vez mais raro com o decorrer dos meses), eu, Sarah e Jorge saímos para explorar a cidade. Andamos até o centro, exploramos os restaurantes, as estreitas ruas perpendiculares e o Palácio da Paz. Voltamos para casa conhecendo um pouquinho de onde estaríamos nos próximos meses e de algumas das pessoas com quem dividiríamos aquela experiência.

Na segunda-feira, minha primeira semana de aulas começou. Naquele momento, as atividades eram somente introdutórias, vi-

sando explicar o funcionamento da universidade e integrar os alunos. Em meio a palestras e dinâmicas em grupo, conheci Céline, uma menina francesa, e Yumi, uma japonesa, que eu ainda não sabia, mas que me acompanhariam por todo o semestre.

2 ESTAR: O INTERAGIR

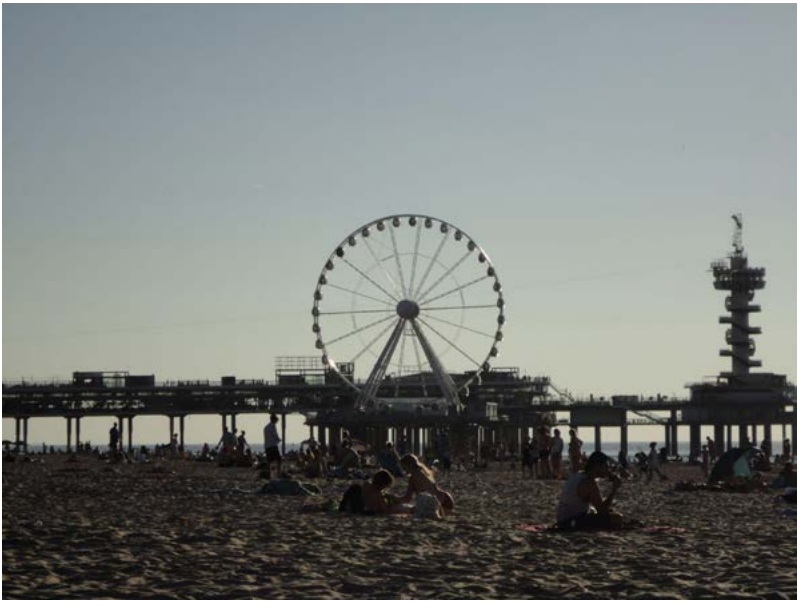
Assim como no documentário, quando Craig conta que entrar no mar gelado, a 8º ou 9º graus, para chegar à floresta de algas não era tarefa fácil (Ehrlich; Reed, 2020), as minhas semanas de adaptação também não foram. Os primeiros finais de semana foram solitários e os dias nos quais eu não tinha aula demoravam a passar. Apesar disso, eu sabia que era necessário enfrentar o desconforto e me acostumar à temperatura para chegar à minha própria floresta de algas. Achei muito interessante notar que, apesar de gostar do desconhecido e de conhecer novos lugares, me vi procurando constantemente por algo já habitual. Por vezes até considerei falar com pessoas no supermercado só porque as escutei conversando em português.

Nesse momento inicial, a familiaridade foi um fator crucial. Mesmo não conhecendo muito os outros alunos da PUC Minas que também embarcaram para Haia, eu, Jorge e Gabriel nos unimos devido à nacionalidade comum. E essa amizade com os brasileiros acabou me trazendo também amigos mexicanos. Conheci Juan Pablo, Costanza e Lu em um fim de tarde no apartamento do Gabriel. Lembro de que todos tomavam cervejas e eu cheguei com uma cidra de maçã. Logo depois, sugeriram que fizéssemos um rodízio de bebidas, passando nossos copos para a pessoa ao lado até que o ciclo se completasse e cada um recuperasse suas bebidas originais. Não tenho certeza se essa foi a causa principal, mas ter de bebericar cervejas - algo que não gosto - enquanto via minha cidra rodar na mão de pessoas que acabava de conhecer não me trouxe a melhor impressão do grupo. Apesar disso, à medida em que nos encontrávamos, passei a gostar cada vez mais do nosso grupo de "brasicanos"2.

No início de setembro, quando os dias ainda eram longos e quentes, fui com minha amiga francesa a uma feira no centro da cidade, em frente ao lago que circula o parlamento. Eu já havia dito

2. Apelido que concedemos ao grupo com a junção dos gentílicos brasileiro e mexicano.

à Céline que desejava uma bicicleta para poder viver a experiência holandesa de forma ainda mais genuína, e foi então que ela me contou que seu locatário havia comprado uma nova bicicleta para ela e portanto, possuía uma sobrando a qual poderia me emprestar. Durante essa semana, as idas à praia foram muitas e, apesar do vento e da água gelada, tive momentos muito agradáveis com meus amigos. A praia de Scheveningen foi definitivamente o local com mais conchas que já vi, formando uma barreira que muitas vezes até machucava os pés antes de alcançarmos o mar. A água, contudo, era calma, e tudo ficava ainda mais bonito com a imagem do píer de fundo. No fim da semana, voltei para casa com minha bicicleta emprestada e uma empolgação ainda maior para explorar tudo pedalando.



Píer em Scheveningen. Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Também nesta primeira semana de setembro, conheci a segunda menina com quem dividiria apartamento. Ini era uma sul coreana bem tímida e tranquila. Conversando com ela enquanto entendíamos como utilizar a máquina de lavar, descobri que ela também gostava de dançar. A convidei então para algo que já queria fazer desde que soube que me mudaria para a Holanda: uma aula experimental de *hip hop*. Desde de pequena, a dança sempre foi algo presente na minha vida, entretanto, com a rotina de faculdade

acabei deixando-a para trás. Quando notei que teria mais tempo livre em Haia, logo procurei um estúdio de dança, encontrando um a poucos metros de onde morava. Eu e Ini nos divertimos muito nessa primeira aula e, apesar dela não ter dado continuidade, eu segui na turma até o fim da minha experiência de intercâmbio. H3C, o estúdio o qual frequentei, é definitivamente uma parte do meu intercâmbio que levo com muito carinho. Foi lá que conheci amigas holandesas, encontrei um espaço de reconexão comigo mesma e dispersei a ansiedade diversas vezes.

O mês de setembro foi marcado por muitas novidades, eventos na faculdade, jantares com amigos, passeios, festas e um sentimento de "casa" que finalmente começava a se instaurar. Antes que outubro chegasse também conseguimos conhecer outra cidade holandesa, Delft, e nos aventuramos na primeira viagem a outro país: a Bélgica. Localizada a apenas quatro horas de ônibus de Haia, Bruxelas trouxe algumas novidades. Com uma estética e arquitetura bastante distinta da dos Países Baixos, a cidade me fez refletir mais uma vez sobre a história, as influências e as necessidades de cada povo, que se traduzem em locais tão únicos e diferentes daqueles aos quais estou habituada. Lá também tive a oportunidade de experimentar novos sabores, conhecer pontos turísticos e suas histórias, praticar um pouco de francês e aprender que, diferentemente do Brasil, os ônibus de viagem europeus não param em rodoviárias, mas sim, em um simples ponto de ônibus.

Na faculdade, tudo também corria bem. Apesar de em um momento inicial ter tido certa dificuldade com o sistema utilizado para a montagem do quadro de horários, agora já havia planejado as disciplinas do meu semestre e uma rotina começava a se formar. Minhas aulas aconteciam de segunda a quinta e tratavam de temas como a cultura e a sociedade holandesa, sustentabilidade, mídia e política, marketing, questões de desenvolvimento global e também a aprendizagem da língua holandesa de forma básica. Os professores eram muito bons e as aulas, interessantes, sem contar que a faculdade realizava múltiplas feiras e eventos para a socialização dos alunos. O prédio moderno e, apesar de aparentar pequeno por fora, amplo e muito espaçoso, contava com cantinas, uma biblioteca muito bem equipada, diversos espaços de estudo e um *hall* central no qual muitas vezes podíamos encontrar eventos com bebidas e petiscos típicos, além de atividades culturais e até mesmo Oscar, um homem que ficava sentado em uma cadeira salva vidas, pronto

para conversar com qualquer aluno que o procurasse. A faculdade era um local muito acolhedor e agradável de se frequentar.

No meu apartamento, os hábitos também começam a aparecer, contrastando as diferenças de personalidade e nacionalidade. Enquanto Sarah tinha uma vida noturna mais movimentada e não se preocupava tanto com a organização de seu quarto e áreas comuns, Ini era bastante criteriosa com seus pertences e o espaço que dividíamos, de modo que ao longo das semanas passou a frequentar cada vez menos a cozinha, com o intuito de, acredito eu, evitar desconfortos e desentendimentos. Eu buscava então, encontrar o equilíbrio nesse contexto, contribuindo o máximo que podia com a limpeza e organização, mas tentando não me estressar com aquilo que não estava ao meu alcance. Fui a festas com Sarah, mas também ao cinema com Ini. Estabeleci o dia no qual limparia meu quarto e quando faria supermercado. A primeira vez que voltei com as compras na cestinha da minha bicicleta - e uma vassoura nas costas, encaixada por dentro da blusa, já que não desenvolvi o equilíbrio holandês de pedalar sem as mãos - foi especial.

Por incrível que pareça, comprar minha própria comida também me proporcionou aprendizados interessantes. Como nunca havia morado sozinha antes, nunca havia sido responsável pelas compras da casa e portanto, me alimentava a partir do que havia sido disponibilizado pelos meus pais. Agora, em um país com uma culinária completamente diferente - e diga-se de passagem, bem mais simples e na minha opinião, não tão gostosa quanto a brasileira - eu poderia explorar não apenas novos ingredientes, mas também novas receitas. Além de produtos prontos, como a deliciosa pasta de biscoff, os biscoitos "filipinos", *stroopwafel*, *kebab* e *kass souflé*, experimentei receitas com *halloumi*, tofu, tempeh - este último me rendeu uma semana comendo algo que não posso dizer exatamente que gostei - e também rolinhos primavera vietnamitas, preparados por minha amiga Céline. Em uma das minhas aventuras culinárias, na tentativa de preparar uma berinjela grelhada, produzi tanta fumaça que disparei o alarme de incêndio. Sarah acordou assustada, me mandando abrir a janela e a varanda. Me senti um pouco constrangida, mas por volta do mês de dezembro, todas do apartamento já haviam tido um incidente com esse alarme, e logo chegamos à conclusão de que ele provavelmente era mais escandaloso do que deveria.

Visitei o Tribunal Penal Internacional e, no último final de semana de setembro fui à Amsterdã encontrar Maria, uma amiga brasileira que também fazia intercâmbio, porém na França. Passamos o dia andando pela capital e, no fim do dia, ao perder meu ônibus e ter de pegar um trem para retornar à Haia, encontrei meus amigos brasileiros e mexicanos indo para um festival de *Oktoberfest* que acontecia no *Grote Markt*, uma praça repleta de bares e restaurantes.

Outubro chegou trazendo vários outros eventos divertidos. No dia três fui com Yumi a uma cidade vizinha, Leiden, onde ocorria o *Leiden Kermis*, uma festa de rua com duração de 3 dias, formada por muitas atrações, luzes e brinquedos de parque de diversões. Exploramos a cidade, fomos em um dos brinquedos - uma espécie de carrossel de balanços, que girava a cerca de 80m de altura - e experimentamos *oliebollen*, doce típico das festas de fim de ano, que lembra um sonho de padaria do Brasil. Nessa semana também fui com Céline jantar em um dos restaurantes à beira da praia. Eram restaurantes lindos e com valores mais altos, porém só estariam ali até o início do outono, que já havia chegado, e portanto achamos que valia a pena ter aquela experiência em Scheveningen ao menos uma vez. As amizades pareciam estar realmente se consolidando e com isso, os finais de semana ficavam mais animados e os planos de viagem, mais complexos. No meio de outubro teríamos nossa primeira semana de férias e decidimos planejar um passeio.

O clima estava começando a esfriar e eu sabia que logo minhas roupas não seriam o suficiente. Convidei Lu, uma das poucas amigas que também possuía uma bicicleta, para irmos pedalando até um brechó, na tentativa de encontrar um casaco mais apropriado para mim. Nesse dia, além de gastar quase uma hora em um trajeto que deveria durar cerca de 20 minutos - já que nos perdemos -, conhecemos uma parte da cidade a qual ainda não havíamos ido, encontramos o casaco e demos início aos nossos passeios de bicicleta juntas.

O recesso se aproximava, mas com ele, também a semana de provas e portanto os momentos de estudo se tornavam mais intensos. Eu teria uma semana destinada a entregar as atividades finais, uma semana de férias e, na volta, provas. Esforcei-me para a entrega dos trabalhos finais - um *podcast* para a matéria de mídia e política e um portfólio para a aula de introdução à cultura e sociedade holandesa - e adiantei os estudos que pude para as provas.

Arrumei o quarto, dei fim às frutas e laticínios e, no sábado pela manhã, iniciei a primeira viagem mais longa. Com apenas uma mochila, bastante abarrotada, parti para Utrecht, uma cidade mais ao sul da Holanda onde passaria apenas para encontrar uma amiga da Romênia e outra da Inglaterra, que havia conhecido ainda no Brasil. Tivemos um dia agradável e fiquei muito feliz com o reencontro. No fim da tarde, tomei um trem para Amsterdã, me encontrando com Jorge, Gabriel, Juan Pablo e Costanza na estação. De lá seguiríamos para Berlim.

2.1 Viagem de férias

Após onze horas de percurso de ônibus, estávamos finalmente chegando à capital alemã. Enfrentadas algumas dificuldades com os *tickets* de metrô e a falta de domínio da língua, deixamos nossos pertences no *hostel* e começamos a explorar a cidade. Passamos pelo famoso memorial do holocausto, presenciamos uma manifestação em favor da Palestina, comemos salsicha alemã enquanto tomávamos cerveja e experienciamos um pouco da vida noturna local. No dia seguinte, passeamos pelo muro de Berlim e conhecemos outros pontos característicos da cidade. Por fim, no terceiro dia fomos a um campo de concentração em uma cidade próxima. O ambiente, como era de se esperar, tinha um clima bastante pesado, gerando uma introspecção e reflexão necessárias para processar aquela parte da história mundial.

Na madrugada de quarta-feira, saímos em direção ao aeroporto, a fim de dar prosseguimento à nossa viagem. Em um voo de uma companhia aérea *low cost*, no qual a gravação de procedimentos de segurança mal conseguiu rodar, aterrissamos em Londres. Com um ar tão intrigante quanto nos filmes, o destino me deslumbrou de uma maneira inesperada. Londres é uma cidade grande, mas tem um simbolismo que não te deixa esquecer onde está. Os característicos ônibus vermelhos, o *Big Ben*, *London Eye, Tower Bridge, Buckingham Palace*... tudo me passava uma certa atmosfera cinematográfica. Na primeira noite jantamos no *pub* do cantor James Blunt e devido à simpatia da gerente, também latino-americana, ganhamos uma sobremesa de cortesia. Foi com certeza um dos melhores restaurantes que conhecemos. Nos dias seguintes, visitamos um parque em frente ao palácio e os tradicionais pontos turísticos, um estádio de futebol, experimentamos um delicioso *english break-*

fast e até arriscamos um passeio na Harrods, a loja de departamento líder em artigos de luxo.

Na tarde de sexta-feira, Jorge, Gabriel, Costanza e Juan Pablo seguiram para o aeroporto a fim de retornar à Haia. Eu, contudo, ainda tinha mais um destino antes de voltar para casa. No mesmo dia à noite, segui para uma região de Londres a qual ainda não havíamos explorado, encontrei uma mercearia brasileira e lá comprei os produtos necessários. Então, segui até a casa da minha amiga Charlotte. Conheci Charlotte na mesma ocasião das amigas que encontrei em Utrecht, uma *Summer School* organizada na minha cidade natal no Brasil. Quando disse que estaria em Londres, ela prontamente se ofereceu para me acolher por uma noite, já que no sábado eu partiria para encontrar outra amiga em comum, na cidade de Cambridge. De posse dos ingredientes, toquei a campainha de Charlotte e, após alguns momentos, eu, ela e Hannah - sua companheira de apartamento - começamos a preparar uma receita de feijão tropeiro. O jantar ficou ótimo e a noite foi bastante divertida. No dia seguinte fizemos brigadeiros, almoçamos e, na parte da tarde, embarquei rumo à minha última parada.

Annelise foi mais uma amizade que a *Summer School* me proporcionou e, por ter crescido na Holanda, foi uma pessoa que me ajudou muito durante os preparativos e ao longo do intercâmbio. Ela mora com seu marido, Louis, em Cambridge, onde me receberam por um fim de semana. Cheguei na parte da noite e, portanto, apenas conversamos e brindamos uma *champagne* - seguindo a tradição francesa de Champagne, onde nasceu Louis, para receber visitas. No dia seguinte visitamos as famosas faculdades da cidade, fizemos um passeio de barco, tomamos um típico chá da tarde inglês e pude conhecer um pouco mais daquele casal que me recebia. Na segunda-feira minha viagem chegou ao fim e eu retornava para casa com muitas memórias boas e as energias renovadas para a semana de provas.

2.2 Retorno a Haia e Fim do Semestre Acadêmico

De volta em Haia, minha primeira prova ocorreria no dia seguinte e a outra, de língua holandesa, em dois dias. Além disso, houve um contratempo na produção de um dos documentos necessários não apenas para a realização da prova, mas para minha própria estadia no país: o *resident permit*.

Entre ligações para o órgão de imigração, e-mails para a faculdade e revisões da matéria, tive a companhia de Yumi para estudar para a última prova e parte do nervosismo logo se transformou em diversão. O fim desse primeiro período do semestre acadêmico foi marcado por uma animada festa de *halloween* e o início de uma configuração um pouco distinta do quadro de horários de aula.

Nas semanas seguintes fui a passeios na praia - agora já sem restaurantes na areia e com um vento ainda mais forte -, visitei o *Rijksmuseum* em Amsterdã com Céline, fiz compras com Costanza, preparei macarrão carbonara com Yumi após termos aprendido a dizer "*Zullen we donderdag spaghetti carbonara maken?*"[3] nas aulas de holandês e fui a passeios de bicicleta com a Lu. Certo dia, passeamos em uma praça próxima ao parlamento para ver as folhas de outono e depois Lu acabou me levando em um café muito aconchegante onde haviam *cookies* de chocolate e baunilha saborizados com rosas. Definitivamente os melhores que já experimentamos. Fee, a dona da cafeteria preparava a massa com todo carinho e maestria. A receita, herança da família - se bem me lembro - de origem indonésia, somada à personalidade de Fee criava naquele ambiente uma atmosfera de mistério e aconchego que se tornou quase um refúgio para nós. Eu e Lu voltamos diversas vezes para comer os deliciosos *cookies* e, até mesmo, conversar com Fee. Em outra ocasião, também em uma saída de bicicleta, decidimos trocar uma ida à biblioteca central para estudar por um passeio no *Haagse Bos*, um parque próximo à estação central, já que o dia estava lindo e o céu, azul. Já em outra ocasião, o vento foi tão forte que foi declarado "código laranja" e fomos obrigadas a trocar as pedaladas por uma conversa na minha varanda, regada a bolo e salgadinhos.

Logo no início de dezembro embarquei em mais uma viagem desta vez, sozinha. Visitei as cidades de Málaga e Barcelona, na Espanha, onde pude encontrar um amigo e familiares que também viajavam por lá. Devo admitir que o que mais me deixou feliz nesse momento foi sentir o calor do sol e vê-lo se pôr depois das 18h, algo que já não acontecia há um bom tempo na Holanda. Retornei à Haia na madrugada do dia 5,

3. Em português: "Vamos fazer espaguete à carbonara na quinta-feira?".

dia do meu aniversário e também quando receberia a visita da minha prima Marina. Dormi algumas horas, me levantei e me preparei para ir buscar Marina na estação. Voltamos ao meu apartamento e conversávamos no meu quarto quando de repente, uma surpresa: Ini nasceu no mesmo dia que eu e, ao ser surpreendida por suas amigas sul coreanas com um bolo, muito gentilmente retirou uma fatia e foi junto a todas elas cantar parabéns para mim. Esse foi com certeza, um dos melhores aniversários que tive até então. No fim do dia, reuni meus amigos e minha prima em um restaurante para celebrarmos e senti uma imensa alegria com aquele amor que recebi de diversas partes do mundo. Até mesmo meus familiares deram um jeito de participar, enviando um buquê de flores e um cartão por meio do Jorge. Uma lembrança com certeza muito especial.

Marina passou 6 dias comigo e nesse período, apresentei a ela Haia e Amsterdã. Fomos à *Mauritshuis*, museu onde está o quadro de Vermeer, da moça com o brinco de pérolas, e também ao Mocco Museum. Fizemos um tour de barco pelos canais com Céline e nos deliciamos com as famosas panquecas holandesas. Visitamos o *christmas market* - uma feira típica com comida, corais e decoração de natal - junto a meus amigos e também fomos à uma festa temática. Quando minha prima foi embora, restavam cerca de duas semanas até que a maior parte das matérias que eu cursava chegasse ao fim e eu tivesse de me despedir de boa parte das pessoas que conheci ali. Me organizei para estudar para as provas novamente, participar dos últimos eventos organizados pela faculdade, aproveitar a companhia dos meus amigos e também dançar na apresentação final do estúdio em que fazia *hip hop*. Apesar de cheios, os dias foram muito divertidos.

No dia da minha última prova, almocei com Céline em um restaurante ao lado da faculdade para nos despedirmos, apesar de saber que provavelmente aquele era apenas um até logo, já que pretendia visitá-la na França antes de retornar ao Brasil. Encerradas as atividades da faculdade no mês de dezembro, se iniciava o recesso de natal. Terminei de arrumar minha mochila de viagem e, ao fim do dia, parti com Gabriel em um ônibus rumo à Praga, na República Tcheca, onde Jorge e Juan Pablo nos esperavam. Infelizmente um dia antes

que chegássemos à capital tcheca, a cidade foi surpreendida por um tiroteio em uma universidade localizada em uma de suas partes centrais. Os amigos que nos esperavam estavam próximos ao local do atentado naquele dia e foram protegidos por uma operação de urgência da polícia; apesar do susto, ficaram bem. Frente a isso, visitamos Praga em um contexto de grande tristeza para a cidade e, ainda prestando todas as condolências a esse evento, tentamos mesmo assim fazer nossa estadia feliz.

2.3 Natal na Europa Central

No dia 22 de dezembro, quando eu e Gabriel chegamos à Praga, fizemos um *tour* pelos principais pontos com Juan Pablo e Jorge, experimentamos o tradicional doce *trdelnik*, e no fim do dia, ao sair para um encontro com nosso amigo Carlos, experienciamos algo incrível pela primeira vez: a neve. Carlos também fazia intercâmbio em Haia, onde morava no mesmo apartamento que Juan Pablo. Sendo natural da República Tcheca e estando de volta em casa para o natal, nos convidou para passar aquela noite com alguns de seus amigos de faculdade no bar que frequentavam regularmente. Saímos do centro de Praga rumo à zona sul com um céu nublado e um pouco chuvoso. No meio do caminho, neve. Não pensamos duas vezes antes de moldar o gelo que caía no chão em pequenas bolas e atirá-las uns contra os outros. Chegamos ao bar molhados, mas também maravilhados por ter experienciado a neve pela primeira vez.

O interior do bar lembrava os filmes estadunidenses. Em um espaço com futebol de mesa e um brinquedo que media sua força ao bater em um saco de pancadas, homens e mulheres arriscavam socos e rebuscados chutes. A decoração era interessante e as pessoas também. Conversamos muito, nos divertimos, experimentamos bebidas locais e voltamos para o *hostel* com outra guerra de bolas de neve. No dia seguinte, partimos para Viena, onde passaríamos a noite de natal. Após cerca de 7 horas parados na estrada - em um percurso que deveria ter 2 horas totais -, chegamos à Áustria bastante cansados. Optamos por iniciar a exploração na próxima manhã e, após caminhar por alguns dos principais pontos turísticos, fomos à busca de um supermercado ou restaurante que pudesse nos receber às 4 horas da tarde na véspera do natal. Após mui-

to procurar, encontramos um local para comer e também levamos pães com linguiça vendidos em um carrinho de rua para nossa ceia. A noite não se pareceu nada com o típico natal em família, mas nos divertimos conversando e ouvindo músicas. Na tarde do dia 25, partimos para Bratislava, onde ficamos apenas um dia e depois demos seguimento à viagem para Budapeste.

Com uma arquitetura fantástica e dividida por um lindo rio, Budapeste foi sem dúvidas, uma das cidades preferidas do grupo. Caminhamos bastante, andamos de patinete às margens do rio Danúbio, experimentamos pratos tradicionais, fomos a feiras e a uma balada local. Diante de muitas memórias e já um certo cansaço, se encerrava nossa viagem de natal. Voltamos à Haia a tempo do ano novo, que passamos reunidos em uma festa com amigos brasileiros, mexicanos e italianos. No primeiro dia do ano, um evento característico holandês nos aguardava.

2.4 A tradição de ano novo e o último mês

Iniciada no ano 1959, por um grupo de cerca de 28 holandeses na praia de Zandvoort, a tradição de mergulhar nas águas do mar nórdico no dia primeiro de janeiro segue viva até hoje, sendo realizada por milhares de pessoas (Mustsee Holland, 2024). Eu, Jorge, Gabriel, Lu, Juan Pablo, Carlos e ainda dois amigos fomos à praia na primeira manhã do ano quando, ao meio dia, corremos ao mar junto a cerca de 10 mil pessoas que usavam toucas laranjas (NL Times, 2024). A experiência, embora congelante, foi bastante divertida e ao fim, tomamos a típica sopa de ervilha holandesa antes de voltar para casa.

Praia no dia do mergulho de ano novo. Fonte: arquivo pessoal, 2024.

O mês de janeiro passou rápido e com ele, o intercâmbio chegava ao fim. Aquelas últimas três semanas foram marcadas pela tentativa de aproveitar ao máximo a companhia de pessoas que eu sabia que demoraria a rever. Fiz sopa de tomate com a Lu, fui à Amsterdã com Gabriel, assisti ao pôr do sol com Juan Pablo. Dei as últimas voltas de bicicleta, explorei novamente as ruas do centro, comi um último cookie e me despedi de Fee. Também fizemos um jantar latinno, com quesadillas, pão de queijo e brigadeiro. Na semana final, recebi em Haia amigos brasileiros que estavam viajando e foi interessante ter uma perspectiva da realidade que me esperava de volta no Brasil.

A última noite de sexta-feira dos intercambistas do prédio 74, na rua Waldstraat, foi marcada pela festa de Paolo, um italiano que também morava lá e anunciou em um cartaz no elevador o evento que ocorreria no 12º andar, para o qual todos estavam convidados. Havia bolo, vinho e muitas das pessoas que, ainda que de maneira coadjuvante na minha história, contribuíram para a grandeza daquela experiência. O fim de semana foi marcado por despedidas e pela transferência das memórias que se passaram ali para dentro de uma mala. O quarto, que após o primeiro mês já tinha fotos e desenhos meus, vida e pertences por toda parte, agora, já era uma tela em branco novamente, preparado para receber uma próxima intercambista. A cozinha e o banheiro já não tinham mais nada e,

apesar de uma leve tristeza pelo que ficava para trás, o sentimento era de gratidão.

3 SAIR: O RELATO

Para mim, é quem temos ao lado que faz tudo valer a pena. Cada um que divide parte da história com a gente e que marca nosso caminho. Nos ver longe das pessoas que amamos, da família e amigos que vemos com frequência, não é fácil, mas também nos traz oportunidades incríveis. Na rotina de casa, faculdade, trabalho esquecemos algumas coisas importantes da vida e, mais do que isso, tornamos algumas coisas sólidas demais. Nos vemos muito certos de como a vida é. Dessa forma, posso afirmar com toda convicção que uma das coisas mais legais dessa experiência de intercâmbio foi me ver com pessoas que não tinham certeza de quem elas eram e, muito menos, de quem eu era. Adentrar algo novo sozinha é sim intimidador, mas ao mesmo tempo, permite descobrir quem se é sem estar preso ao que se era. Reconhecer em pessoas de outras nacionalidades diferentes formas de pensar o mundo e poder discutir isso durante as aulas foi muito interessante. Entender, ao nos deparar com outras perspectivas, que podemos estruturar nossa trajetória de vida também de outras maneiras e, para além disso, compreender o que pode ser feito para manter na nossa vida cotidiana parte daquela empolgação de se deparar com o novo.

Nos aprendizados de um intercâmbio devemos conferir grande crédito aos ganhos acadêmicos, mas também é preciso valorizar o que se ganha de conhecimento de vida. Ter nossa rede de apoio é, sem dúvidas, muito importante e gratificante, é o que nos mantém de pé frente a tantos desafios. No entanto, se afastar dessas pessoas e se ver capaz não apenas de resolver desafios sozinho como também de construir sua própria rede, do zero, também é algo imensamente satisfatório e necessário para a caminhada da vida adulta. Minha experiência ampliou não apenas meu horizonte cultural, mas também me fez valorizar ainda mais a diversidade do mundo, contando com dias repletos de descobertas e oportunidades de aprender sobre outros e sobre mim mesma.

Além disso, o intercâmbio me permitiu notar algo muito curioso ao voltar para casa: perceber a concretização de um sonho. Certa vez vi uma influenciadora falando sobre o luto de se viver o que passou uma vida inteira idealizando. A experiência de inter-

câmbio, assim como para ela, foi para mim algo muito sonhado desde a adolescência e de fato "Quem era eu agora sem os sonhos que motivavam? Para onde ir? O que fazer?". Acho que a beleza de realizar sonhos tão expansivos quanto um intercâmbio é ter horizontes ainda mais amplos para continuar sonhando o futuro.

REFERÊNCIAS

MEU professor polvo [My Octopus Teacher]. Direção: Pippa Ehrlich, James Reed. Produção: Craig Foster, Pippa Ehrlich, James Reed. South Africa: Netflix, 2020. 1 filme (85 min).

MUSTSEE HOLLAND. **New Year's Dive**. Must See Holland, 2024. Disponível em: <https://mustseeholland.com/new-years-dive/>. Acesso em: 10 out. 2024.

NL TIMES. **Record-setting 65,000 join New Year's dives, including 10,000 in Scheveningen**. NL Times, 1 jan. 2024. Disponível em: <https://nltimes.nl/2024/01/01/record-setting-65000-join-new-years-dives-including-10000-scheveningen>. Acesso em: 10 out. 2024.

Chamada de artigos

FRoNteiRA, Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais, publicada pelo Curso de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, dirige-se aos estudantes de cursos de graduação de Relações Internacionais do Brasil – embora aceite artigos de graduandos em outros cursos e/ou de fora do país. Projetada para ser um fórum permanente de expressão e debate entre estudantes, a revista tem como objetivo estimular a iniciação científica. A sua qualidade, reconhecida pelo processo de classificação Qualis/Capes, é assegurada por um Conselho Editorial composto por professores e pesquisadores de todo o país.

Entrega de artigos

A Revista Fronteira opera em fluxo contínuo. Os artigos serão analisados conforme ordem de chegada.

Normas de produção

O artigo deve ser entregue em formato .doc pelo sistema da Revista Fronteira, em que o(s) autor(es) deverão cadastrar suas informações, como, por exemplo, nome completo do autor, o curso de graduação a que está vinculado, telefone e e-mail de contato.

A Fronteira atenta ainda para as seguintes considerações:

1 - O autor deve estar cursando, obrigatoriamente, o nível de graduação ou ter concluído o curso há, no máximo, um ano;

2 - Os artigos enviados devem ser inéditos;

3 - Todo e qualquer artigo enviado à Revista Fronteira será submetido ao Conselho Editorial, a quem cabe a decisão soberana acerca do mérito da proposta;

4 - Os artigos devem ser gravados e impressos em Word, com texto digitado em espaçamento duplo, Times New Roman e corpo 12. Devem conter, obrigatoriamente, entre 30 mil e 50 mil caracteres (incluindo espaços; notas; referências; e palavras e caracteres de quadros, gráficos e tabelas). Além

disso, devem ser acompanhados por abstracts, resumos de 500 a 800 caracteres em português e em inglês, com quatro a seis palavras-chave, em que fique clara uma síntese de propósitos, dos métodos utilizados e das principais conclusões alcançadas;

5 - Os quadros e gráficos devem ser apresentados em folhas separadas do texto corrido, numerados e titulados, com indicação das unidades em que se expressam os valores e fontes correspondentes. Os gráficos e tabelas devem se apresentar, sempre que possível, confeccionados para sua reprodução direta;

6 - As notas devem ser de natureza substantiva, restringindo-se a comentários adicionais do texto. Devem ser alocadas ao final da página, iniciar-se com a chamada numérica recebida no texto, em corpo 10, usando-se espaçamento simples entre linhas e espaçamento duplo entre notas;

7 - Citações, quando necessárias, devem seguir a regra: se menores de três linhas, são inseridas diretamente no texto, entre aspas; se maiores de três linhas, devem constituir parágrafos independentes com espaçamento simples e margem esquerda de 4 cm. Em sequência a cada citação, devem aparecer o sobrenome do autor, o ano da publicação e o número de página;

8 - As referências devem vir ao final do texto, em ordem alfabética, com título do livro ou periódico em negrito. A referência deve conter, na ordem, sobrenome do autor, nome do autor, título, edição local, editora, data. No caso de periódico, é necessário incluir o nome do mesmo após o título do trabalho;

9 - Qualquer dúvida quanto às normas aqui citadas ou a outros modelos de publicação, pede-se seguir as normas da ABNT (para mais informações, verificar http://www.pucminas.br/documentos/normalizacao_artigos.pdf);

10 - A Fronteira se reserva o direito de alterar os originais, a fim de adequá-los às regras acima descritas;

11 - Os trabalhos e artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, de forma que a Revista Fronteira e seus conselheiros não assumem a responsabilidade pelas opiniões expressas.

12 - Autores que solicitarem o arquivamento do artigo durante o processo de submissão ficarão em quarentena mediante novo processo de avaliação.

Telefones para contato: (31) 3319-4257 e (31) 3319-4935. Para mais informações, favor enviar e-mail para fronteira@gmail.com.

Atenciosamente,

Conselho Executivo da Revista *Fronteira*.

Prof. Javier Alberto Vadell
Prof. Leonardo César Souza Ramos
Ana Rachel Simões Fortes
Fabiana Freitas Sander
Fabiana Kent Paiva
Júlia Clara Lúcio de Araújo
Juliana de Faria Campos
Letícia Maria Antunes do Carmo
Matheus de Abreu Costa Souza
Pedro Diniz Rocha
Rafael Bittencourt Rodrigues Lopes
Victor de Matos Nascimento
Vinícius Tavares de Oliveira